Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Margarida Barbosa Silva

Infraestruturas de pertença: Um sistema de equipamentos para a comunidade do Bairro Piscatório de Esmoriz

junho de 2026

Infraestruturas de pertença:Um sistema de equipamentos para a comunidade do Bairro Piscatório de Esmoriz
Margarida Barbosa Silva
UMinho | 2026

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Margarida Barbosa Silva

Infraestruturas de pertença: Um sistema de equipamentos para a comunidade do Bairro piscatório de Esmoriz

Trabalho de Projeto
Mestrado Integrado em Arquitetura
Área de Cultura Arquitetónica

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor José Manuel do Couto Ramos Capela

junho de 2026

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.
Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.
Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Agradecimentos

Gostaria de expressar o meu sincero agradecimento ao Professor Capela, orientador da presente dissertação, pela paciência, disponibilidade e apoio ao longo de todo este percurso. A sua orientação foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. Ao Professor Jorge Branco, agradeço o acompanhamento pontual e a disponibilidade demonstrada, que também contribuíram de forma positiva para esta etapa académica.

Aos meus pais, por estarem sempre ao meu lado, pelo apoio incondicional, pela ajuda constante e por nunca deixarem de acreditar em mim. Às minhas irmãs, um obrigado especial pelo carinho e incentivo.

Aos meus amigos, pelo apoio, motivação e pelos momentos partilhados ao longo deste percurso.

Aos meus amigos de Erasmus, pela forma como sempre me integraram, pela amizade e pela ajuda ao longo desta experiência tão marcante.

Às pessoas de Esmoriz, que sempre estiveram presentes e se disponibilizaram a ajudar, deixo também um agradecimento especial pela proximidade e apoio demonstrados.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, acompanharam e contribuíram para o meu percurso académico e pessoal.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho, bem como as normas aplicáveis de integridade académica e de proteção de dados.

Resumo

A presente dissertação, propõe uma estratégia de intervenção para o Bairro Piscatório de Esmoriz baseada no conceito de "degrowth"[1]. O projeto parte da valorização dos recursos existentes, das práticas locais e das relações comunitárias, entendendo a arquitetura como um instrumento capaz de reforçar a identidade do território e as dinâmicas sociais já presentes.

A investigação centra-se na análise do território de Esmoriz, da sua evolução urbana e das formas de habitar associadas à pesca e à agricultura. Através de trabalho de campo, entrevistas e levantamento das estruturas existentes, foram identificados elementos vernaculares como os armazéns piscatórios, os anexos e os pátios, compreendidos como componentes fundamentais da organização espacial e social do bairro.

Com base nesta leitura, o projeto propõe um sistema modular e adaptável inspirado na tipologia do armazém piscatório, reinterpretando princípios construtivos e espaciais tradicionais de forma contemporânea. A proposta integra espaços de apoio à pesca, hortas comunitárias, áreas de encontro, lazer e partilha, promovendo a relação entre produção, comunidade e território.

A intervenção procura, assim, estabelecer uma continuidade com as lógicas espaciais existentes em Esmoriz, valorizando a memória, a adaptabilidade e a dimensão coletiva como fundamentos para uma arquitetura mais sustentável e enraizada no lugar.

Palavras-chave: Decrescimento, Arquitetura Vernacular, Comunidade, Identidade Territorial.

1 | Latouche, S. (2009). Farewell to Growth. Cambridge: Polity Press.

Abstract

This dissertation proposes an intervention strategy for the Fishing District of Esmoriz based on the concept of "degrowth."[2] The project stems from the valorization of existing resources, local practices, and community relationships, understanding architecture as a tool capable of reinforcing the identity of the territory and the social dynamics already present.

The research focuses on the analysis of the territory of Esmoriz, its urban evolution, and the forms of dwelling associated with fishing and agriculture. Through fieldwork, interviews, and surveys of the existing structures, vernacular elements such as fishing warehouses, annexes, and courtyards were identified and understood as fundamental components of the neighborhood's spatial and social organization.

Based on this interpretation, the project proposes a modular and adaptable system inspired by the typology of the fishing warehouse, reinterpreting traditional constructive and spatial principles in a contemporary way. The proposal integrates spaces supporting fishing activities, community gardens, areas for gathering, leisure, and sharing, promoting the relationship between production, community, and territory. The intervention therefore seeks to establish continuity with the spatial logics already existing in Esmoriz, valuing memory, adaptability, and the collective dimension as foundations for a more sustainable architecture rooted in place.

Keywords: Degrowth, Vernacular Architecture, Community, Territorial Identity

2 | Latouche, S. (2009). Farewell to Growth. Cambridge: Polity Press.

Índice

Agradecimentos....iii

Resumo....v

1. Introdução....9

2. Território....11

2.1 Análise do Território....12

2.2 Relação entre a estrutura habitacional, a rede viária e espaços verdes....18

2.3 Tipos de anexo....23

2.4 Tipologias....26

2.5 Malha....28

2.6 O Bairro Piscatório de Esmoriz: estrutura, forma e dinâmica social....30

2.7 Esmoriz: caracterização e evolução do território....38

3. Tradições e Costumes....49

3.1 Práticas produtivas e saberes locais....50

3.2 Cultura, identidade e vida comunitária....52

4. Estratégia de Projeto....59

4.1 Princípios de intervenção....60

4.2 Organização espacial e lógica de implantação....60

5. Tipologia como Instrumento de Continuidade e de Projeto....65

5.1 Fundamentos teóricos....66

5.2 O armazém piscatório como matriz tipológica....67

5.3 Sistemas modulares, repetição e adaptabilidade....68

6.Proposta dos programas....69

6.1. Principios de Intervenção....70

6.2. Plantas, Cortes, Alçados....74

6.3. Princípios construtivos e materialidade....94

6.4. Sistema modular e construção em palafitas....97

7. Ilustrações Finais....101

8. Conclusão....111

9. Referências Bibliográficas....113

10. Índice de imagens....115

11. Anexo I....131

12. Anexo II....179

1. INTRODUÇÃO

No âmbito da unidade curricular de Atelier Integrado, foi proposto o desenvolvimento de uma estratégia de projeto baseada no conceito de degrowth[3] em grupo de trabalho. Este tema surge como uma forma de refletir sobre modelos alternativos de desenvolvimento, que valorizam os recursos existentes, as dinâmicas locais e as relações comunitárias, em oposição a uma lógica contínua de crescimento e expansão. A partir desta abordagem inicial, surge o interesse em trabalhar no território de Esmoriz.

Trata-se de um lugar marcado por uma forte ligação ao mar e por práticas tradicionais como a pesca e a agricultura, que fazem parte da identidade da comunidade local. Ao mesmo tempo, é um território onde se identificam algumas possíveis potencialidades, nomeadamente a presença de espaços subutilizados e a necessidade de reforçar estruturas de apoio à vida coletiva. Neste contexto, o projeto procura explorar a relação entre arquitetura, comunidade e território, entendendo a intervenção arquitetónica não como um objeto isolado, mas como uma oportunidade para reforçar as dinâmicas existentes. A proposta parte da ideia de que o projeto deve trabalhar com aquilo que já existe, valorizando a identidade do lugar e criando condições para o encontro, a partilha e a continuidade de práticas sociais e produtivas ligadas ao território.

O projeto organiza-se através de um conjunto de componentes articulados que estruturam a proposta e respondem às necessidades da comunidade. O Centro de Encontro e Partilha constitui o núcleo principal, promovendo atividades coletivas e de convivência em torno de um pátio central. O café funciona como apoio, reforçando a vivência quotidiana e a ligação aos espaços públicos. As parcelas agrícolas introduzem a dimensão produtiva, incentivando o cultivo partilhado, enquanto os espaços exteriores, como o campo recreativo e o parque infantil, promovem o lazer e o encontro. Por fim, os armazéns piscatórios assumem um papel estruturante, acolhendo funções produtivas e estabelecendo ligações com o restante conjunto. Em conjunto, estes elementos formam um sistema integrado que articula produção, convívio e uso coletivo.

3| Latouche, S. (2009). Farewell to Growth. Cambridge: Polity Press.

2-TERRITÓRIO

2.1 Análise do território

Esmoriz localiza-se no litoral do concelho de Ovar e caracteriza-se pela sua forte relação com o mar e com os sistemas naturais que estruturam esta zona costeira. A proximidade ao oceano Atlântico, bem como a presença da Barrinha de Esmoriz, das dunas e do pinhal, contribuem para definir a paisagem e a identidade deste território.

Ao longo do tempo, o desenvolvimento de Esmoriz, mais precisamente o Bairro Piscatório esteve associado a atividades tradicionais[4] como a pesca (figura 1) e a agricultura (figura 2). A forma como o território foi sendo ocupado está diretamente ligada ao dia a dia da população. Como muitas pessoas dependiam da pesca e da agricultura, os espaços, da casa e de local de trabalho, foram organizados de maneira prática e próxima dessas atividades, tendo necessidade de se expandir e criar anexos em torno da casa, criando pátios, espaços de encontro informais, como pátios ou zonas abertas, onde as pessoas conviviam, partilhavam tarefas e mantinham relações de vizinhança. Tudo isto contribuiu para um crescimento orgânico da malha territorial, onde a organização do território reflete diretamente a forma de viver, trabalhar e conviver da comunidade. (figura 4), sobretudo no bairro piscatório, onde a agregação de novos edificios/anexos forma espaços entre eles.

As casas foram construídas perto dos locais de trabalho, sobretudo junto ao mar, para facilitar o acesso às embarcações e às zonas de pesca. Os armazéns piscatórios surgiram ao lado dessas habitações, servindo para guardar redes, barcos e outros materiais. Os caminhos e ruelas não seguiram um plano rígido, mas foram aparecendo conforme as necessidades, ligando casas, armazéns e áreas de trabalho, (figura 5).

Apesar das transformações urbanas que ocorreram nas últimas décadas, o Bairro piscatório de Esmoriz mantém ainda vestígios desta relação com as atividades tradicionais.

4 | Junta de Freguesia de Esmoriz. (s.d.). Património etnográfico. https://jf-esmoriz.pt/patrimonio/etnografico/



Figura 3- Ortofotomapa de Esmoriz e envolvente
Fonte: Google Maps



Figura 1- Pescadores em frente a um armazém piscatório a amanhar a rede



Figura 2- Quintal/ Jardim de uma moradora de Esmoriz



Figura 4- Planta cheios e vazios



Figura 5- Planta Estradas/ruelas

2.2- Relação entre a estrutura habitacional, a rede viária e espaços verdes

Ao observar a planta do Bairro piscatório de Esmoriz, percebe-se que a organização das habitações do bairro piscatório está profundamente ligada à estrutura viária e à proximidade da frente marítima. As construções distribuem-se de forma relativamente compacta, formando uma malha contínua que define claramente o núcleo habitacional e reforça a leitura do bairro como um conjunto coeso.

As habitações revelam um caráter evolutivo e adaptável: ao longo do tempo, vão sendo ampliadas conforme as necessidades, muitas vezes através de novos volumes em torno de pátios ou em forma de "L", (figura 6 e 7). Os espaços que resultam dessas adições assumem funções complementares do quotidiano, como estender roupa, pequenas atividades domésticas ou áreas de quintal (figura 9) que contribuem para uma vivência mais informal e funcional do espaço privado. A implantação ao longo dos arruamentos, geralmente alinhada com as vias, reforça a relação direta entre casa e rua, tornando clara a transição entre o espaço público e o privado.

Um aspeto particularmente relevante na leitura da planta (figura 9) é a presença e distribuição dos espaços verdes. Estes surgem de forma fragmentada, mas estratégica, intercalando-se entre o tecido edificado. Existem áreas de verde-privado associadas às habitações, que funcionam como extensões do espaço doméstico, e manchas de verde-público (figura 9) que introduzem "respiros" na malha urbana mais densa. Para além disso, as zonas de pinhal e vegetação mais natural, localizadas sobretudo na periferia, desempenham um papel fundamental na transição entre o tecido urbano e a paisagem envolvente.



Figura 9- Planta de tipos de verdes



Figura 6- Planta esquemática de uma casa em Esmoriz que foi crescendo ao longo dos anos.
Fonte: Atelier Integrado Margarida Silva, (Isabela Borges e Isabella Coutinho)



Figura 7- Alçado da planta da figura 6.
Fonte: Atelier Integrado Margarida Silva, (Isabela Borges e Isabella Coutinho)



Figura 8- Foto da casa da figura 6 e 7.

No Bairro piscatório, o tecido apresenta-se mais denso e consolidado, com menor presença de espaços verdes contínuos, enquanto nas áreas mais periféricas a construção torna-se mais dispersa, permitindo uma maior integração com o verde e uma relação mais direta com o território natural. Esta gradação contribui para uma variação progressiva do espaço, passando de um ambiente mais urbano para um contexto mais natural.

A frente marítima do Bairro piscatório introduz ainda elementos estruturantes, como os esporões, que se destacam na planta como prolongamentos perpendiculares à linha de costa. Estes dispositivos de engenharia costeira têm como principal função combater a erosão, regulando o movimento dos sedimentos e protegendo a faixa litoral. Ao mesmo tempo, alteram a paisagem, criando ritmos e descontinuidades na praia que influenciam a forma como este espaço é apropriado.

De uma forma geral, a lógica habitacional do Bairro piscatório assenta numa ocupação que se adapta ao lugar, onde a relação entre habitação, rua, pátio e frente marítima é essencial para a identidade do bairro. Os elementos naturais e infraestruturais não surgem como componentes isolados, mas como partes integrantes de um sistema equilibrado, que articula o construído com a paisagem e contribuí para a qualidade e vivência do espaço urbano.

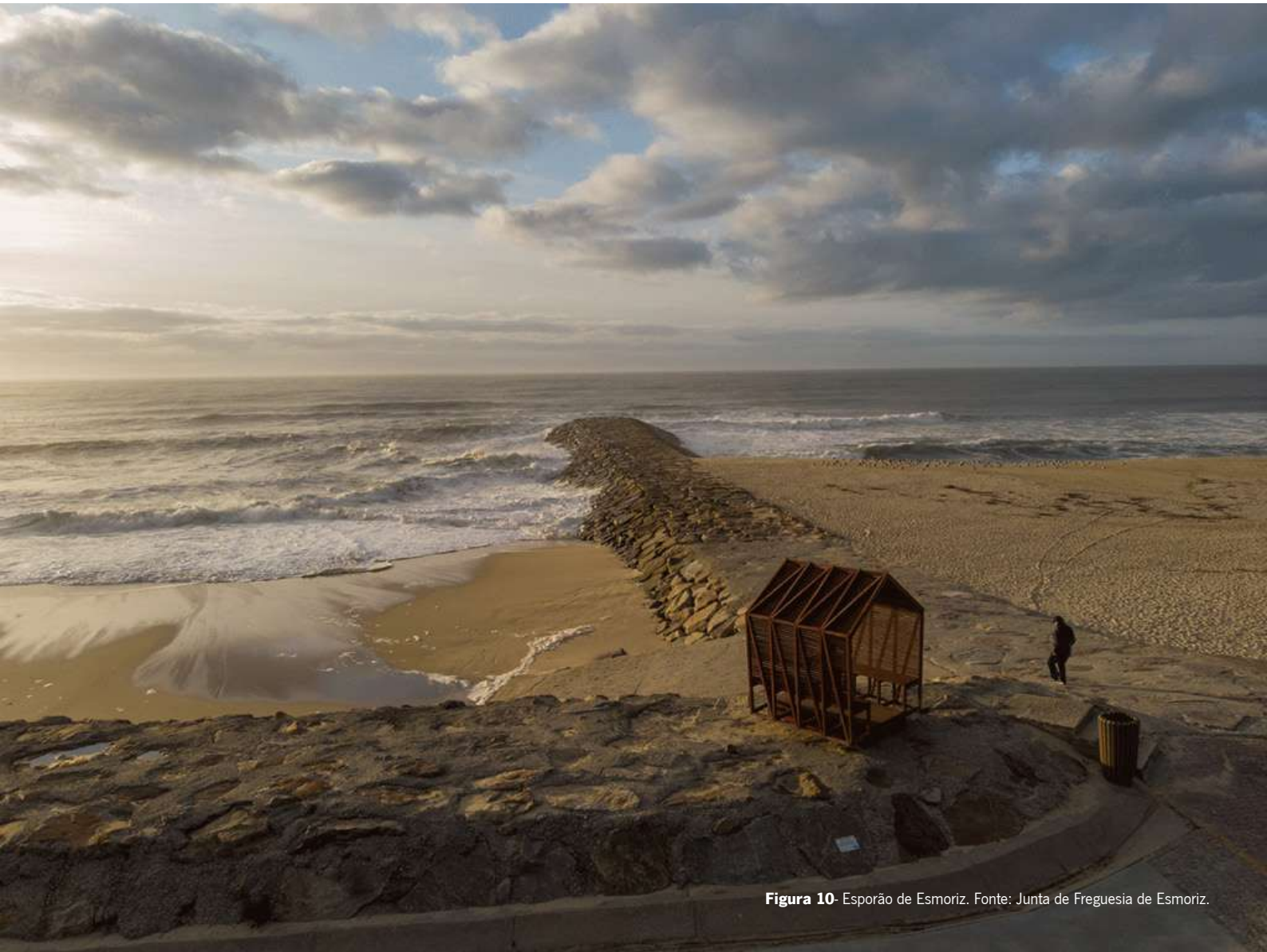


Figura 10- Esporão de Esmoriz. Fonte: Junta de Freguesia de Esmoriz.



Figura 11- Grupo reunido à frente de uma casa em Esmoriz

2.3- Tipos de Anexo

Distribuídos de forma relativamente homogénea por todo o bairro, os pequenos anexos desempenham, na sua maioria, funções de armazenamento. Já a tipologia de anexos em "L" surge com maior expressão no crescimento informal do bairro, contribuindo para a formação de pátios exteriores. Os espaços resultantes destes anexos, podem ser utilizados para pequenos cultivos ou, sobretudo, para aliviar e complementar as áreas internas da habitação.

Admite-se que a presença de anexos lineares esteja associada a loteamentos progressivamente mais profundos e estreitos, que foram surgindo ao longo da consolidação da malha urbana, além disso, ainda são de referir alguns axenos com formas irregulares, que se deve a funções de vários anexos ao longo do tempo. As suas funções revelam-se, assim, diversas e adaptáveis.

À escala mais detalhada, eu e a Isabella Coutinho (colega da universidade) fiz trabalho de campo com o intuito de compreender as formas de habitar da comunidade, recorrendo a entrevistas.

A filha de um pescador forneceu-nos a planta da própria casa, (figura 17) que redesenhei para colocar os elementos à escala, (figura 18). Além disso, deu-nos acesso a duas plantas (figuras 15 e 16), nas quais se verifica como evoluiu o territorio entre os anos 1971 e 1988. Verifica-se a organização dos diferentes compartimentos em torno de um pátio.

Na (figura 19), uma secção reflete como o espaço é habitado. Tirei fotografias em alguns locais da casa. O que mostram objetos de pesca, lazer e trabalho e, sobretudo mostram como a casa é divida em vários compartimentos, desde a casa, propriamente dita até aos anexos que a rodeiam.

Os anexos com cobertura inclinada, (exemplificando na figura 13 a evolução de um), são também frequentes no bairro, permitindo uma maior diversidade funcional e alguma flexibilidade de uso, nomeadamente através da introdução de mezaninos. Paralelamente, foram analisadas as distribuições espaciais de palheiros antigos em comparação com os mais recentes, concluindo-se que a cozinha assumia um papel central enquanto espaço social da casa, ao passo que os quartos se destinavam essencialmente ao descanso. Como referiu um dos pescadores entrevistados, Vítor Caxieira, "fazia-se tudo na cozinha, era o espaço que mais usávamos".

Evidencia-se ainda que o conjunto habitacional da Boa Esperança, criado para realojar pessoas que viviam em palheiros, após o avanço do mar tornar essas habitações inseguras, garantindo melhores condições de vida, não teve em conta diversos aspetos fundamentais da cultura habitacional da comunidade. Importa salientar que a maioria dos entrevistados manifesta interesse em manter alguma autonomia através de hortas e, ou criação de animais, espaços de convivo, e a criação de novos armazéns o que tem gerado insatisfação entre moradores dos novos bairros mesmo aqueles com pequenos logradouros devido à insuficiência de espaço para essas práticas.



Figura 12- Conjunto habitacional da Boa Esperança e moradores



Figura 14 - Tipos de anexos



Figura 15 - Planta do terreno para construção da casa. 1971



Figura 16 - Planta da casa com o terreno delimitado para a construção da casa. 1988

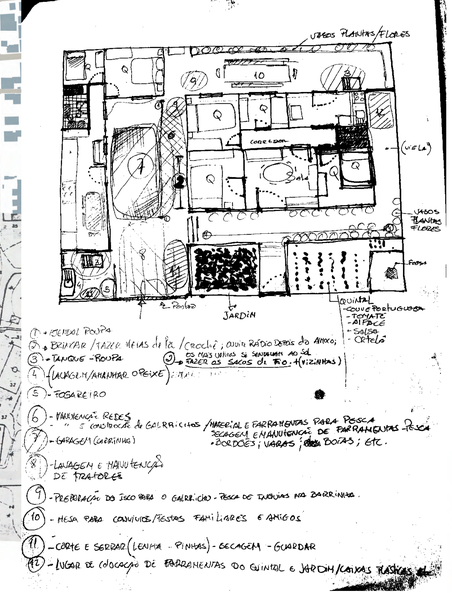


Figura 17 - Levantamento da planta da casa pela própria moradora



Figura 18 -Reformulação da planta da figura 16

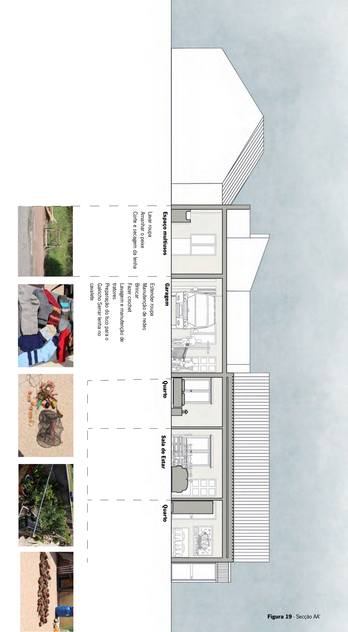


Figura 19 - Secção AA'



2014 Fonte: Google Maps



2019 Fonte: Google Maps



2024 Fonte: Google Maps



2026

Figura 13- Evolução de um anexo ao longo dos anos, localizado na secção B (figura 13)

2.4- Tipologias

Após a elaboração de uma fotomontagem dos três alçados das ruas do bairro piscatório (figura 20), torna-se evidente a distinção entre diferentes elementos construídos, nomeadamente os armazéns piscatórios e os anexos associados. Para além disso, é possível identificar duas tipologias habitacionais distintas.

A primeira tipologia (habitação tipo 1) corresponde às construções mais antigas, caracterizadas por um único piso. Estas habitações apresentam frequentemente anexos laterais e, em alguns casos, evidenciam ampliações posteriores através da adição de um segundo piso.

Por sua vez, a segunda tipologia (habitação tipo 2) refere-se a construções mais recentes, geralmente com dois pisos, assumindo uma maior verticalidade. Ao contrário das anteriores, estas habitações raramente apresentam anexos, revelando uma organização mais compacta e contemporânea.

Importa ainda salientar o estado de degradação dos armazéns piscatórios, que se encontram atualmente em condições precárias. Acresce a este cenário a vulnerabilidade face à subida do nível do mar, prevendo-se que, num horizonte de aproximadamente 50 anos, estas estruturas possam vir a ficar parcialmente submersas. Esta realidade é provada por testemunhos recolhidos em entrevistas realizadas a pescadores locais, que referem a ausência de condições adequadas para o armazenamento e desenvolvimento da sua atividade.

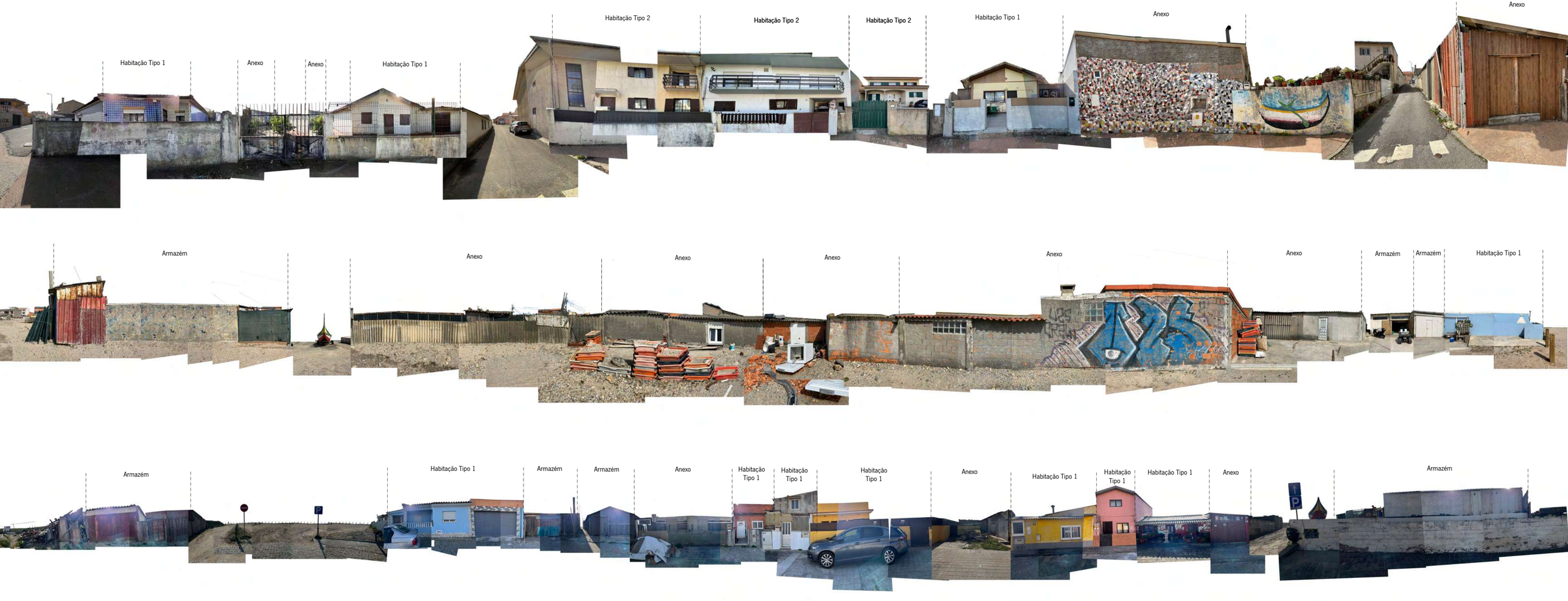


Figura 20- Fotomontagens dos alçados do Bairro

“SR. VITOR: Infelizmente, por não ter armazém, não está a trabalhar.

SR. TELMO: O trator ele está a trabalhar, mas está completamente podre, por não ter armazém para guardar-lo.

SR. TELMO: E agora é assim, o meu filho já queria comprar outro, mas é que eu vou comprar o trator, para acontecer o que aconteceu hoje, para apodrecer, não fala o tempo.”

Citações ditas por dois pescadores em Esmoriz numa entrevista (em anexo completa) 16/04/2026

2.5- Malha

Após a análise das relações entre vazios e cheios no bairro piscatório, identificou-se uma lógica dimensional recorrente, tanto nas habitações, como na estrutura viária. A partir dessa observação, foi desenvolvida uma grelha experimental com o objetivo de compreender os princípios de organização espacial do tecido urbano. Verificou-se que a dimensão de um armazém piscatório corresponde a um módulo base, funcionando como unidade de medida capaz de estruturar a grelha proposta. Este módulo (identifacado na cor Bordô) revelou-se fundamental para a leitura e interpretação da organização do espaço, permitindo evidenciar padrões de ocupação e hierarquia espacial, tal como representado na figura abaixo.

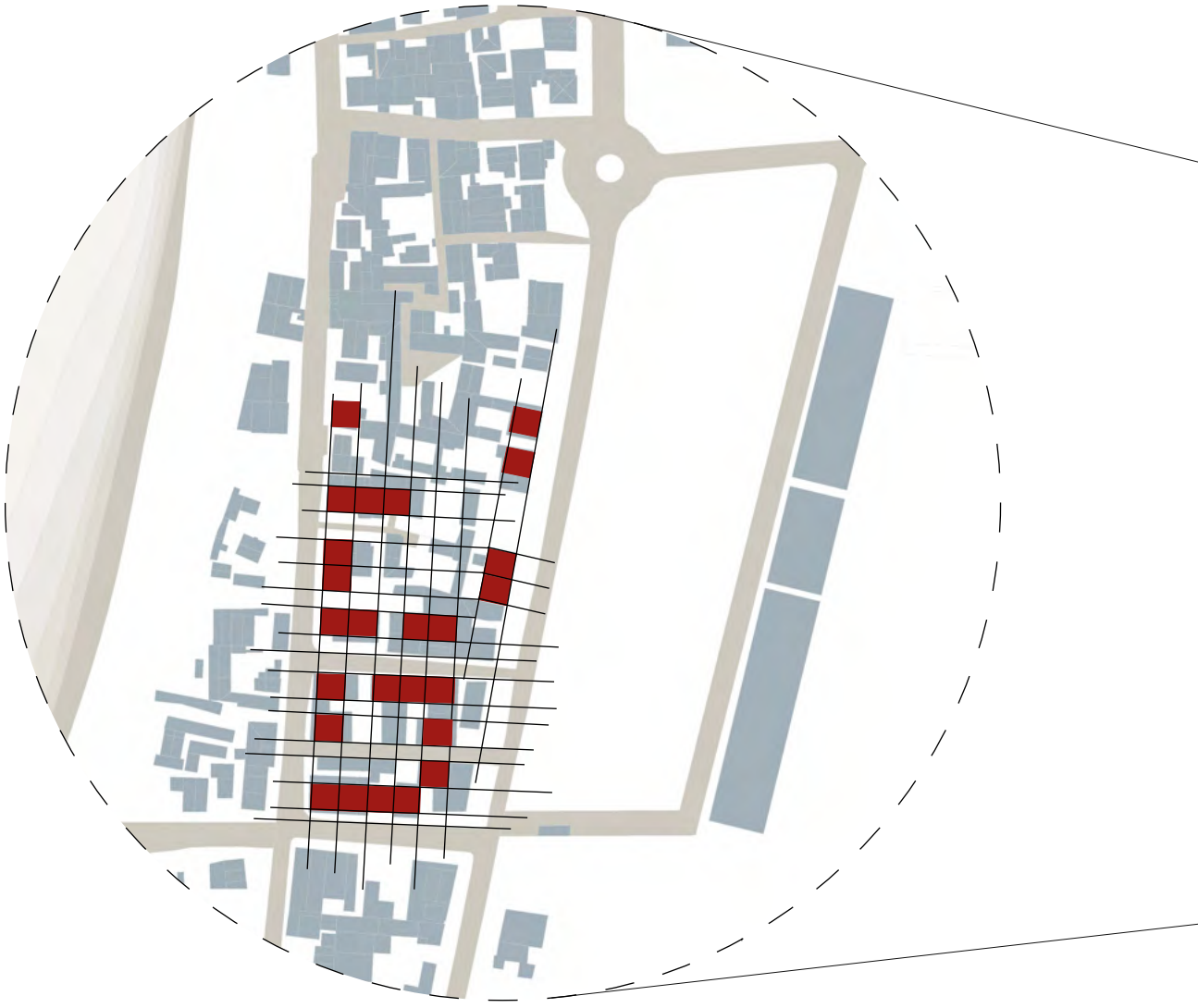


Figura 21- Pormenor da planta de uma malha experimental



Figura 22- Planta para uma malha experimental

2.6. O Bairro Piscatório de Esmoriz: estrutura, forma e dinâmica social

De acordo com a dissertação de mestrado, "Dictomia entre a zona balnear: Espinho, Esmoriz e Furadouro de Ana Rita Amorim dos Reis[5], numa fase inicial, a presença dos pescadores era temporária e diretamente dependente dos ciclos produtivos: durante o verão dedicavam-se à pesca, enquanto no inverno regressavam ao interior para atividades agrícolas. Esta condição sazonal traduziu-se numa arquitetura igualmente temporária, constituída por estruturas precárias de pau-a-pique[6], implantadas diretamente sobre a duna, sem pavimentação e com reduzidas condições de habitabilidade.

Progressivamente, estas construções evoluíram para os primeiros palheiros, pequenas estruturas em madeira, de caráter simples e funcional, que incorporavam já uma lógica de permanência mais prolongada. Assim, este processo evolui para um assentamento mais estável e organizado, onde as construções passam a apresentar maior durabilidade e tendem a agrupar-se, formando pequenos núcleos. Esta aproximação física reflete também o início de uma lógica comunitária e territorial. Neste sentido, o modelo de assentamento pode ser entendido como progressivo, na medida em que transita de uma condição temporária para uma mais permanente, mantendo sempre uma forte ligação às necessidades económicas que lhe deram origem. Ao mesmo tempo, evidencia uma adaptação direta ao meio, visível no uso de materiais locais, e uma evolução de uma ocupação inicialmente dispersa para uma organização mais concentrada e estruturada do território.

Com o aumento da população e a intensificação da atividade piscatória, assistiu-se à consolidação deste núcleo inicial, que passou a assumir características de ocupação permanente. A construção da Capela do Senhor dos Aflitos, em 1866, marca simbolicamente este momento de fixação da comunidade, constituindo uma das primeiras construções em alvenaria da zona. No entanto, a destruição desta primeira capela devido ao avanço do mar, e a sua posterior reconstrução num local mais recuado, reforçam a ideia de um território em constante transformação, onde a permanência física é continuamente posta em causa.

O Bairro Piscatório de Esmoriz constitui uma forte relação entre comunidade, território e atividade produtiva, revelando uma lógica de ocupação profundamente enraizada nas condições naturais e económicas do lugar. A sua origem remonta ao século XVIII, quando pescadores oriundos de Ovar e de regiões do interior se fixaram sazonalmente na zona sul de Esmoriz, junto ao atual Largo do Senhor dos Aflitos. Este primeiro núcleo encontrava-se implantado numa área que hoje se encontra submersa, evidenciando desde cedo a condição instável deste território e a permanente ameaça do avanço do mar.

5 | Reis, A. R. A. (2015). Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear: Espinho, Esmoriz e Furadouro (Dissertação de mestrado integrado). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

6 | Estruturas pau-a-pique: são construções tradicionais constituídas por uma estrutura de madeira preenchida com terra, barro ou palha, caracterizadas pela utilização de materiais locais e pela sua reduzida resistência a fatores climáticos e ao desgaste ao longo do tempo.



Figura 23- Palheiros e a Capela do Senhor dos Aflitos em plano de fundo. (Não existe mais, o mar atingiu)
Fonte: Behappy Lodge & Brunch.



Figura 24- Palheiro amarelo e a Capela da Praia Jornal a Voz de Esmoriz
Fonte: Junta de Freguesia de Esmroiz



Figura 25- Palheiro amarelo e a Capela da Praia atualmente



Figura 26- Carta Militar de Esmoriz de 1948. Fonte: Reis, 2015, p. 109



Figura 27- Carta Militar de Esmoriz de 1975. Fonte: Reis, 2015, p. 109

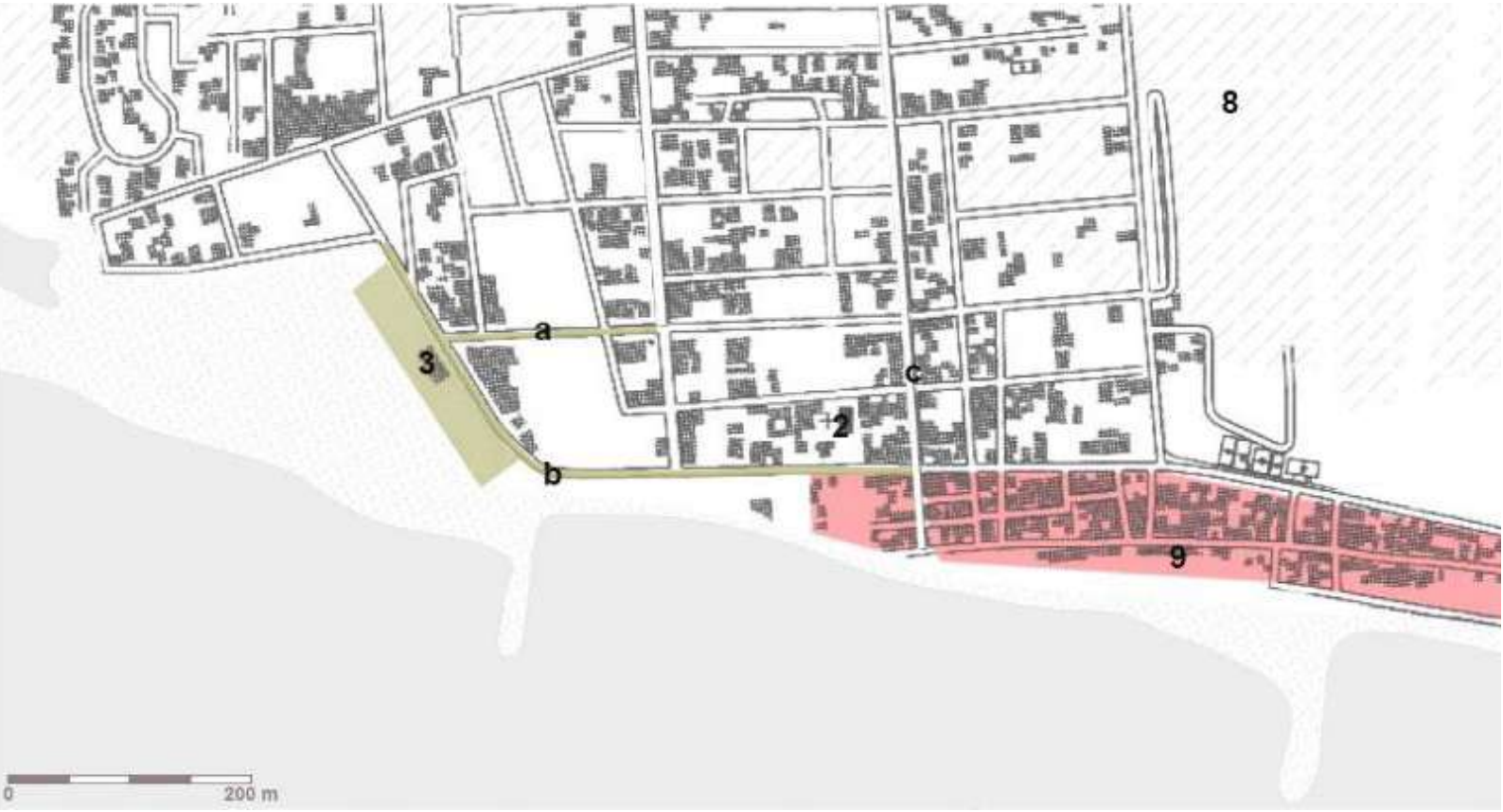


Figura 28- Carta Militar de Esmoriz de 1996. Fonte: Reis, 2015, p. 109

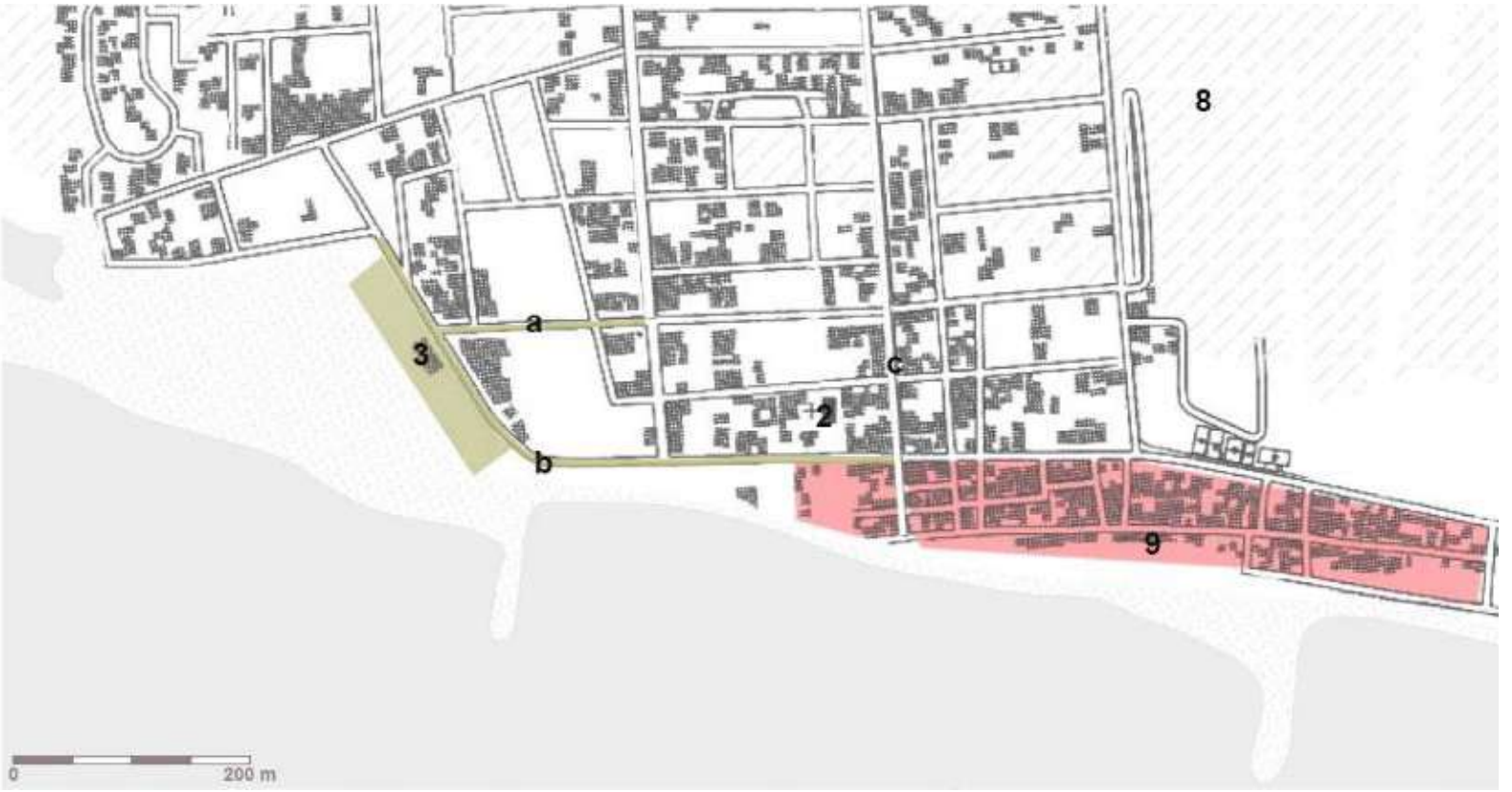


Figura 29- Carta Militar de Esmoriz de 2014. Fonte: Reis, 2015, p. 109

De acordo com Patrícia Silva[7] A evolução das tipologias construtivas acompanha esta dinâmica. Os palheiros, inicialmente térreos e rudimentares, foram sendo progressivamente melhorados, passando a incorporar dois pisos e a responder de forma mais eficaz às necessidades dos habitantes. A introdução da alagem das redes por bois, na segunda metade do século XIX, contribuiu para esta transformação, levando à adaptação dos espaços construídos para acolher simultaneamente funções habitacionais e produtivas. Esta sobreposição de usos evidencia uma lógica de habitar onde a separação entre vida doméstica e trabalho é praticamente inexistente. Um dos aspetos mais relevantes desta evolução prende-se com a adaptação das construções às condições naturais do território.

A forte mobilidade das areias e a ação constante dos ventos levaram à organização dos palheiros em "correntezas", alinhadas segundo a direção predominante dos ventos, permitindo reduzir o impacto da acumulação de areia. Paralelamente, a necessidade de responder à instabilidade do solo e ao risco de soterramento conduziu à elevação das construções sobre estacas, dando origem aos palheiros palafíticos. Esta solução, para além de proteger as habitações, permitia também a sua deslocação, revelando uma arquitetura flexível e adaptável, capaz de responder às transformações do meio.

7 | Silva, P. S. P. de S. G., & Ramos, R. J. G. (s.d.). Comunidades piscatórias: do legado da arquitetura popular às estratégias habitacionais no período do Estado Novo. Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77461/2/95802.pdf



Figura 30- Palheiro existente

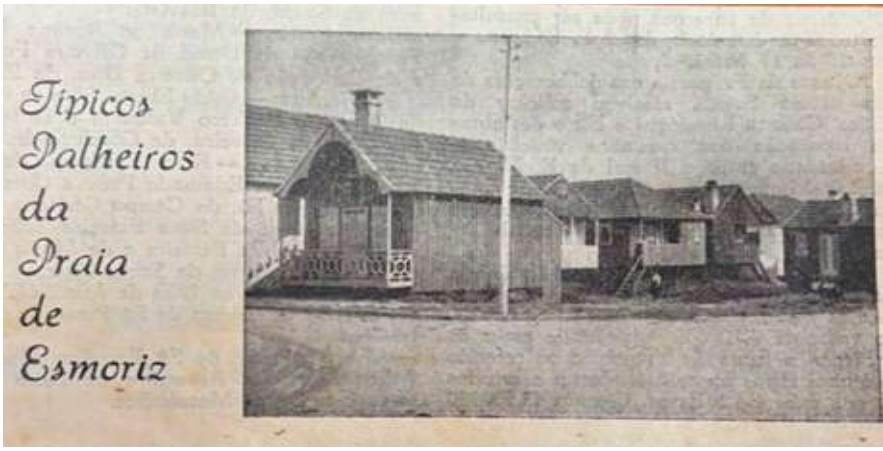


Figura 31- No jornal, A voz de Esmoriz, Palheiros
Fonte: Junta de Freguesia de Esmoriz



Figura 32- 1907. Na imagem está retratado um dia de festa.
Fonte: Prof2000.pt.

A construção em palafitas introduziu ainda uma relação particular entre edifícios e solo, libertando o espaço térreo para usos complementares, como o armazenamento de materiais, o apoio à atividade piscatória ou mesmo a permanência informal. Esta condição reforça a importância dos espaços intermédios na organização do bairro, onde o vazio assume um papel tão relevante quanto o construído.

Ao longo do século XX, a evolução do bairro foi marcada por processos de crescimento informal e, em muitos casos, clandestino. A falta de recursos, aliada à ausência de um planeamento estruturado, levou à construção progressiva de habitações precárias, que foram sendo ampliadas e transformadas ao longo do tempo.[8] Este crescimento deu origem a uma malha urbana densa, irregular e aparentemente desordenada, mas que reflete uma lógica interna baseada na adaptação às necessidades dos habitantes e na maximização do uso do solo disponível. Esta maximização do uso do solo, embora responda de forma imediata às necessidades de ocupação e crescimento, levanta, algumas problemas ao nível da qualidade urbana.

A ocupação intensiva e pouco regulada tende a reduzir a disponibilidade de espaços livres (Gehl, 2011)[9] e a comprometer condições essenciais como a ventilação, a iluminação natural e a acessibilidade. Para além disso, pode gerar constrangimentos ao nível das infraestruturas e da circulação, dificultando o funcionamento eficiente do conjunto. Apesar de refletir uma lógica adaptativa e funcional, esta forma de crescimento evidencia fragilidades que se tornam mais evidentes à medida que o assentamento se densifica e se consolida. A diversidade tipológica atualmente presente no bairro, que inclui palheiros reformulados, barracos, casas pré-fabricadas e habitações unifamiliares, evidencia não apenas diferentes momentos de construção, mas também as desigualdades económicas da população.

No entanto, esta heterogeneidade deve ser entendida, não como um problema exclusivamente formal, mas como a expressão de uma capacidade de apropriação e transformação do espaço.

8 | Reis, A. R. A. (2015). Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear: Espinho, Esmoriz e Furadouro (Dissertação de mestrado integrado). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
9 | Gehl, J. (2011). Life Between Buildings: Using Public Space. Washington, DC: Island Press.



Figura 33: Fundação palafita do Palheiro Amarelo

2.7. Esmoriz: caracterização e evolução do território

Tal como dito anteriormente, o bairro piscatório de Esmoriz desenvolveu-se a partir de uma lógica de ocupação progressiva e adaptativa, profundamente ligada aos recursos disponíveis. A pesca, em particular através da Arte Xávega (figuras 39 e 40) constitui uma das práticas mais emblemáticas da costa portuguesa e assume, em Esmoriz, um papel central na definição da identidade local. Este método tradicional de pesca, realizado a partir da praia, envolve o lançamento de redes ao mar que são posteriormente puxadas para terra, originalmente com o auxílio de bois e, mais recentemente, com recurso a meios mecanizados. Para além da sua dimensão produtiva, a arte xávega implica um forte trabalho coletivo, mobilizando diferentes elementos da comunidade e promovendo uma organização social baseada na cooperação e na partilha de tarefas.

Além disso, a agricultura de pequena escala, também constituí durante décadas a base económica e social da comunidade. Esta proximidade entre sistemas produtivos resultou numa organização territorial fragmentada mas interdependente, onde habitação, trabalho e espaço exterior se articulavam de forma direta. (figura 34 organização dos diversos dispositivos)

No entanto, as transformações ocorridas ao longo do século XX introduziram alterações significativas neste equilíbrio. A construção da linha férrea, por exemplo, contribuiu para a fragmentação física do território, criando barreiras entre diferentes áreas e enfraquecendo relações históricas.[10] Paralelamente, o crescimento urbano associado ao turismo balnear trouxe novas dinâmicas, muitas vezes desvinculadas das práticas tradicionais, conduzindo a uma ocupação mais intensiva e, por vezes, desarticulada.

Atualmente, Esmoriz apresenta-se como um território híbrido, onde coexistem vestígios de uma economia tradicional com pressões contemporâneas associadas ao lazer, ao turismo e à expansão urbana. Esta condição revela uma tensão constante entre permanência e transformação, evidenciada tanto na paisagem como nas formas de habitar. A presença de pequenas áreas agrícolas, de construções associadas à pesca e de espaços informais de uso coletivo demonstra que, para além das transformações, subsiste uma lógica de proximidade e de relação direta com o território.

Neste sentido, a leitura de Esmoriz não pode ser reduzida a uma análise formal ou funcional, devendo antes ser entendida como um sistema complexo de relações entre natureza, produção e comunidade. Esta compreensão constitui uma base fundamental para o desenvolvimento do projeto, permitindo identificar, não apenas problemas, mas também potencialidades que podem ser ativadas através da intervenção arquitetónica.

10 | Reis, A. R. A. (2015). Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear: Espinho, Esmoriz e Furadouro (Dissertação de mestrado integrado). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

A estrutura urbana do bairro caracteriza-se por uma rede de arruamentos estreitos e irregulares, frequentemente interrompidos por pequenos largos ou espaços sem saída, que funcionam como extensões das habitações. Nestes espaços, desenvolvem-se atividades quotidianas como o convívio, a secagem de roupa ou a reparação de redes, reforçando a dimensão coletiva e comunitária do bairro ainda existente.

A rua deixa, assim, de ser apenas um elemento de circulação, assumindo-se como espaço fundamental da vida (Gehl, 2011)[11]. Apesar das fragilidades associadas à sua génese e evolução, o bairro Piscatório de Esmoriz revela um conjunto de qualidades espaciais e sociais que importa reconhecer. A sua capacidade de adaptação, a proximidade entre funções, a importância dos espaços intermédios e a forte identidade comunitária constituem elementos estruturantes que devem ser considerados no desenvolvimento de qualquer intervenção projetual. O bairro pode ser entendido como um sistema aberto e em constante transformação, onde a arquitetura não resulta de um gesto único e definido, mas de um processo contínuo de construção e adaptação. Esta condição aproxima-se da ideia de uma estrutura rizomática, onde não existe uma hierarquia rígida, mas sim uma multiplicidade de relações e conexões que se estabelecem ao longo do tempo. A compreensão destas dinâmicas permite, não só identificar as fragilidades do território, nomeadamente a vulnerabilidade face ao mar e as condições precárias de habitabilidade, mas também reconhecer um conjunto de princípios espaciais e sociais que podem informar o projeto.

Assim, mais do que propor uma rutura com o existente, a intervenção (irei apresentar na estratégia de projeto) deve procurar reinterpretar estas lógicas, promovendo soluções que mantenham a relação com o território, reforcem a dimensão comunitária e respondam às exigências contemporâneas.

Procede-se, de seguida, à apresentação de um conjunto de registos fotográficos, com o intuito de documentar e caracterizar o estado atual dos espaços em Esmoriz.

11 | Gehl, J. (2011). Life Between Buildings: Using Public Space. Washington, DC: Island Press.



Figura 34- Planta com identificação de diferentes dispositivos



Figura 35- Palheiro A



Figura 36- Palheiro B



Figura 38- Palheiro D



Figura 37- Palheiro C



Figura 39- Palheiro E



Figura 40- Palheiro F



Figura 41- Palheiro G



Figura 42- Pormenor do Palheiro G



Figura 43- Palheiro H



Figura 44- Pormenor do Palheiro H



Figura 45- Pormenor do Palheiro I



Figura 46- Pormenor do Palheiro I



Figura 47- Palheiro I



Figura 48- Palheiro J



Figura 49- Palheiro J



Figura 50- Pormenor do Palheiro J



Figura 51- Pormenor do Palheiro J



Figura 52- Palheiro k



Figura 53- Pormenor do Palheiro K



Figura 54- Palheiro L



Figura 55- Palheiro M



Figura 56- Palheiro N



Figura 57- Pormenor do Palheiro N



Figura 58- Pormenor do Palheiro O



Figura 59- Palheiro O



Figura 60- Pormenor do Palheiro 0



Figura 61- Pormenor do Palheiro 0



Figura 62- Palheiro 0



Figura 63- Sala de estar do Palheiro 0



Figura 64- Cozinha do Palheiro 0



Figura 66- Armazém 1



Figura 67- Palheiro P



Figura 68- Piso 2 do armazém 2



Figura 69- Armazém 2



Figura 70- Armazém 3



Figura 71- Armazém 4



Figura 65- Conjunto Habitacional da Boa Esperança



Figura 72- Barco de Arte Xávega "Mar de Esmoriz"



Figura 73- Elementos de pesca



Figura 74- Capela da Praia



Figura 75- Elementos de pesca



Figura 76- Piso 1 do Armazém 2



Figura 77- Armazém 5

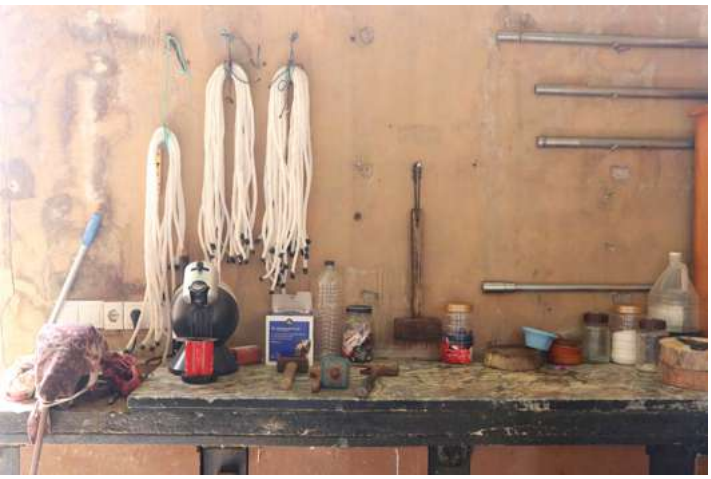


Figura 78- Piso 1 do armazém 2



Figura 79- Piso 1 do armazém 2



Figura 80- Tratores utilizados na pesca



Figura 81- Distribuição de peixe no Bairro



Figura 82- Senhora a amanhar o peixe

3-Tradições e Costumes

3.1 Práticas produtivas e saberes locais

As tradições de Esmoriz[12] encontram-se profundamente enraizadas nas práticas produtivas que, ao longo de gerações, estruturaram a vida da comunidade. Entre estas, destaca-se a pesca, em particular a Arte Xávega (figuras 84 e 85), e a agricultura de pequena escala e a tanoaria, ambas diretamente dependentes das condições naturais do território e responsáveis pela construção de um conjunto de saberes locais específicos.

Associados a esta prática, desenvolvem-se diversos saberes técnicos, transmitidos de geração em geração, como a preparação e manutenção das redes, o conhecimento das marés, dos ventos e dos ciclos do peixe. Estes conhecimentos, muitas vezes não formalizados, resultam de uma relação empírica e continuada com o território, evidenciando uma forma de aprendizagem baseada na experiência direta e na observação. Paralelamente à pesca, a agricultura desempenhou também um papel revelante na subsistência da população, sobretudo nos períodos em que a atividade piscatória era menos intensa. A utilização de terrenos próximos da Barrinha permitia o cultivo de produtos essenciais, contribuindo para uma economia de subsistência e reforçando a autonomia da comunidade.

A tanoaria, a cordoaria e a sacaria marcaram profundamente o desenvolvimento industrial de Esmoriz. A tanoaria (figura 83) destacou-se a partir do início do século XX, com várias oficinas dedicadas ao fabrico de barris, atingindo grande expressão económica antes de entrar em declínio devido à modernização e à falta de continuidade geracional, embora ainda subsistam algumas unidades. A cordoaria, com origens mais antigas, surgiu ligada à pesca e à produção de cordas, tendo evoluído ao longo dos séculos XIX e XX até se industrializar e ganhar dimensão exportadora. Já a sacaria, de carácter mais tardio, centrou-se na produção de sacos de papel para o comércio local, com forte presença feminina, mas acabou por desaparecer com a expansão dos plásticos na segunda metade do século XX.

Atualmente, embora muitas destas práticas tenham sofrido transformações ou perdido a sua expressão original, permanecem como parte integrante da memória coletiva e da identidade do lugar. A sua valorização no contexto do projeto não se limita a uma dimensão nostálgica, mas assume-se como um reconhecimento do potencial destes saberes enquanto base para a construção de estratégias mais sustentáveis e enraizadas no território.

12| Junta de Freguesia de Esmoriz. (s.d.). Património industrial. https://jf-esmoriz.pt/patrimonio/industrial/



Figura 83- Tanoaria
Fonte: Fangueiro, José. Publicação no Facebook

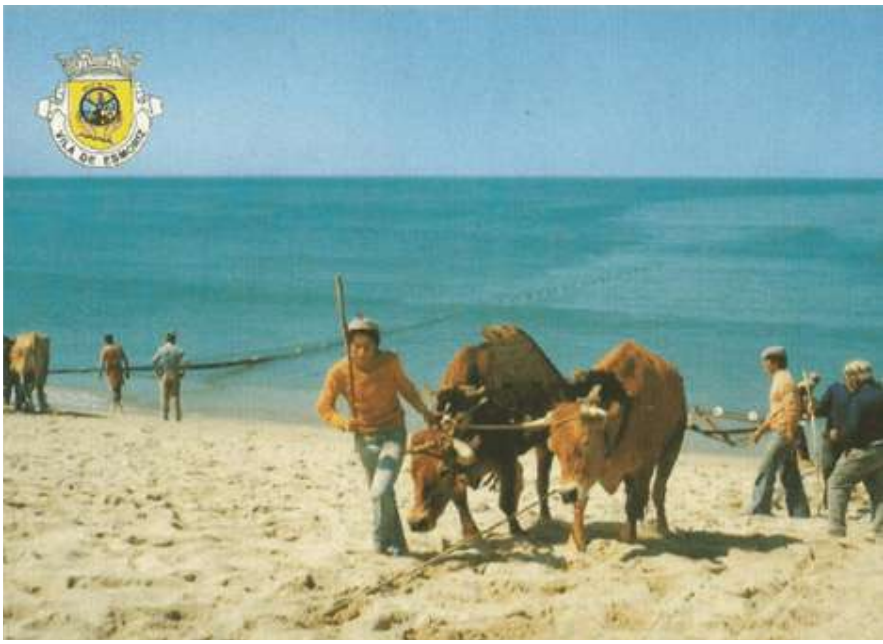


Figura 84- Arte Xávega
Fonte: Junta de Freguesia de Esmoriz



Figura 85- Arte Xávega
Fonte: Junta de Freguesia de Esmoriz

3.2 Cultura, identidade e vida comunitária

No Bairro Piscatório, a dimensão coletiva é particularmente evidente. A proximidade física entre habitações, aliada à reduzida separação entre espaço público e privado, favorece a construção de relações sociais intensas e contínuas.

As ruas, os largos e os espaços intermédios não funcionam apenas como infraestruturas de circulação, mas como extensões do espaço doméstico (Hertzberger, 2015)[13], onde se desenvolvem múltiplas atividades do quotidiano.

Nestes espaços, é comum observarem-se práticas como a secagem de roupa, a reparação de redes ou o simples convívio entre vizinhos, evidenciando uma forma de habitar onde a vida se desenrola para além dos limites da casa. Esta apropriação do espaço público reforça o sentido de pertença (Gehl, 2011)[14] e contribui para a construção de uma identidade coletiva baseada na convivência e na interdependência. Para além das práticas quotidianas, os momentos de encontro e celebração desempenham também um papel importante na consolidação da cultura local. Festividades religiosas, como as associadas à Capela do Senhor dos Aflitos, constituem ocasiões de reunião da comunidade, reforçando laços sociais e perpetuando tradições.

Estes eventos revelam a importância dos elementos simbólicos na estruturação do território, funcionando como pontos de referência identitária.

A identidade do Bairro não é estática, mas evolui ao longo do tempo, adaptando-se às transformações do território e às mudanças nas condições de vida da população.

Procede-se, de seguida, à apresentação de um conjunto de registos fotográficos de caráter histórico, gentilmente cedidos pelo pescador Sr. Telmo, com o objetivo de documentar e ilustrar a prática da Arte Xávega em Esmoriz.

13| Hertzberger, H. (2015). Lessons for Students in Architecture (3rd ed.). Rotterdam: 010 Publishers.
14| Gehl, J. (2011). Life Between Buildings: Using Public Space. Washington, DC: Island Press.

Figura 86- Um pescador a explicar como funciona a pesca
Fonte: Isabella Borges,(Atelier Integrado: Isabela Coutinho, Isabella Borges, Autora) 2025



Figura 87-Casa de um pescador no Bairro piscatório em Esmoriz



Figura 88 -Pescadores a dividirem as espécies de peixe acabado de pescar em caixas de pesca, para posteriormente venderem
Fonte: Pescador Telmo



Figura 89 -Pescadores a embarcarem prontos para irem para o mar praticar a Arte Xávega
Fonte: Pescador Telmo



Figura 90 -Parte exterior de um armazém piscatório
Fonte: Pescador Telmo



Figura 91-Pescadores a consertarem o barco da Arte Xávega
Fonte: Pescador Telmo



Figura 92 -Pescadores a retirarem a rede do mar.
Fonte: Pescador Telmo



Figura 93-Varina (mulher responsável por vender o peixe) a ajudar a separar o peixe.
Fonte: Pescador Telmo



Figura 94 -Pescadores a preparar a chegada do barco e das redes, colocando varas para o barco deslizar melhor a entrar, e o trator para ajudar a puxar as redes com o peixe.
Fonte: Pescador Telmo



Figura 95 - Grupo de pescadores com varas e rede xavalar (rede que é utilizada para a Arte Xávega).
Fonte: Pescador Telmo





Figura 96 - Conjunto de fotos que o pescador Sr Telmo me disponibilizou para contar a história da Arte Xávega em imagens
Fonte: Pescador Telmo

4-Estratégia de Projeto

4.1 Princípios de intervenção

A estratégia de projeto desenvolve-se a partir de uma leitura atenta do lugar e das suas características territoriais, sociais e identitárias. O território é entendido como um palimpsesto, onde diferentes camadas de memória, usos e transformações se sobrepõem (Corboz, 1983)[15]. Neste sentido, a intervenção procura dialogar com essas camadas existentes, em vez de as substituir, (Rossi, 1982)[16] valorizando as dinâmicas já presentes no local.

A proposta parte da observação das tipologias e das soluções construtivas vernaculares presentes em Esmoriz, como os palheiros e os armazéns piscatórios, reinterpretando-as de forma contemporânea. Mais do que reproduzir formalmente estas arquiteturas, interessa compreender as suas lógicas espaciais,(Vidler, 1998)[17] construtivas e de uso, integrando-as numa nova organização do território. (Tratarei o conceito adiante nos fundamentos teóricos).

A partir desta leitura, o projeto organiza-se através de uma malha flexível e adaptável (Habraken, 1972)[18], capaz de acomodar diferentes programas e de evoluir ao longo do tempo.

Desta forma, a estratégia não se limita à criação de novos edifícios, mas propõe uma reorganização do território que valoriza os recursos locais, reforçando práticas coletivas.

4.2 Organização espacial e lógica de implantação

Após a analise do território e algumas convesas com locais, o projeto, traduz-se em Infraestruturas de suporte, onde produção, lazer e partilha coexistem. Surgem espaços para horta comunitária, aprestos de pesca, mercado, café, exposição e troca de saberes. O trabalho deixa de estar isolado e passa a ser visível, tornando-se espaço público e lugar de encontro.



Figura 97-Panorâmica do espaço de intervenção

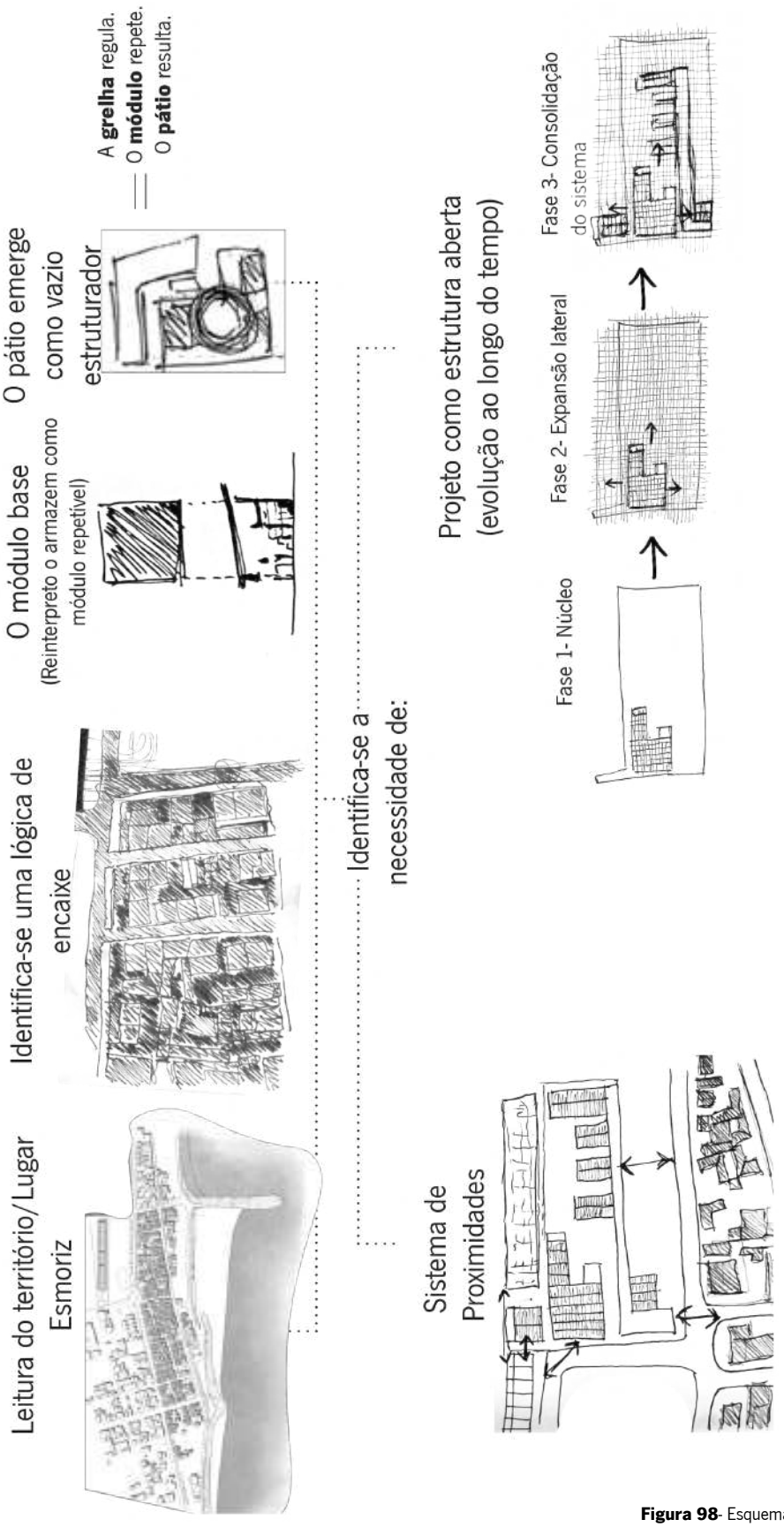


Figura 98- Esquema da estratégia de projeto

15| J Corboz, A. (1983). The land as palimpsest. Diogenes, 31(121), 12–34.

16| Rossi, A. (1982). The Architecture of the City. Cambridge, MA: MIT Press.

17| Vidler, A. (1998). The Third Typology. In K. M. Hays (Ed.), Oppositions Reader: Selected Readings from a Journal for Ideas and Criticism in Architecture 1973–1984. New York: Princeton Architectural Press.

18| Habraken, N. J. (1972). Supports: An Alternative to Mass Housing. London: Architectural Press.

Produção

Partilha

Agricultura

Horta comunitá

Módulo produtivo - repetível e aberto

Infraestruturas produtivas
como suporte do lazer



Lazer e encontro

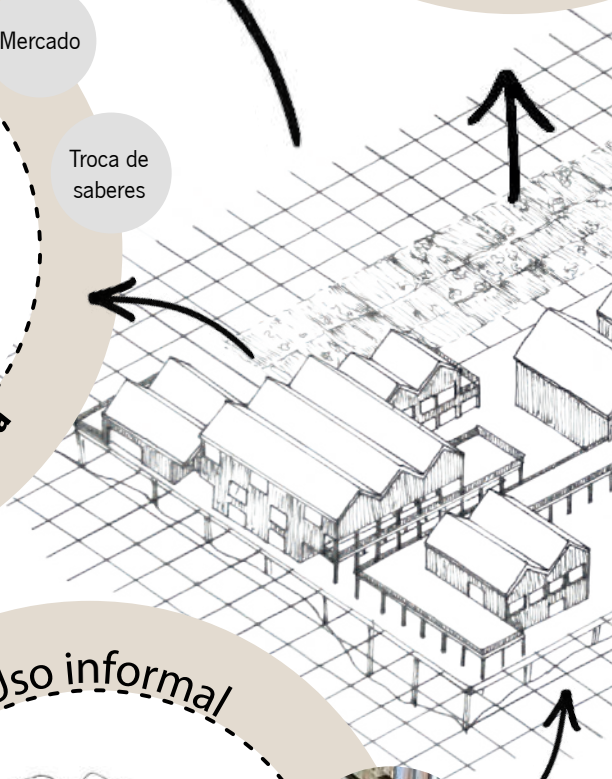
Mercado

Troca de
saberes



Centro de encontro e partilha

Exposição



Uso informal

Memória
local

Palheiros



Pátio resultante

Estrutura
Palafítica

Coexistê
Lúdic

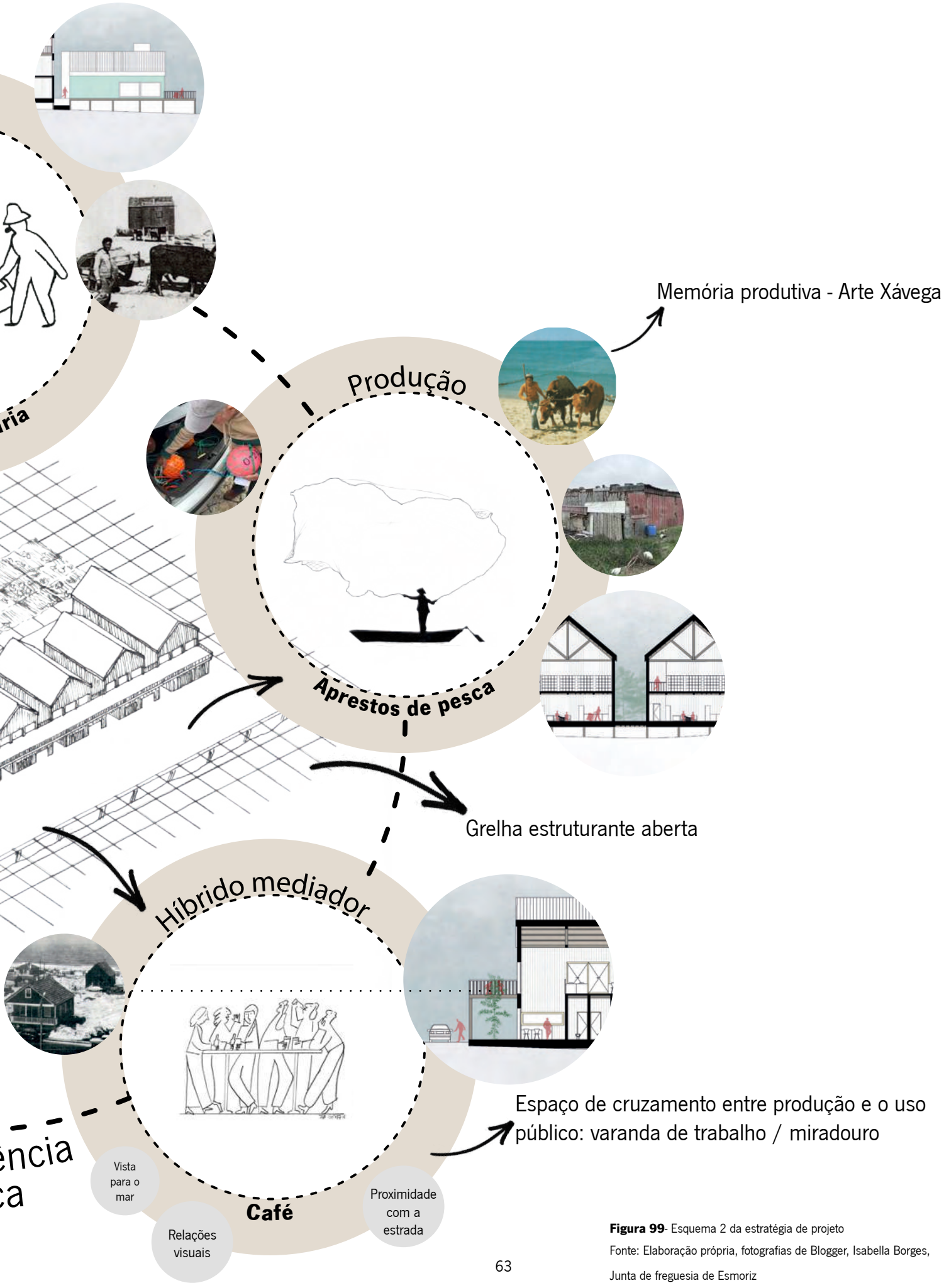


Figura 99- Esquema 2 da estratégia de projeto

Fonte: Elaboração própria, fotografias de Blogger, Isabella Borges, Junta de freguesia de Esmoriz

Um dos princípios estruturantes do projeto é a elevação das construções através de estruturas em palafitas, para colocar o projeto ao nivel da rua, uma vez que o terreno se encontra abaixo da mesma servindo apenas para questões estruturais.

Esta solução vernacular permite estabelecer uma relação mais sensível com o território (Silva & Ramos, s.d.)[19]. e com as suas características naturais, ao mesmo tempo que reduz o impacto da implantação no solo. Ao elevar os edifícios, o projeto liberta o piso térreo, permitindo a continuidade dos percursos, das áreas produtivas e dos espaços de uso informal, reforçando a permeabilidade e a relação entre os diferentes elementos do conjunto.

Uma vez que, a construção deste sistema poderá ser faseada, proponho um sistema modelar, permite diferentes esquemas de implantação (Habraken, 1972)[20]. Os moradores locais podem sugerir modificações, desde de que respeitem a grelha do módulo (baseado na malha pré estabelecidada na (figura 21.)

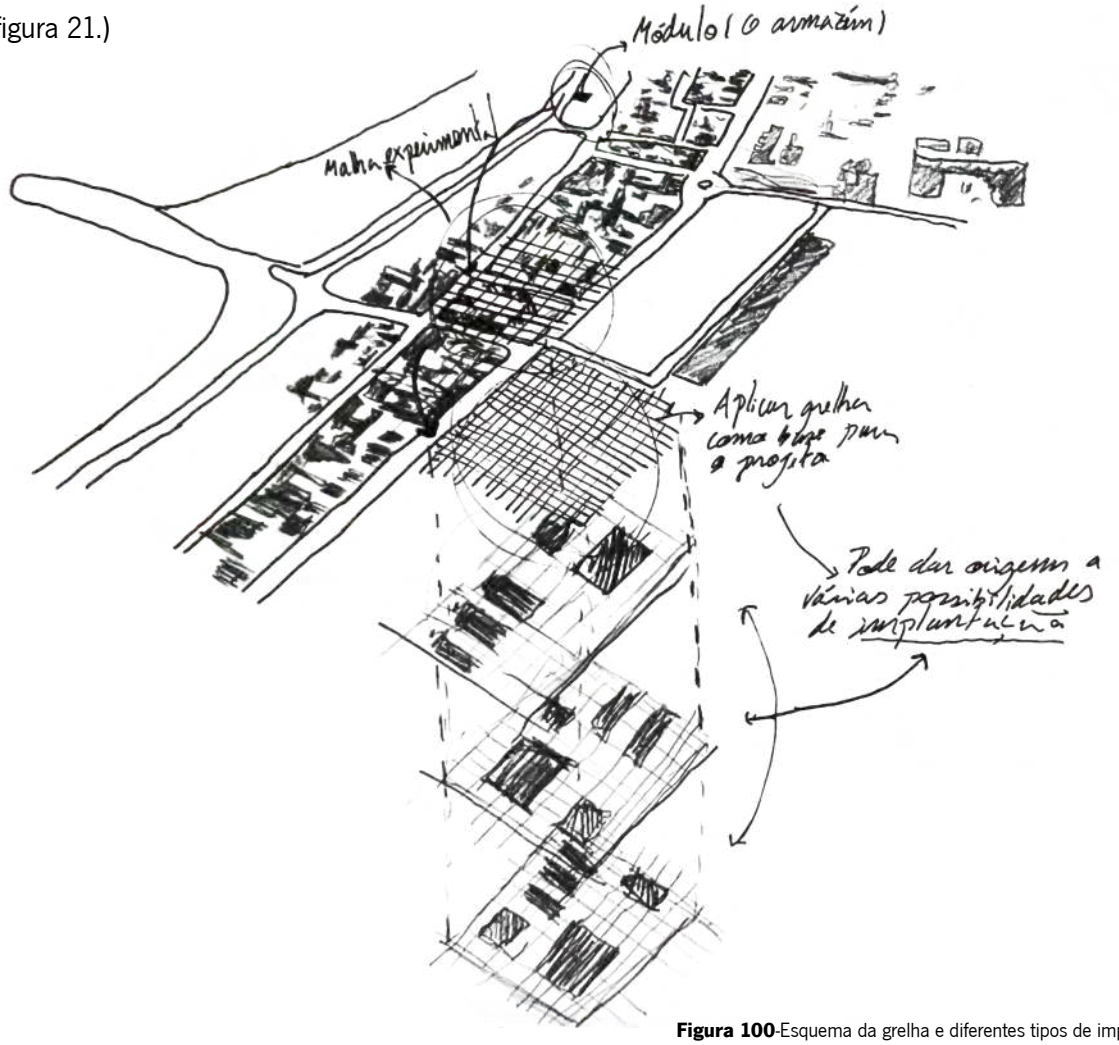


Figura 100-Esquema da grelha e diferentes tipos de implantação

19| Silva, P. S. P. de S. G., & Ramos, R. J. G. (s.d.). Comunidades piscatórias: do legado da arquitetura popular às estratégias habitacionais no período do Estado Novo. Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
20| Habraken, N. J. (1972). Supports: An Alternative to Mass Housing. London: Architectural Press.

5-Tipologia como Instrumento de Continuidade e de Projeto

5.1 Fundamentos teóricos

A reflexão em torno da tipologia constitui um dos eixos estruturantes do presente projeto, assumindo-se, não apenas como uma referência disciplinar, mas como um verdadeiro instrumento operativo capaz de estabelecer uma relação crítica entre a intervenção arquitetónica e o território onde se insere.

No contexto específico de Esmoriz, esta abordagem revela-se particularmente pertinente, uma vez que, o lugar se caracteriza por uma forte presenca de estruturas produtivas e vernaculares, armazéns piscatórios, palheiros, sistemas agrícolas, que configuram uma lógica espacial e social própria, sedimentada ao longo do tempo. A tipologia surge, assim, como meio privilegiado para interpretar estas formas, não enquanto objetos isolados, mas como manifestações de um sistema mais amplo, onde construção, uso e território se encontram profundamente interligados.[21]

Esta posição encontra suporte teórico no pensamento neorracionalista[22], desenvolvido sobretudo no contexto italiano das décadas de 1960 e 1970, que propõe uma revisão crítica da arquitetura moderna a partir dos seus próprios fundamentos disciplinares. Autores como Aldo Rossi, Carlo Aymonino ou Giorgio Grassi defendem a necessidade de recentrar o projeto arquitetónico na análise da cidade enquanto realidade material, rejeitando tanto o empirismo formal como a excessiva dependência de lógicas funcionalistas. Neste quadro, o tipo adquire um papel central, sendo entendido como estrutura formal persistente, resultado de um sistema de relações físicas, produtivas e culturais, capaz de atravessar diferentes períodos históricos e de organizar a arquitetura a partir dos seus elementos essenciais. A arquitetura deixa, assim, de ser concebida como um exercício de invenção autónoma, afirmando-se antes como uma continuidade crítica de formas e princípios já enraizados no território de Esmoriz, como a ligação espacial entre espaço e produção, a simplicidade construtiva, o uso de técnicas locais e dispositivos de relação próxima entre comunidade e trabalho.

A memória associada à atividade piscatória não é aqui tratada como elemento nostálgico ou meramente simbólico, mas como estrutura ativa que informa a proposta. Tal como sugerido por Rossi, "a cidade" deve ser entendida como um dispositivo construído ao longo do tempo, onde determinados elementos adquirem valor coletivo pela sua permanência e capacidade de organização. O projeto procura, assim, reconhecer essas permanências e reinterpretá-las, não através da sua reprodução literal, mas através da sua transformação em estruturas formais e princípios operativos.

21 | Vidler, A. (1998). Título do Ensaio de Vidler [Ex: The third typology]. In K. M. Hays (Ed.), Oppositions reader: Selected readings from a journal for ideas and criticism in architecture 1973–1984 (pp. xx–xx). Princeton Architectural Press.

22 | Autor, A. A. (1987). Tendenza: neorracionalismo y figuración. Em AA. VV., Más allá del posmodernismo. Crítica a la arquitectura reciente (2.ª ed., págs. 83-117). Editorial Gustavo Gili.

5.2 O armazém piscatório como matriz tipológica

A escolha do armazém piscatório como elemento base do sistema resulta diretamente desta leitura. A sua configuração espacial, simples, repetitiva e estruturalmente clara, revela-se particularmente apta para funcionar como matriz organizadora do projeto. Contudo, o armazém não é entendido como modelo a replicar, mas como estrutura aberta a variações, capaz de acomodar diferentes programas e modos de uso. Esta abordagem aproxima-se da distinção estabelecida por Quatremère de Quincy[23] entre tipo e modelo, segundo a qual o tipo corresponde a uma ideia geradora, enquanto o modelo representa uma forma fixa a reproduzir. No projeto, é precisamente a dimensão conceptual do tipo que permite operar com liberdade dentro de um sistema coerente, garantindo simultaneamente continuidade e capacidade de adaptação.

A repetição do módulo do armazém (figura 21), permite estabelecer uma grelha estruturante (figura 99) que organiza o conjunto arquitetónico e o insere numa lógica de crescimento progressivo. Esta grelha não funciona como imposição rígida, mas como campo de possibilidades, onde a variação, a adaptação e a apropriação desempenham um papel fundamental. A arquitetura deixa, assim, de ser entendida como objeto fechado, passando a configurar-se como sistema aberto, capaz de evoluir ao longo do tempo em resposta às necessidades da comunidade.

Neste contexto, o papel do vazio, materializado no pátio, assume particular relevância. Longe de ser entendido como espaço residual, o pátio constitui um elemento estruturador da forma arquitetónica, articulando os diferentes volumes e criando um espaço central de relação. A sua presença remete para estruturas tradicionais onde o espaço coletivo se organiza em torno de um núcleo comum, sendo aqui reinterpretado como dispositivo capaz de integrar diferentes usos e promover a interação social. A articulação entre cheio e vazio torna-se, assim, fundamental para a compreensão do sistema, permitindo um padrão formal e flexibilidade, como se virá a seguir.

23 | Forty, A. (1999). Type. In A. Forty, Words and buildings: A vocabulary of modern architecture (pp. 304–317). Thames & Hudson.

A leitura desenvolvida pelo historiador Anthony Vidler, nomeadamente no ensaio The Third Typology, permite aprofundar esta abordagem ao identificar uma terceira fase no pensamento tipológico, na qual a cidade histórica se torna a principal fonte de referência para o projeto contemporâneo. Nesta perspetiva, os tipos não derivam de modelos ideais ou de sistemas industriais, mas emergem da própria experiência acumulada do território, sendo reinterpretados e recombinados em novas configurações. Elementos como ruas, pátios, galerias ou passagens deixam de ser apenas componentes formais para se tornarem dispositivos fundamentais na construção da experiência coletiva do espaço.

A importância da tipologia no projeto reside na sua capacidade de estruturar um pensamento arquitetónico que se move entre a memória e a invenção, entre a disciplina e a adaptação. Longe de limitar o processo projetual, ela constitui o seu suporte, permitindo que a arquitetura se afirme como prática crítica, consciente do seu passado e aberta às transformações do presente.

5.3 Sistemas modulares, repetição e adaptabilidade

O projeto para o Bairro piscatório de Esmoriz, opera a partir da recomposição de elementos existentes, armazéns, percursos, espaços intermédios, que são reorganizados num novo sistema coerente. A introdução de passadiços e percursos exteriores, criando uma rede de circulação que privilegia o movimento, a permanência e a relação com o território envolvente. A arquitetura não se apresenta, assim, como objeto autónomo, mas como sequência de espaços interligados, onde a experiência se constrói através do percurso e da relação entre diferentes partes do conjunto.[24]

A lógica modular adotada permite, ainda, aproximar o projeto das práticas vernaculares observadas no território, onde as construções associadas à pesca e à agricultura se desenvolvem frequentemente de forma incremental. Esta condição evolutiva é incorporada na proposta através da definição de diferentes fases de crescimento, garantindo que o conjunto possa adaptar-se ao longo do tempo sem perder a sua identidade.[25]

24 | Vidler, A. (1998). Título do Ensaio de Vidler [Ex: The third typology]. In K. M. Hays (Ed.), Oppositions reader: Selected readings from a journal for ideas and criticism in architecture 1973–1984 (pp. xx–xx). Princeton Architectural Press.
25 | Forty, A. (1999). Type. In A. Forty, Words and buildings: A vocabulary of modern architecture (pp. 304–317). Thames & Hudson.

6-Proposta dos Programas



6.1 Princípios de intervenção

Tendo em consideração a estratégia delineada para o projeto, segue-se a apresentação dos programas propostos para a dinamização de infraestruturas de suporte. Estes visam promover o encontro, a produção e a partilha de conhecimento, incentivando simultaneamente a continuidade de tradições e a circulação de bens, recursos e serviços. Esta abordagem enquadra-se numa perspetiva alinhada com os princípios do decrescimento (Latouche, 2009)[23].

26| Latouche, S. (2009). Farewell to Growth. Cambridge: Polity Press.



Figura 101- Planta de cobertura

Centro de Encontro e Partilha

Este dispositivo é concebido como um espaço polivalente, com capacidade de adaptação a diferentes usos ao longo do tempo. No piso térreo, propõe-se a instalação de um mercado, cuja configuração permite tanto o funcionamento voltado para o exterior como para o interior.

Os elementos que compõem este mercado, nomeadamente paredes e balcões, são pensados como estruturas amovíveis, podendo ser desmontados e armazenados em áreas de apoio. Esta flexibilidade permite a libertação do espaço, possibilitando a realização de atividades que requerem maior amplitude, como jantares comunitários, bailes ou outros eventos coletivos.

Ainda ao nível do piso térreo, integra-se uma oficina equipada com uma área exterior de apoio, destinada a atividades práticas como o corte de lenha, reparação de bicicletas ou preparação de produtos para o mercado. Este piso inclui também instalações sanitárias de apoio.

A organização do edifício desenvolve-se em três pisos, estruturados a partir de pés-direitos duplos que reforçam a relação espacial e visual entre níveis. Em todos os pisos é prevista uma componente expositiva, promovendo a valorização de práticas e produções locais.

O segundo piso é definido por um espaço de pé-direito duplo, integrando duas salas de trabalho destinadas a workshops e atividades colaborativas, complementadas por áreas de exposição. Este nível estabelece uma ligação direta, através de um passadiço, ao edifício do café e aos armazéns, criando espaços exteriores de permanência e promovendo relações visuais entre os diferentes programas.

O terceiro piso é dedicado maioritariamente à exposição, tirando partido da relação entre luz natural, altura do espaço e continuidade visual proporcionada pelo pé-direito duplo.

Café

O café surge como um elemento de suporte aos restantes programas, desempenhando um papel central na promoção de espaços de convívio e encontro. A sua localização e articulação com os armazéns piscatórios respondem a necessidades identificadas junto da comunidade piscatória, permitindo um acesso facilitado, mesmo a partir de níveis superiores, através de um passadiço de ligação.

No segundo piso, o café beneficia ainda de uma relação privilegiada com a paisagem, proporcionando vistas sobre o mar e reforçando a qualidade do espaço enquanto lugar de permanência e sociabilidade.

Armazéns Piscatórios

A proposta de novos armazéns piscatórios resulta da análise das estruturas existentes, que se revelam insuficientes face às necessidades dos utilizadores. Através de entrevistas e conversas com pescadores locais, foi possível identificar três tipologias de pesca predominantes em Esmoriz: a arte xávega, a pesca artesanal e a pesca desportiva com cana.

Com base nesta diversidade, são propostos dois tipos principais de armazéns: um destinado à Arte Xávega e outro à pesca artesanal. Ambos incluem áreas funcionais essenciais, como cozinha, instalações sanitárias, zonas de arrumos, espaços de preparação do peixe e áreas de trabalho.

A principal diferença entre os dois reside na dimensão e configuração do espaço frontal. No caso da Arte Xávega, é necessário prever uma área ampla que permita a entrada e manobra de tratores e embarcações de grande dimensão. Já nos armazéns destinados à pesca artesanal, os requisitos espaciais são mais reduzidos, sendo suficiente acomodar atrelados ou veículos de menor porte, como moto-quatro.

Os pescadores destacaram ainda a importância de espaços com boa iluminação natural, bem como a necessidade de áreas de convívio e pausa. Os armazéns estabelecem ligação direta ao café através de um passadiço, reforçando a integração entre trabalho e momentos de descanso.

Horta comunitária e espaços lúdicos

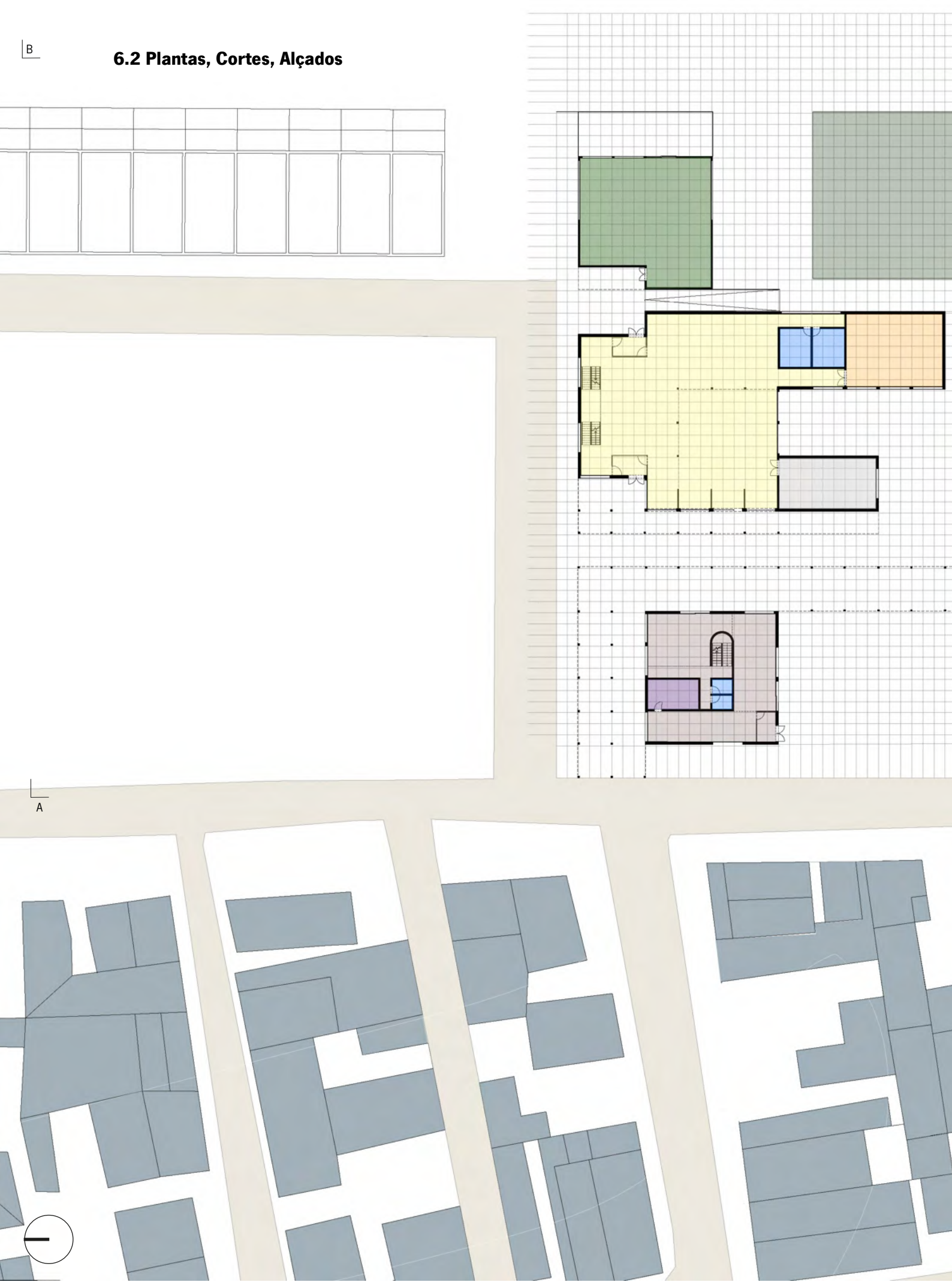
A proposta de uma horta comunitária surge a partir do diálogo com a população local, em particular com os habitantes do Bairro da Boa Esperança.

Muitos referiram tentativas anteriores de cultivo em áreas adjacentes às suas habitações, posteriormente interrompidas por restrições associadas à gestão do espaço público.

Neste contexto, a criação de uma horta comunitária apresenta-se como uma resposta direta a essa necessidade, tendo sido bem acolhida pela comunidade. Para além da sua dimensão produtiva, este espaço assume também um papel social e educativo.

Paralelamente, foi identificada a carência de espaços destinados ao lazer infantil. Assim, propõe-se a integração de espaços para os mesmo, promovendo uma coexistência entre funções produtivas e lúdicas. Esta articulação contribui para a construção de um ambiente mais inclusivo e dinâmico, capaz de responder a diferentes faixas etárias e formas de apropriação do espaço.

6.2 Plantas, Cortes, Alçados



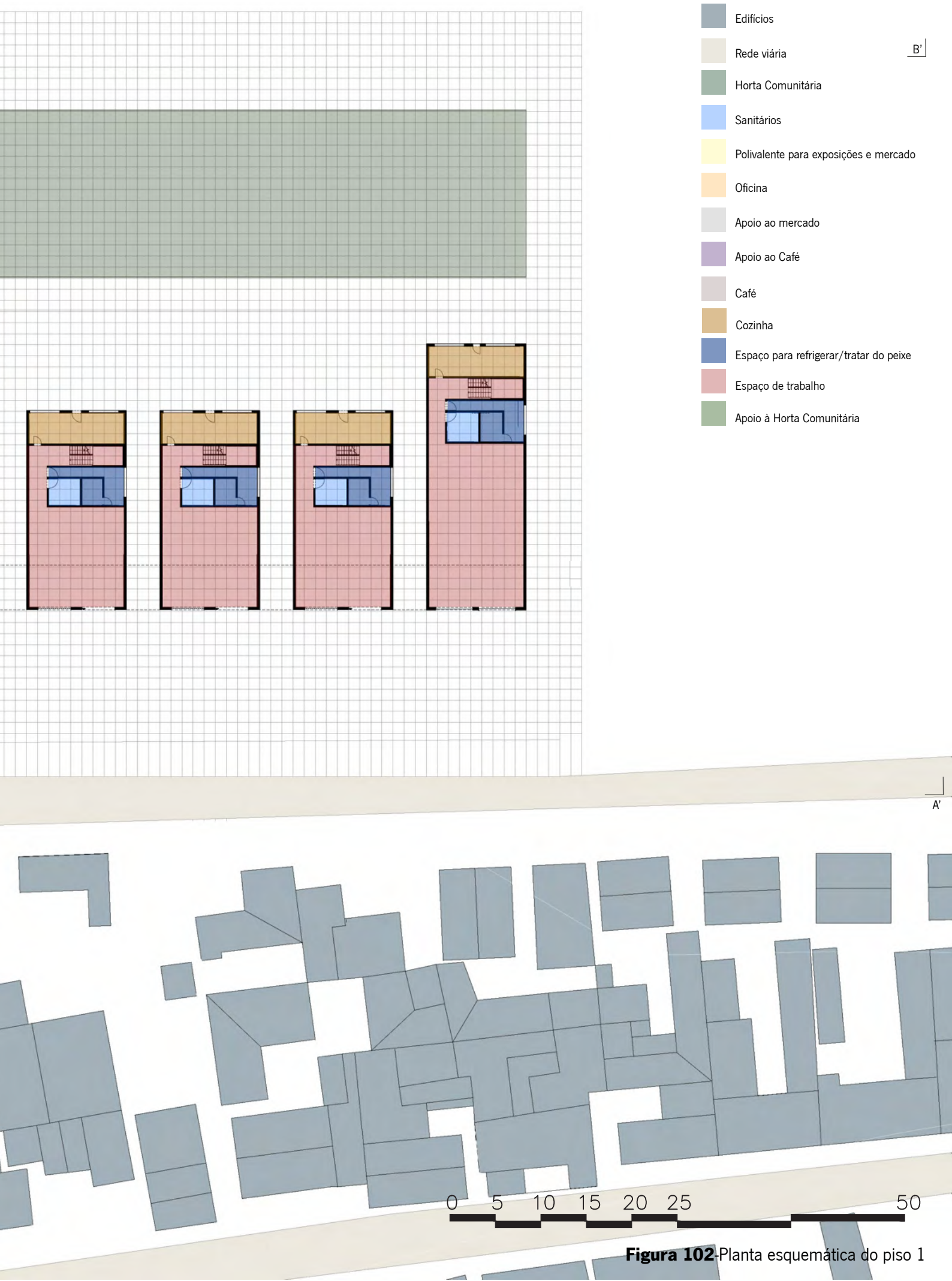
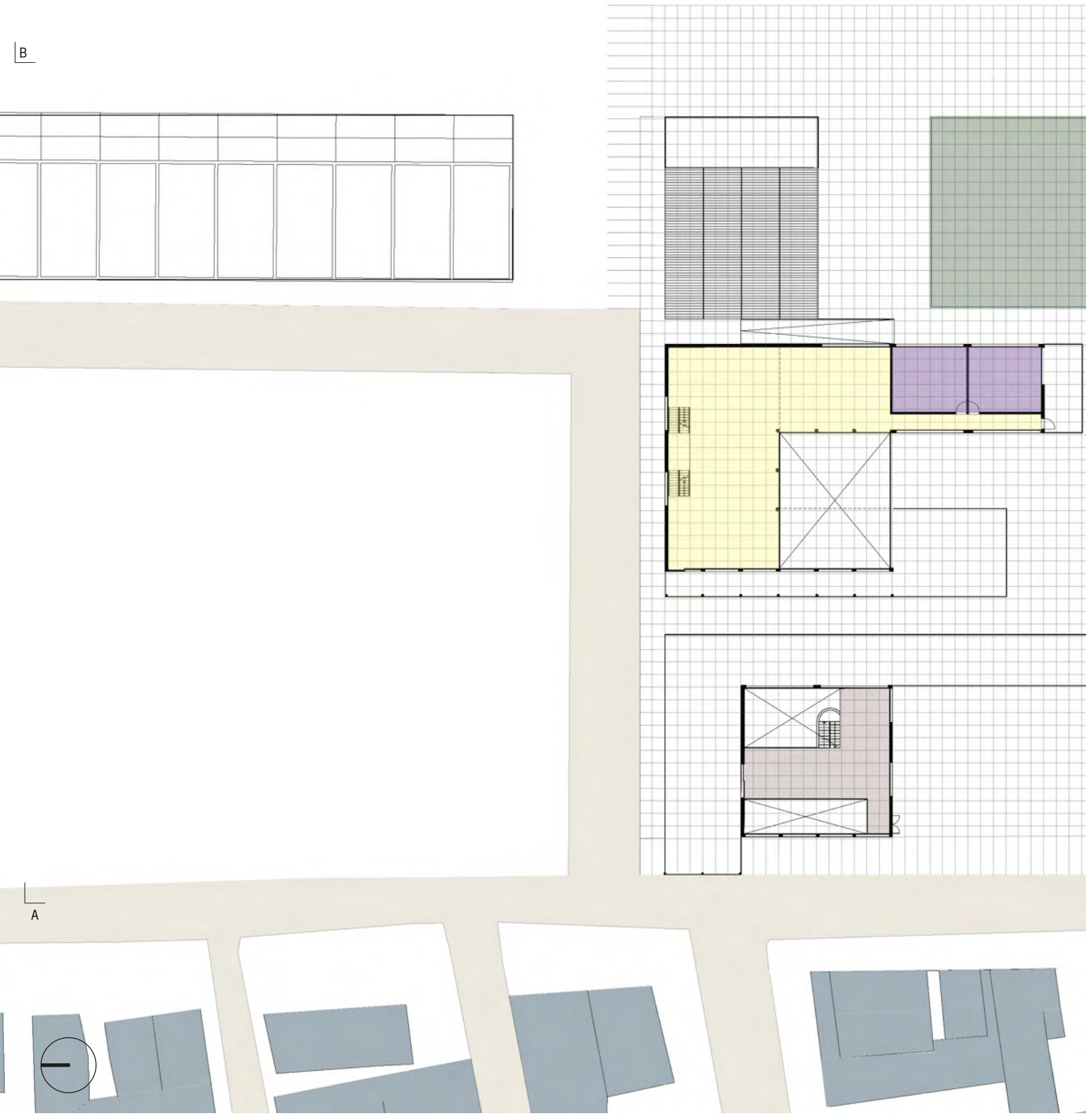
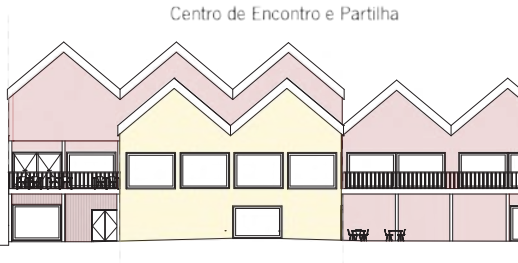


Figura 102-Planta esquemática do piso 1


B
A


Conjunto Habitacional da Boa Esperança


Centro de Encontro e Partilha
Café

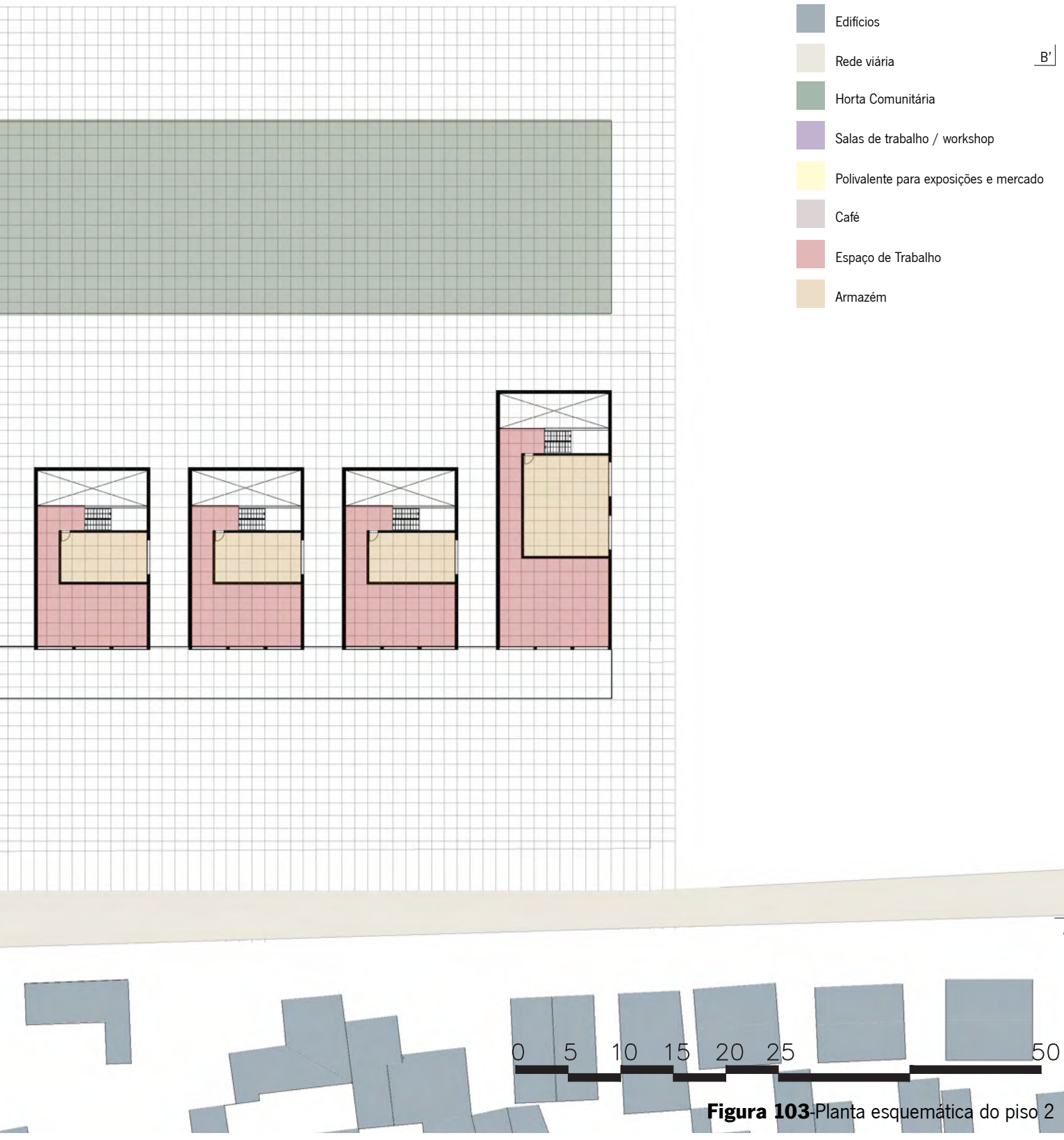


Figura 103-Planta esquemática do piso 2

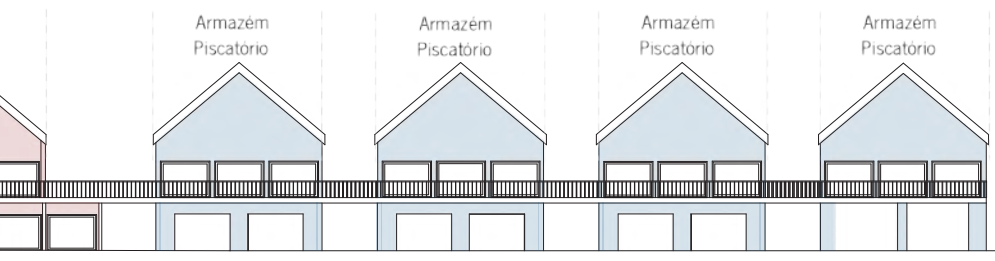
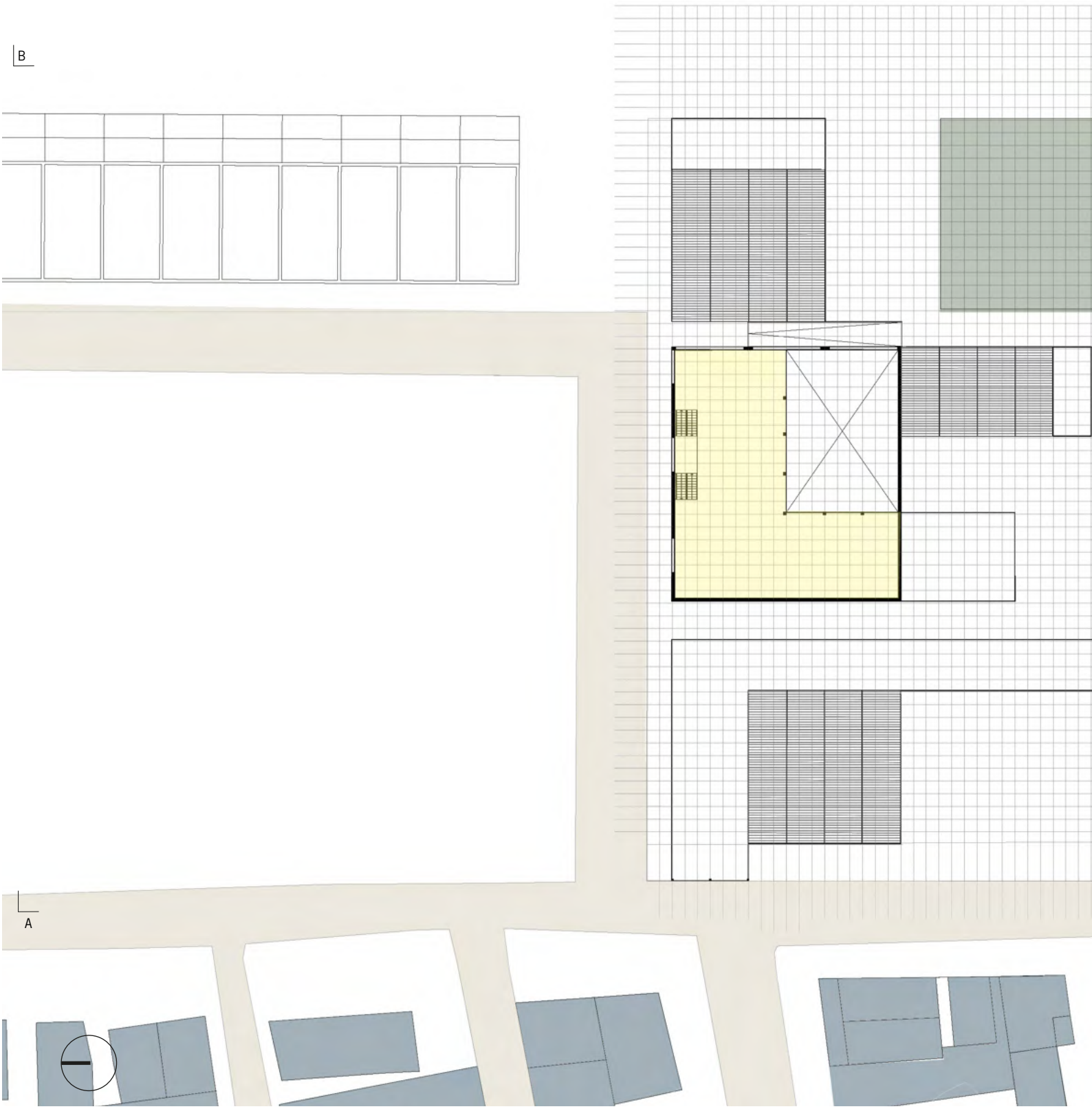


Figura 104-Alçado AA'


B
A


Armazém
Piscatório
Armazém
Piscatório
Armazém
Piscatório
Armazém
Piscatório

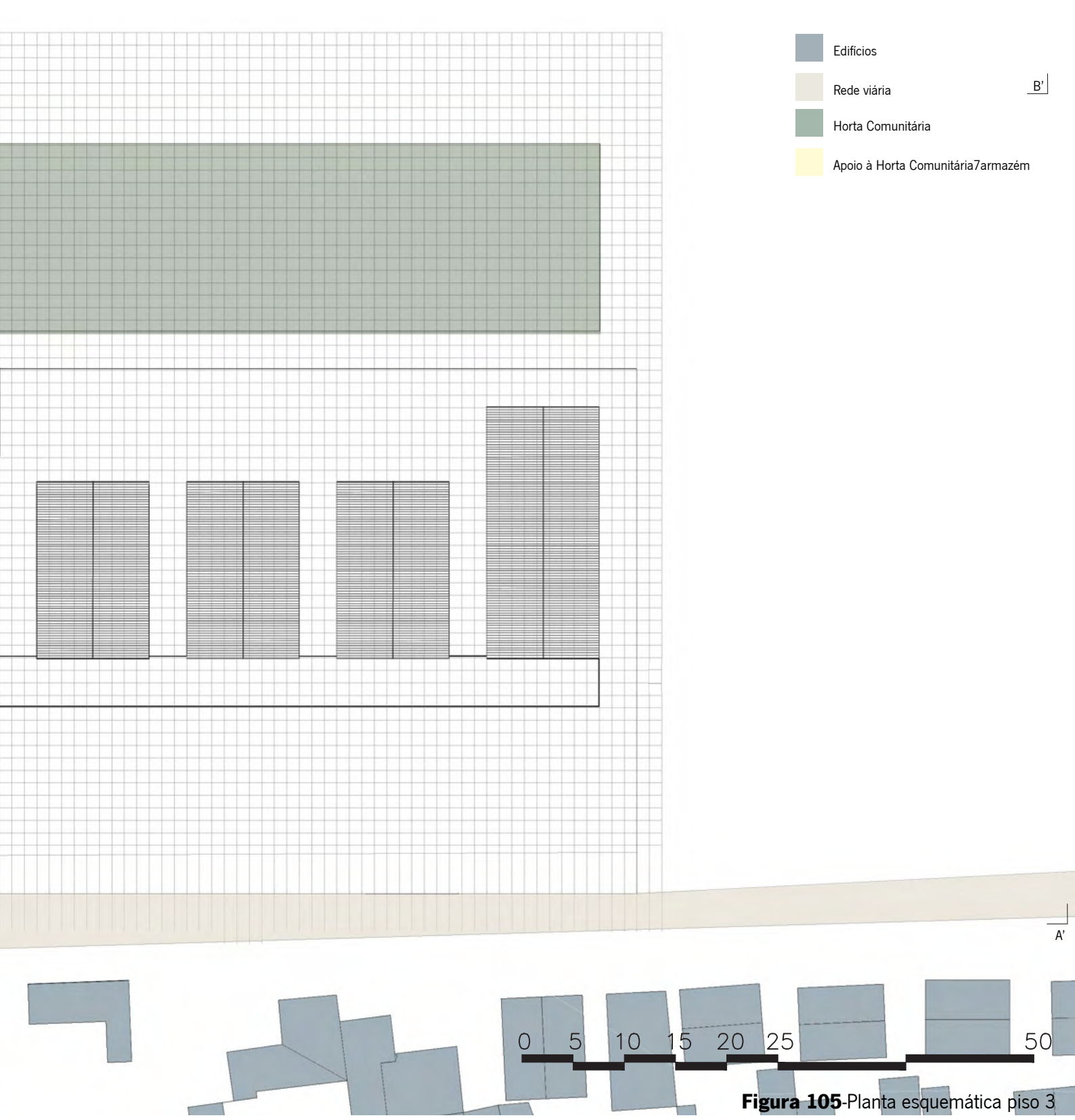


Figura 105-Planta esquemática piso 3

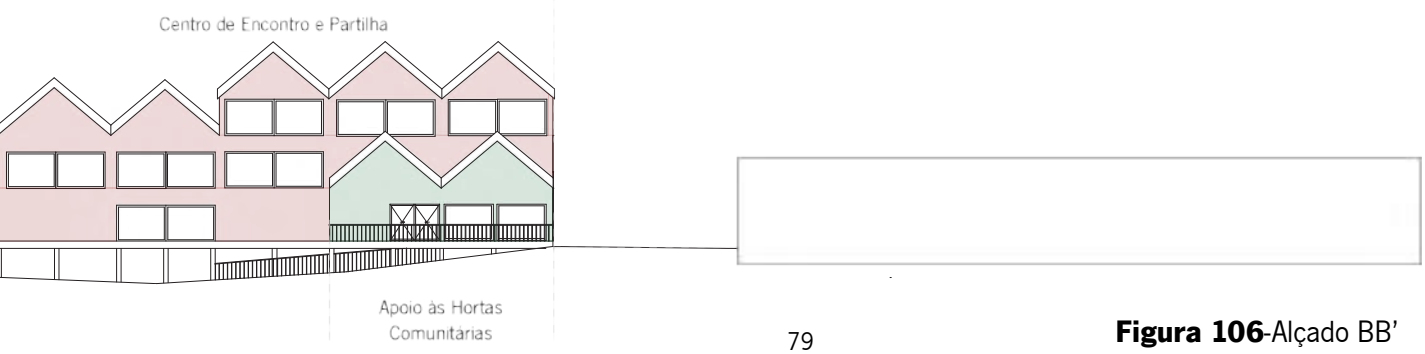


Figura 106-Alçado BB'


E
C
G
B
A
F
0 2 4 6 8 10 20
E
C



Figura 107- Planta piso 1


E
C'
G
B
A
F
E'
C
0 2 4 6 8 10 20



Figura 108-Planta piso 2

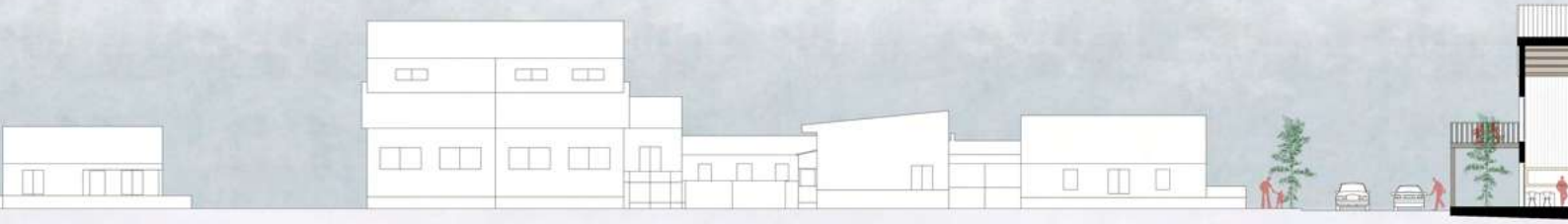

0 2 4 6 8 10 20



Figura 109-Planta piso 3







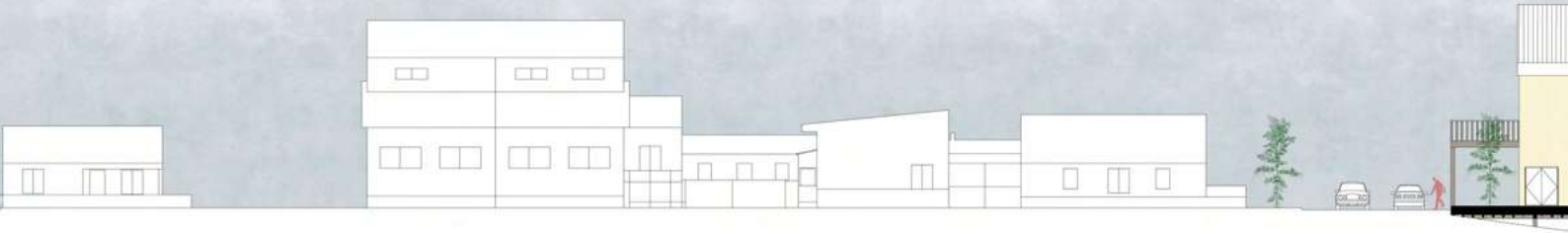




Figura 110- Corte-Alçado AA'

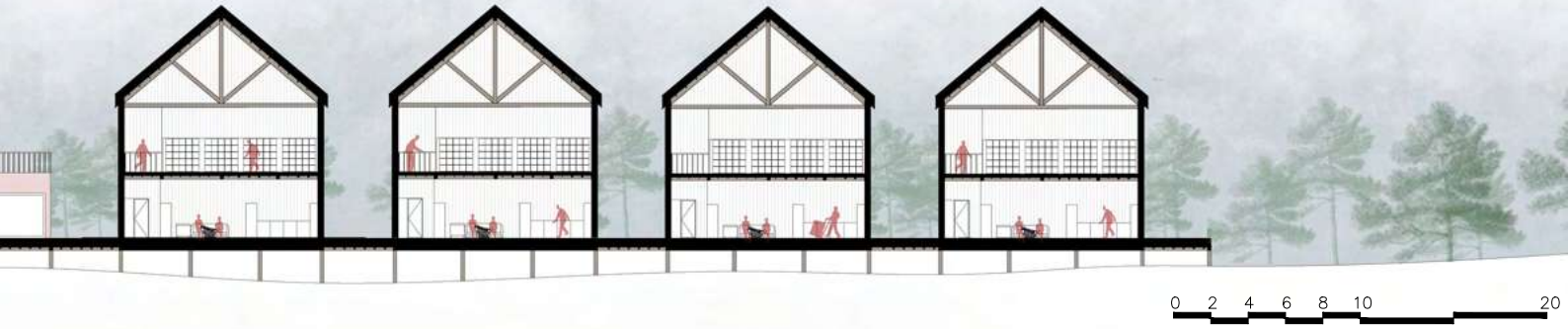


Figura 111- Corte-Alçado BB'

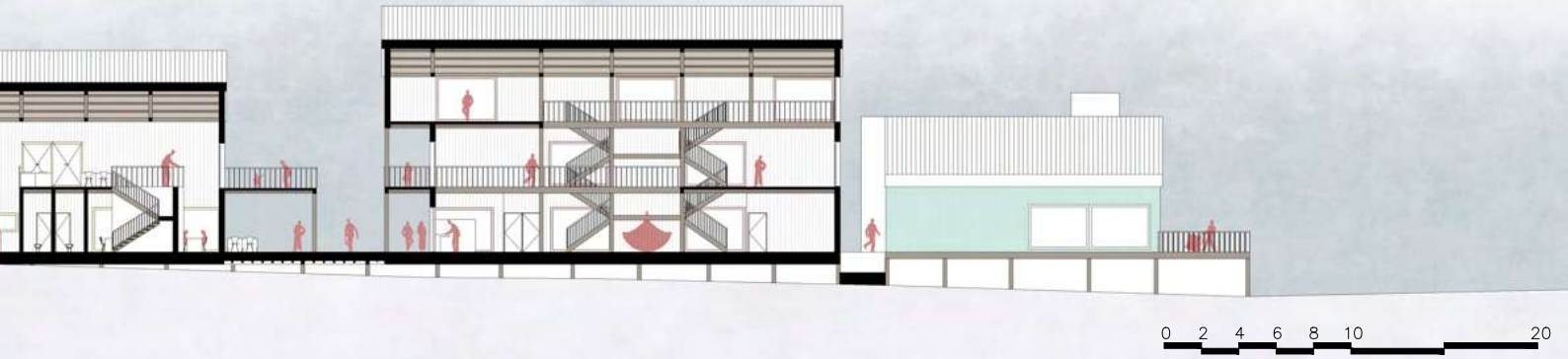


Figura 112- Corte-Alçado CC'

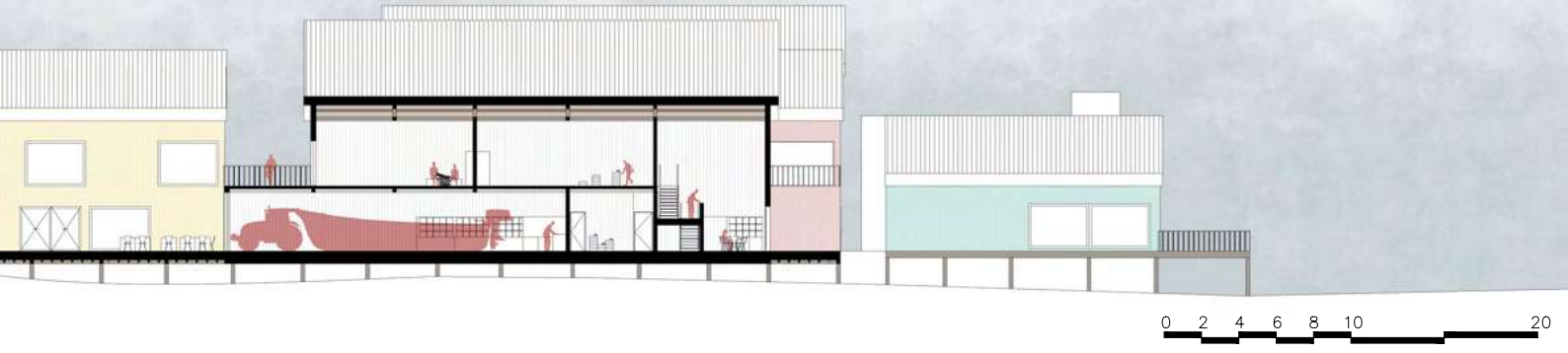


Figura 113- Corte-Alçado DD'



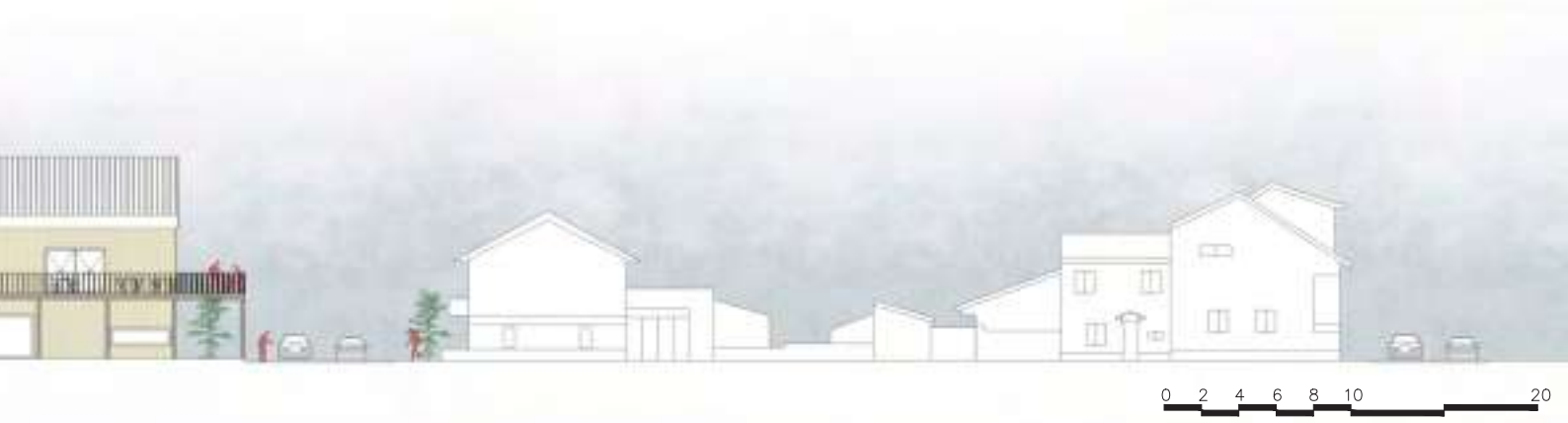


Figura 114- Alçado EE'



Figura 115- Alçado FF'



Figura 116- Alçado GG'

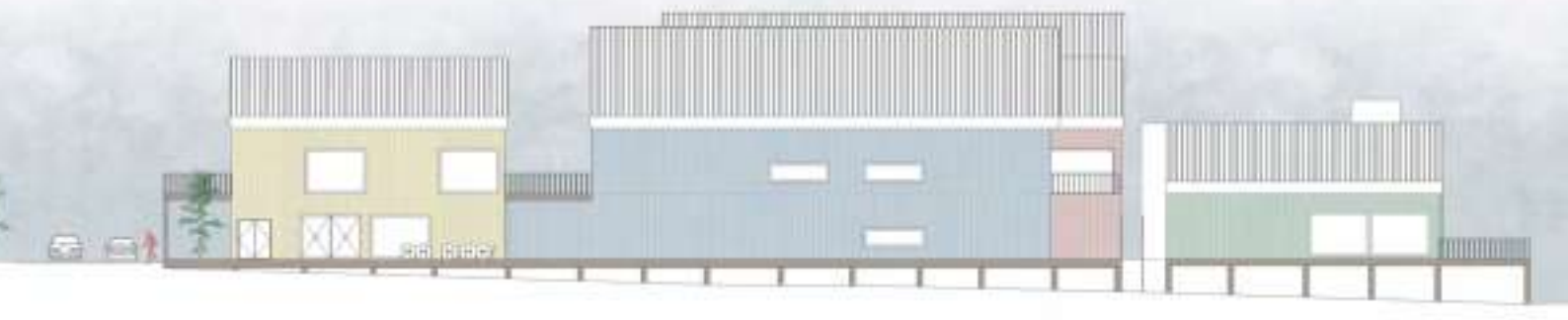
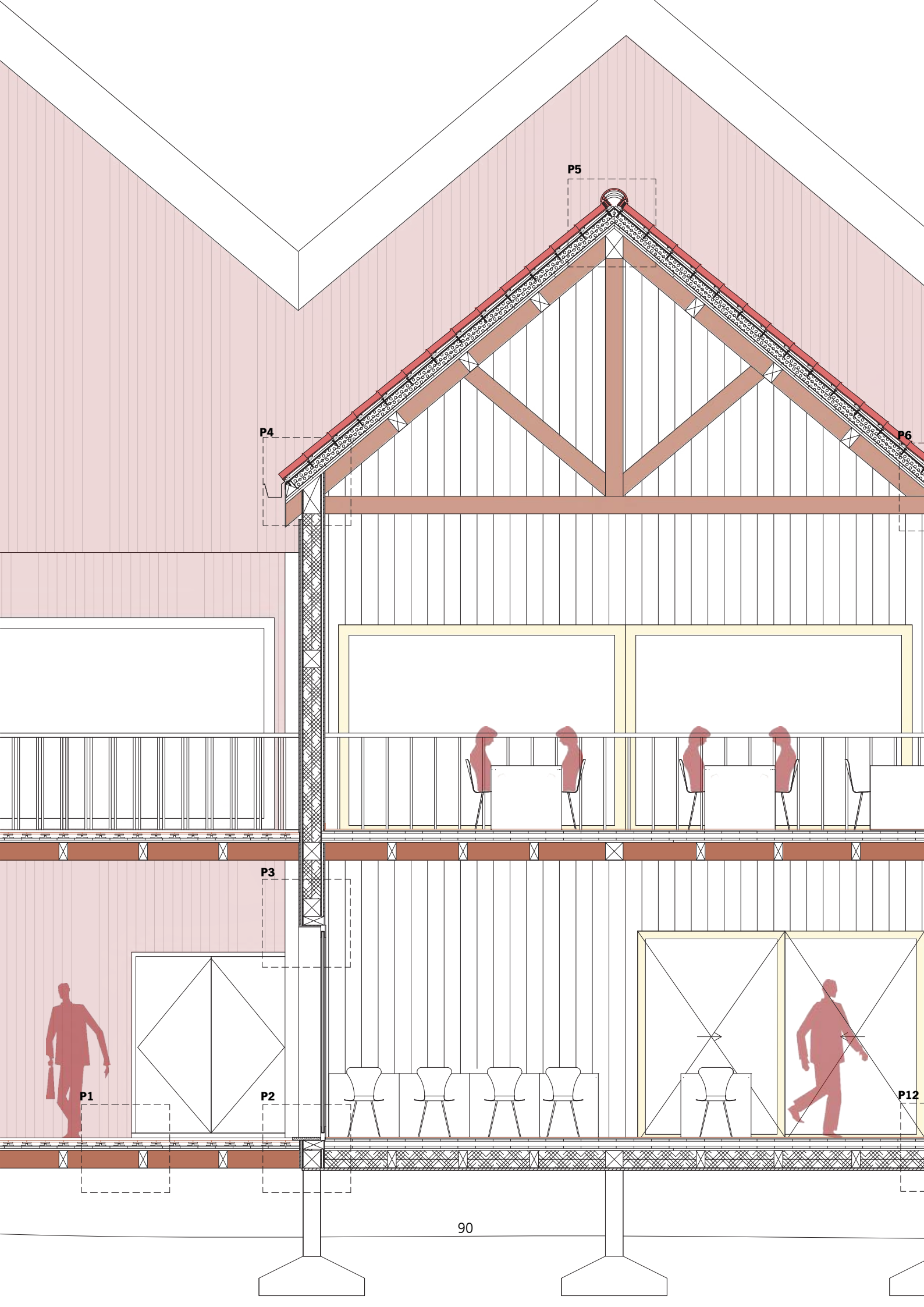


Figura 117- Alçado HH'


P5
P4
P6
P3
P1
P2
P12

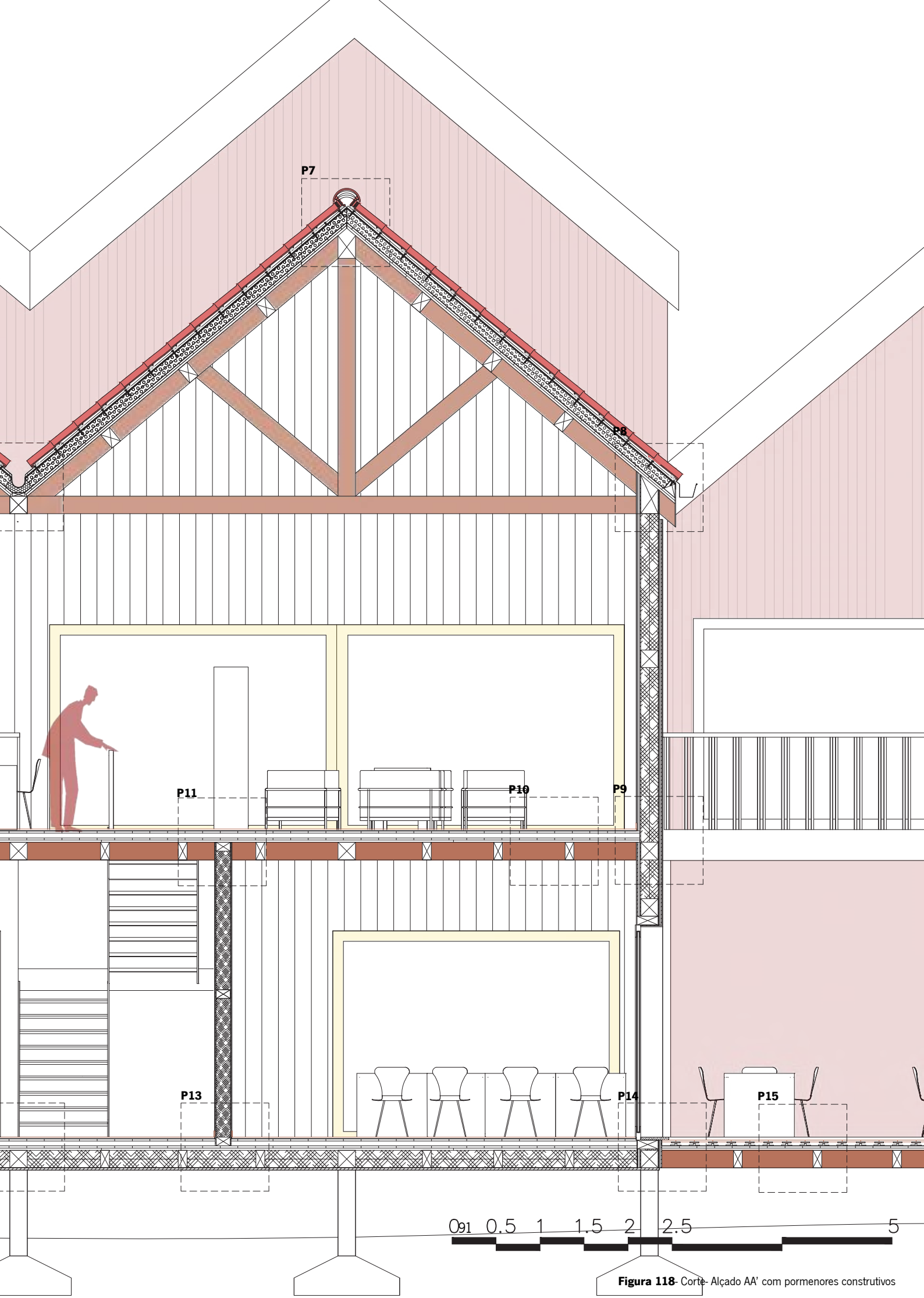
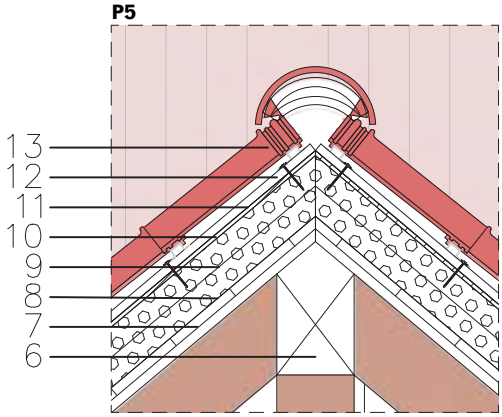
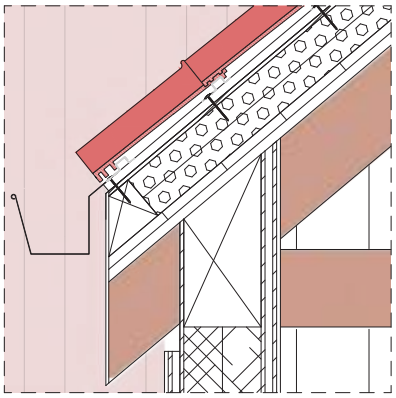


Figura 118- Corte- Alçado AA' com pormenores construtivos

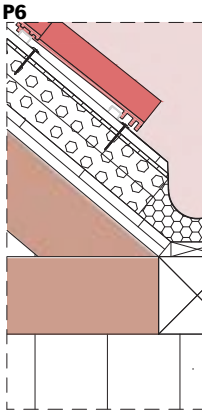
P5



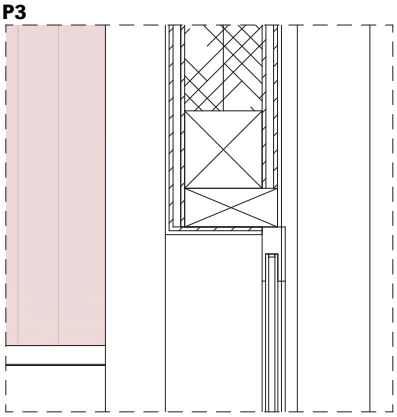
P4



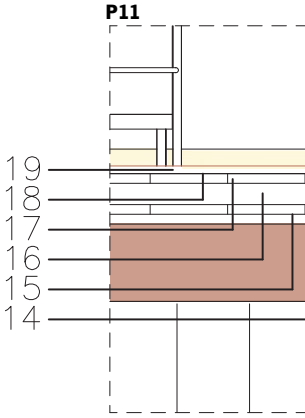
P6



P3

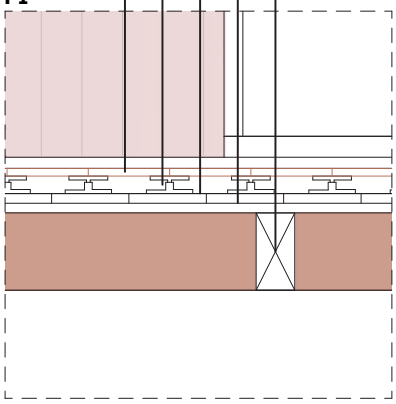


P11

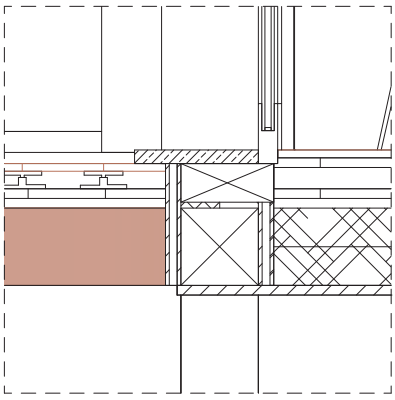




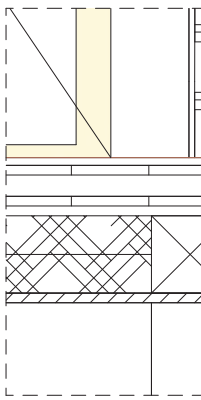
P1



P2



P12



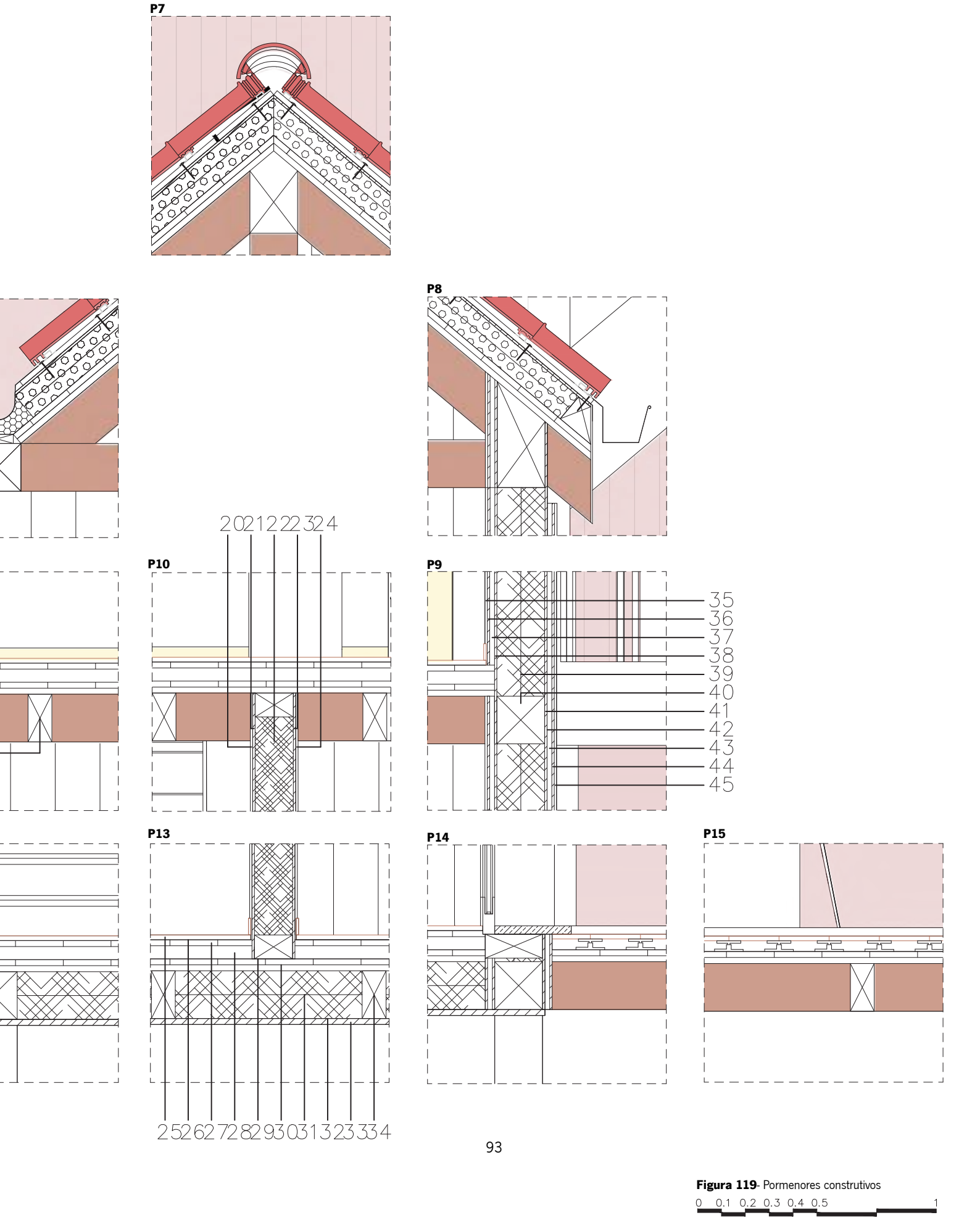


Figura 119- Pormenores construtivos

0 0.1 0.2 0.3 0.4 0.5 1

Legenda dos pormenores:

1- Revestimento em tábuas de madeira (2 cm)

2- Caixa de ar criada através de apoios para sistema de pavimento flutuante (4,5 cm)

3- Membrana betuminosa impermeável (0,4 cm)

4- Duplo tabuado cruzado em madeira (2,5 + 2,5 cm)

5- Estrutura em madeira timber frame (20 cm)

6- Estrutura em madeira timber frame (20 cm)

7- Duplo tabuado cruzado em madeira (2,5 + 2,5 cm)

8- Barreira de vapor em polietileno (0,03 cm)

9- Dupla camada de isolamento térmico em painéis de cortiça com juntas desencontradas (6 + 6 cm)

10- Painel OSB (1 cm)

11- Membrana betuminosa impermeável (0,4 cm)

12- Sistema subtelha ONDULINE (2,2 cm)

13- Revestimento em telha portuguesa fixada através de ripa metálica (10,6 cm)

14- Estrutura em madeira timber frame (20 cm)

15- Duplo tabuado cruzado em madeira (2,5 + 2,5 cm)

16- Caixa técnica para instalações criada através de barrotes de madeira (5,5 cm)

17- Tabuado em madeira (2,5 cm)

18- Manta isolante em cortiça e borracha (0,2 cm)

19- Revestimento em soalho de madeira (2 cm)

20- Revestimento em tábuas de madeira pintadas de branco (1 cm)

21- Painel OSB (1 cm)

22- Isolamento acústico em painéis de lã de rocha (16 cm)

23- Painel OSB (1 cm)

24- Revestimento em tábuas de madeira pintadas de branco (1 cm)

25- Revestimento em parquet (2 cm)

26- Manta isolante em cortiça e borracha (0,2 cm)

27- Tabuado em madeira (2,5 cm)

28- Caixa técnica para instalações criada através de barrotes de madeira (5,5 cm)

29- Barreira de vapor em polietileno (0,03 cm)

30- Duplo tabuado cruzado em madeira (2,5 + 2,5 cm)

31- Dupla camada de isolamento térmico em painéis de fibra de madeira (10 + 10 cm)

32- Membrana impermeável respirável em polipropileno compósito (0,09 cm)

33- Fecho através de painel OSB (2,5 cm)

34- Estrutura em madeira timber frame (20 cm)

35- Revestimento em tábuas de madeira pintadas de branco (1 cm)

36- Painel OSB (1 cm)

37- Caixa de ar criada através de barrotes de madeira (2 cm)

38- Painel OSB (1 cm)

39- Dupla camada de isolamento em painéis de fibra de madeira (10 + 10 cm)

40- Estrutura em madeira timber frame (20 cm)

41- Painel OSB (1 cm)

42- Barreira de vapor em polietileno (0,03 cm)

43- Caixa de ar ventilada criada através de barrotes de madeira (2 cm)

44- Painel OSB (1 cm)

45- Revestimento em tábuas de madeira (1 cm)

6.3 Princípios construtivos e materialidade





Figura 120- Corte AA' perspectivado com materialidade



Figura 121- Telha Lusa. Fonte: Pimacon

A telha Lusa é um material cerâmico tradicional português, feito de argila cozida a alta temperatura, o que lhe confere grande resistência, baixa absorção de água e elevada durabilidade. O seu sistema de encaixe garante boa estanquidade à chuva e vento, além de permitir ventilação sob a cobertura, ajudando no controlo da humidade. A sua utilização é interessante em contextos como Esmoriz porque responde bem ao clima atlântico e, ao mesmo tempo, reforça a identidade arquitetónica local. Ao reinterpretar palheiros com este material, combina-se a tradição vernacular com desempenho técnico atual, criando uma linguagem simples, resistente e coerente com o território



Figura 122-Tábuas de madeira e cores para pintar na mesma Fonte: Dreamstime.

As tábuas de madeira pintadas com cores típicas do palheiro são um elemento construtivo e estético associado à arquitetura vernácula das zonas costeiras portuguesas. Tradicionalmente, a madeira era usada por ser um material leve, fácil de montar e disponível localmente, permitindo a construção rápida de estruturas simples e funcionais junto ao mar.

A pintura colorida não tinha apenas um papel decorativo: ajudava também a proteger a madeira da humidade, da salinidade e da degradação provocada pelo ambiente atlântico. Com o tempo, estas cores tornaram-se uma identidade visual forte dos palheiros, criando uma imagem reconhecível e ligada à cultura marítima.

O soalho de madeira é um revestimento de pavimento feito por réguas de madeira natural, que oferece conforto térmico, sensação de calor e boa qualidade espacial no interior.

É um material leve, durável quando bem tratado e facilmente adaptável a diferentes sistemas construtivos.



Figura 123-Soalho de madeira. Fonte: Sierolam

6.4 Sistema modular e construção em palafitas

A análise das características naturais do sítio teve um papel fundamental na definição da estratégia construtiva do projeto. Sendo um território próximo da praia, marcado pela presença constante de humidade, ventos marítimos e pela fragilidade do solo, tornou-se essencial desenvolver uma solução que reduzisse ao mínimo o impacto da construção sobre o terreno. A partir desta leitura do lugar, optei por um sistema elevado em palafitas, apoiado em pilares estruturais assentes sobre pequenas sapatas de betão.

Esta solução permite que o edifício toque o solo de forma pontual e controlada, evitando movimentos de terra excessivos, impermeabilização contínua do terreno e alterações profundas da topografia natural. Em vez de ocupar o solo de forma massiva, a construção procura pousar sobre ele de maneira leve, quase reversível, preservando a drenagem natural da água, a ventilação do terreno e a vegetação existente.

A escolha de um sistema em palafitas relaciona-se também com os princípios do degrowth, ao procurar reduzir a quantidade de recursos utilizados e minimizar a transformação permanente do território. O contacto reduzido com o solo traduz uma abordagem menos invasiva e mais consciente da relação entre arquitetura e ecossistema. Para além disso, a elevação da estrutura melhora o comportamento do edifício perante a humidade, aumenta a ventilação natural e contribui para a durabilidade dos materiais.

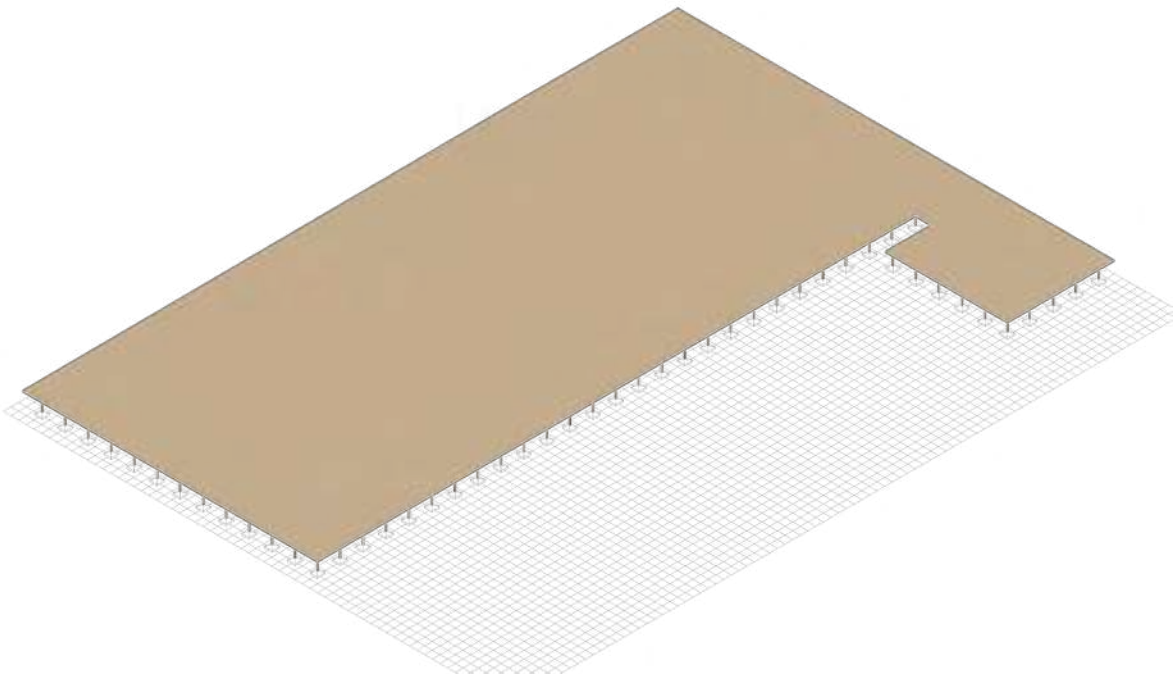


Figura 124-Estrutura base

O sistema construtivo proposto baseia-se numa estrutura modular em timber frame, pensada para responder às condições específicas do lugar e, ao mesmo tempo, reduzir o impacto ambiental da construção. Cada módulo possui dimensões de 1,22 m de largura por 1,75 m de altura, permitindo uma organização simples, repetitiva e facilmente adaptável. Na axonometria apresentada é possível observar quatro módulos que, juntos, formam o sistema construtivo do painel.

O revestimento exterior é composto por placas de madeira verticais com 15 cm de largura, 1 cm de espessura e 1,75 m de altura. Estas peças são fixadas sobre uma placa de OSB com 1 cm de espessura e dimensões de 1,22 × 1,75 m, funcionando como suporte estrutural e superfície de estabilização do painel. Sobre esta camada foi aplicada uma membrana Tyvek, responsável pela impermeabilização e proteção contra a humidade, garantindo simultaneamente a respirabilidade da parede.

Depois desta camada, foram colocados sarrafos de madeira de secção 2 × 2 cm e 1,75 m de altura, criando um espaço técnico e uma pequena caixa de ar ventilada. Estes elementos encontram-se fixos à estrutura principal, constituída por peças de madeira de 20 × 20 cm e 3,50 m de altura, que asseguram a estabilidade do conjunto e fazem a ligação à construção em palafitas.

No interior, o sistema repete uma lógica semelhante à do exterior: uma nova placa de OSB, seguida novamente por sarrafos e pelo acabamento final em madeira. Neste caso, o revestimento interior foi pintado de branco, permitindo aumentar a luminosidade dos espaços e criar uma atmosfera mais leve e confortável.

Entre os elementos estruturais foi aplicado isolamento em fibra de madeira, escolhido pelas suas propriedades térmicas e acústicas, mas também pelo seu reduzido impacto ambiental. A utilização deste material contribui para melhorar o conforto interior e reforça a intenção de utilizar soluções naturais e renováveis.

Toda a madeira utilizada no projeto foi submetida a tratamento em autoclave, uma decisão importante devido à proximidade da praia e à elevada exposição à humidade e salinidade. Este tratamento aumenta a durabilidade da madeira e reduz a necessidade de manutenção ao longo do tempo.

A escolha dos materiais e do próprio sistema modular relaciona-se diretamente com os princípios do degrowth, privilegiando uma arquitetura mais consciente, leve e sustentável. A utilização predominante de madeira, materiais naturais e sistemas desmontáveis permite reduzir a energia incorporada da construção, minimizar desperdícios e facilitar futuras adaptações. Mais do que um sistema construtivo, esta solução procura estabelecer uma relação equilibrada entre o edifício, o território e os recursos disponíveis.

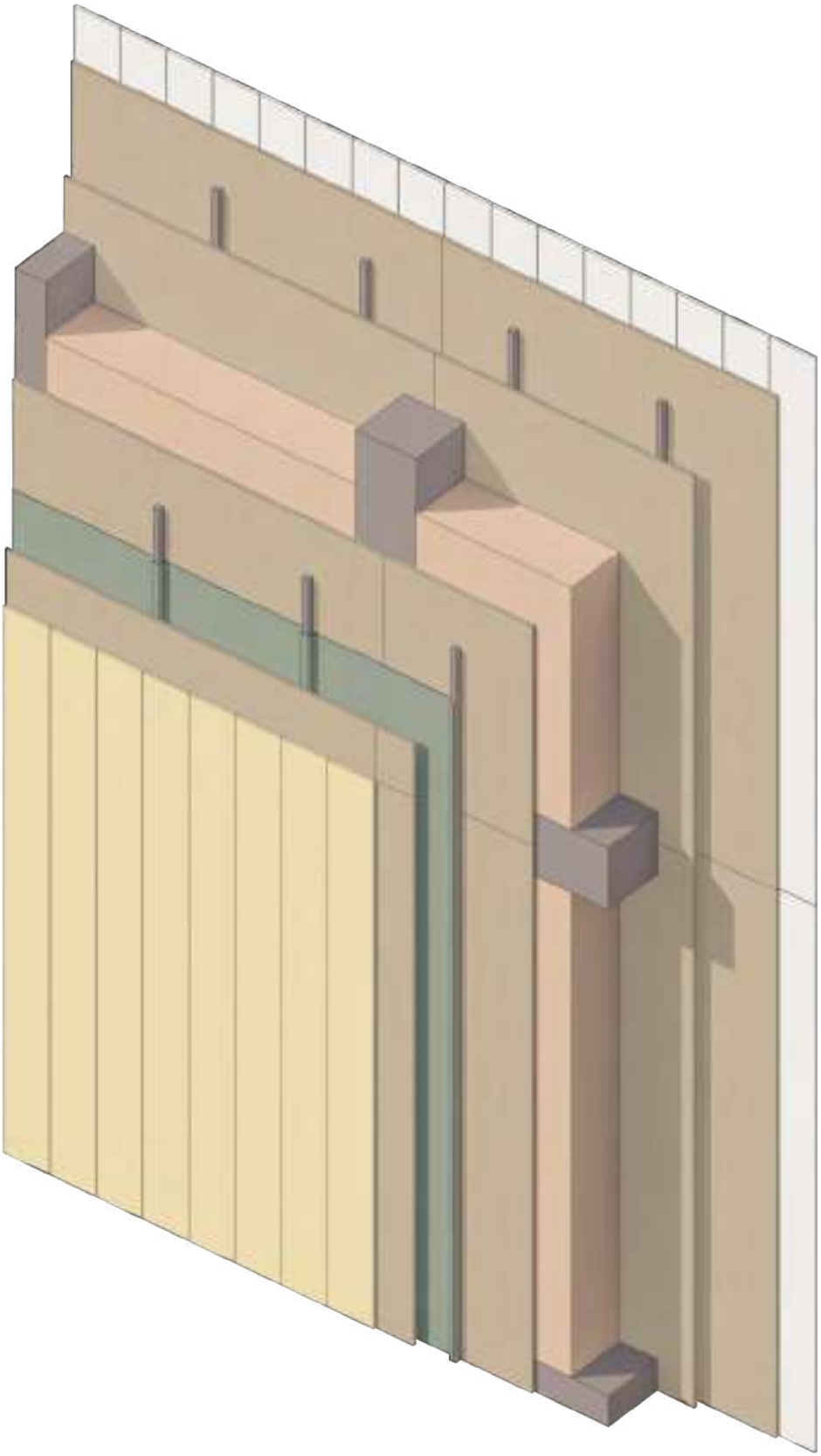


Figura 125-Axonometria do pormenor-tipo da parede exeterior-interior do corte AA'

7-Ilustrações Finais



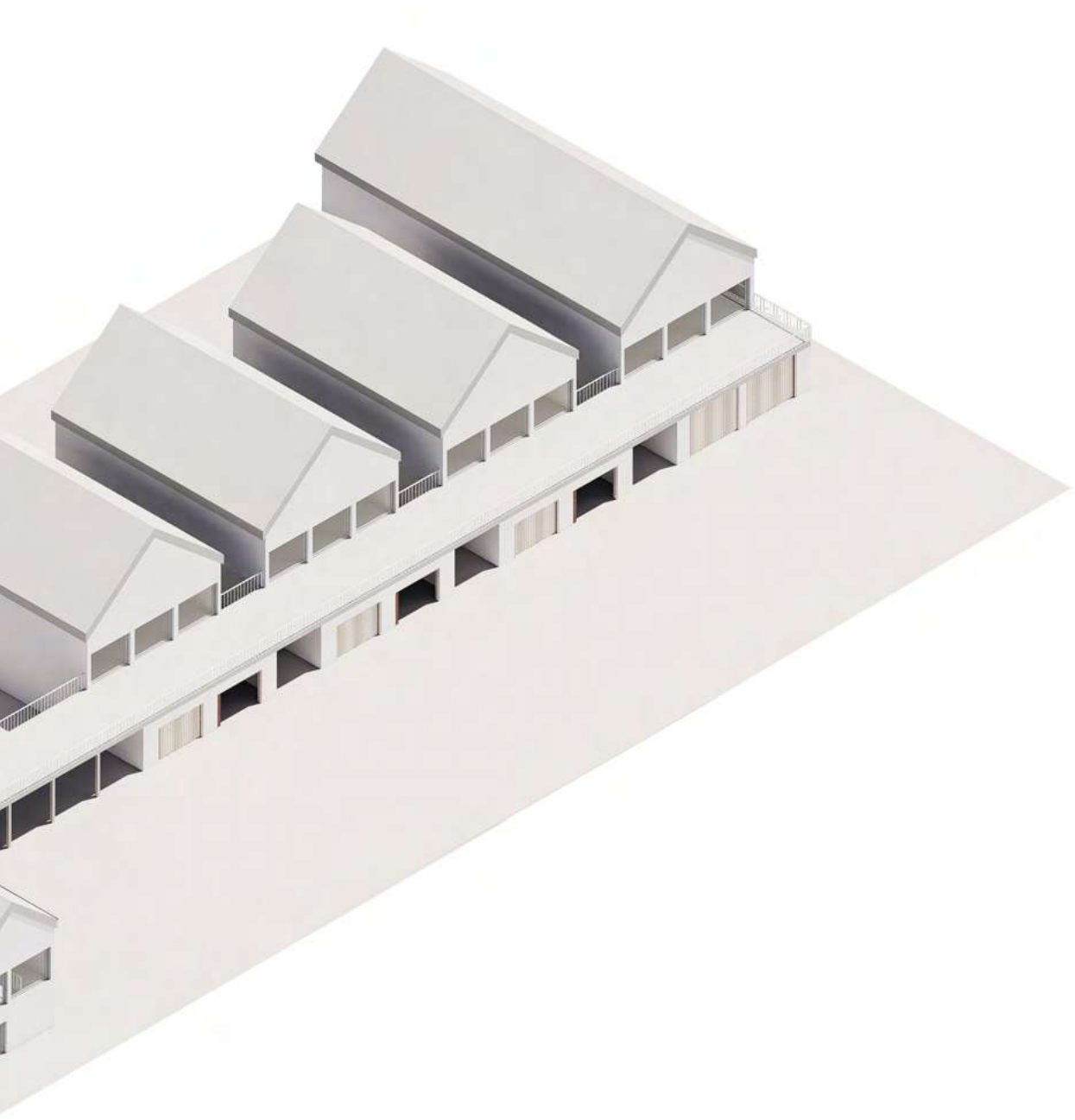


Figura 126- Isometria do conjunto dos equipamentos





Figura 127- Vista do conjunto dos equipamentos





Figura 128- Vista do conjunto dos equipamentos

8-Conclusão

O desenvolvimento deste trabalho permitiu compreender Esmoriz, não apenas como um território físico, mas como um sistema complexo de relações estabelecidas ao longo do tempo, onde a arquitetura surge diretamente ligada às práticas produtivas, à vida comunitária e às condições naturais do lugar. A análise do Bairro piscatório revelou uma lógica de ocupação progressiva, marcada pela adaptação, pela transformação contínua e pela ausência de uma forma urbana rígida, mas onde existe uma coerência profunda entre modos de habitar e forma construída.

Neste contexto, a proposta de projeto não procura impor uma nova ordem ao território, mas sim trabalhar a partir das suas próprias estruturas, reconhecendo o valor das tipologias existentes, dos vazios, dos percursos e das práticas quotidianas. A escolha do armazém piscatório como módulo base e a sua transformação num sistema mais amplo de organização espacial permitem estabelecer uma continuidade entre passado e presente, entre memória e possibilidade de futuro.

A introdução de uma lógica modular e evolutiva, associada a sistemas construtivos em madeira e a soluções elevadas em palafitas, reforça uma abordagem mais sensível ao território, que privilegia a reversibilidade, a adaptação e o crescimento faseado. Esta estratégia não pretende fixar o lugar, mas antes criar condições para que ele continue a transformar-se de forma coerente com as suas próprias dinâmicas. Mais do que uma intervenção finalizada, o projeto assume-se como um dispositivo aberto, capaz de acolher mudanças e de integrar a participação da comunidade ao longo do tempo. A arquitetura é entendida aqui como um instrumento de mediação entre pessoas, território e memória coletiva, onde o valor não está na forma isolada do objeto construído, mas na capacidade de gerar relações, continuidade e pertença. Em última análise, este trabalho reforça a ideia de que intervir em territórios como Esmoriz exige uma postura de escuta e de continuidade crítica, onde projetar significa compreender antes de transformar, e onde a permanência não se opõe à mudança, mas é construída precisamente através dela.

9- Referências bibliográficas

Autor, A. A. (1987). Tendenza: neorracionalismo y figuración. In AA. VV., Más allá del posmodernismo. Crítica a la arquitectura reciente (2.ª ed., pp. 83–117). Editorial Gustavo Gili.

Corboz, A. (1983). The land as palimpsest. Diogenes, 31(121), 12–34.

Forty, A. (1999). Type. In A. Forty, Words and buildings: A vocabulary of modern architecture (pp. 304–317). Thames & Hudson.

Gehl, J. (2011). Life Between Buildings: Using Public Space. Washington, DC: Island Press.

Habraken, N. J. (1972). Supports: An Alternative to Mass Housing. London: Architectural Press.

Hertzberger, H. (2015). Lessons for Students in Architecture (3rd ed.). Rotterdam: 010 Publishers.

Junta de Freguesia de Esmoriz. (s.d.). Património etnográfico. https://jf-esmoriz.pt/patrimonio/etnografico/

Junta de Freguesia de Esmoriz. (s.d.). Património industrial. https://jf-esmoriz.pt/patrimonio/industrial/

Latouche, S. (2009). Farewell to Growth. Cambridge: Polity Press.

Reis, A. R. A. (2015). Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear: Espinho, Esmoriz e Furadouro (Dissertação de mestrado integrado). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Rossi, A. (1982). The Architecture of the City. Cambridge, MA: MIT Press.

Silva, P. S. P. de S. G., & Ramos, R. J. G. (s.d.). Comunidades piscatórias: do legado da arquitetura popular às estratégias habitacionais no período do Estado Novo. Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77461/2/95802.pdf

Vidler, A. (1998). The Third Typology. In K. M. Hays (Ed.), Oppositions Reader: Selected Readings from a Journal for Ideas and Criticism in Architecture 1973–1984. New York: Princeton Architectural Press.

10-Índice de imagens

Índice de imagens:

Figura 1- Fotografia de pescadores em frente a um armazém piscatório a amanhar a rede.

Fonte- Autora

Figura 2- Fotografia do quintal/jardim de uma moradora do Bairro piscatório de Esmoriz.

Fonte- Autora

Figura 3- Ortofotomapa de Esmoriz e envolvente.

Fonte- Imagem retirada de Google Earth, editada pela autora. https://earth.google.com/web/@40.9580147,-8.6266922,5605.27049127a,0d,35y,0h,0t,0r/data=CgRCAggBOgMKATBCAggAS-g0I_____ARAA?utm_source=earth7&utm_campaign=vine&hl=pt-PT

Figura 4- Planta cheios e vazios.

Fonte- Autora

Figura 5- Planta de estradas/ruelas.

Fonte- Autora

Figura 6- Planta esquemática de uma casa no Bairro piscatório de Esmoriz, que foi crescendo ao longo dos anos.

Fonte- Autora, planta realizada no âmbito da unidade curricular Atelier Integrado com Isabella Borges e Isabela Coutinho

Figura 7- Alçado da planta da figura 6.

Fonte: realizado pela autora, no âmbito da unidade curricular Atelier Integrado, com Isabella Borges e Isabela Coutinho

Figura 8- Fotografia da casa das figuras 6 e 7.

Fonte: Autora

Figura 9- Planta com identificação de tipos de verdes.

Fonte: Autora

Figura 10- Fotografia do Esporão de Esmoriz.

Fonte: https://jf-esmoriz.pt/o-que-fazer/

https://jf-esmoriz.pt/wp-content/uploads/2021/12/007-1024x767.png

Figura 11- Grupo reunido à frente de uma casa no bairro piscatório de Esmoriz.

Fonte: Autora.

Figura 12- Conjunto habitacional da Boa Esperança e moradores.

Fonte: Autora

Figura 13- Conjunto de imagens que mostram a evolução de um anexo ao longo dos anos.

Fonte: Google Maps.

2014-https://www.google.com/maps/place/Esmoriz/@40.9523054,-8.6550186,3a,75y,261.91h,91.25t/data=!3m8!1e1!3m6!1sI2wLrrWeG78ulDJ9S6v1bw!2e0!5s20141001T000000!6shttps:%2F%2Fstreetviewpixels-pa.googleapis.com%2Fv1%2Fthumbnail%3Fcb_client%3Dmaps_sv.tactile%26w%3D900%26h%3D600%26pitch%3D-1.2509599809296787%26panoid%3DI2wLrrWeG78ulDJ9S6v1bw%26yaw%3D261.9066732086247!7i13312!8i6656!4m6!3m5!1s0xd24787807048a67:0xdf648372646609ed!8m2!3d40.9580147!4d-8.6266922!16zL20vMDR5cXRs?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI2MDUyMC4wIKXMDSoASAFQAw%3D%3D

2019-https://www.google.com/maps/place/Esmoriz/@40.9523188,-8.65499,3a,75y,261.91h,91.25t/data=!3m8!1e1!3m6!1srVR9zYftyxLcaG4DeSgbIA!2e0!5s20190901T000000!6shttps:%2F%2Fstreetviewpixels-pa.googleapis.com%2Fv1%2Fthumbnail%3Fcb_client%3Dmaps_sv.tactile%26w%3D900%26h%3D600%26pitch%3D-1.2509599809296787%26panoid%3DrVR9zYftyxLcaG4DeSgbIA%26yaw%3D261.9066732086247!7i16384!8i8192!4m6!3m5!1s0xd24787807048a67:0xdf648372646609ed!8m2!3d40.9580147!4d-8.6266922!16zL20vMDR5cXRs?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI2MDUyMC4wIKXMDSoASAFQAw%3D%3D

2024-https://www.google.com/maps/place/Esmoriz/@40.9523047,-8.6549879,3a,75y,261.91h,91.25t/data=!3m8!1e1!3m6!1s1YC1AN0ZkWdLZE3zNj-D9Q!2e0!5s20240501T000000!6shttps:%2F%2Fstreetviewpixels-pa.googleapis.com%2Fv1%2Fthumbnail%3Fcb_client%3Dmaps_sv.tactile%26w%3D900%26h%3D600%26pitch%3D-1.2509599809296787%26panoid%3D1YC1AN0ZkWdLZE3zNj-D9Q%26yaw%3D261.9066732086247!7i13312!8i6656!4m6!3m5!1s0xd24787807048a67:0xdf648372646609ed!8m2!3d40.9580147!4d-8.6266922!16zL20vMDR5cXRs?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI2MDUyMC4wIKXMDSoASAFQAw%3D%3D

2026- Autora

Figura 14- Planta com tipos de anexos.

Fonte: Autora.

Figura 15- Planta do terreno para a construção da casa. 1971.

Fontes: Documentação fornecida pela moradora da casa, Bem Lerias, editada pela autora

Figura 16- Planta da casa com o terreno delimitado para construção da casa. 1988.

Fontes: Documentação fornecida pela moradora da casa, Bem Lerias, editada pela autora

Figura 17- Planta da casa onde Bem Lerias mora.

Fontes: Desenho realizado por Bem Lerias, editado pela autora.

Figura 18- Reformulação da planta de figura 17.

Fontes: Autora

Figura 19- Secção AA'

Fonte: Autora

Figura 20- Fotomontagem do alçado do Bairro Piscatório de Esmoriz.

Fonte: Autora

Figura 21- Planta de uma malha experimental.

Fonte: Autora

Figura 22- Planta para uma malha experimental.

Fonte: Autora

Figura 23- Palheiros e a capela da Senhora dos Aflitos em plano de fundo.

Fonte: https://behappylodge.com/pt/palheiros/

Figura 24- Palheiro Amarelo e a capela da Praia, no jornal, a voz de Esmoriz.

Fonte: Junta de Freguesia de Esmoriz

Figura 25- Palheiro amarelo e a capela da Praia atualmente.

Fonte: Autora

Figura 26- Carta Militar de Esmoriz de 1948.

Fonte- Reis, A. R. A. (2015). Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear: Espinho, Esmoriz e Furadouro (Dissertação de mestrado integrado). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/29258/1/Dicotomia%20entre%20a%20zona%20Piscat%C3%B3ria%20e%20Balnear%20final.pdf

Figura 27- Carta Militar de Esmoriz de 1975.

Fonte- Reis, A. R. A. (2015). Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear: Espinho, Esmoriz e Furadouro (Dissertação de mestrado integrado). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/29258/1/Dicotomia%20entre%20a%20zona%20Piscat%C3%B3ria%20e%20Balnear%20final.pdf

Figura 28- Carta Militar de Esmoriz de 1996.

Fonte - Reis, A. R. A. (2015). Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear: Espinho, Esmoriz e Furadouro (Dissertação de mestrado integrado). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/29258/1/Dicotomia%20entre%20a%20zona%20Piscat%C3%B3ria%20e%20Balnear%20final.pdf

Figura 29- Carta Militar de Esmoriz de 2014.

Fonte- Reis, A. R. A. (2015). Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear: Espinho, Esmoriz e Furadouro (Dissertação de mestrado integrado). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/29258/1/Dicotomia%20entre%20a%20zona%20Piscat%C3%B3ria%20e%20Balnear%20final.pdf

Figura 30- Palheiro existente

Fonte: Autora

Figura 31- No jornal, a voz de Esmoriz, Palheiros

Fonte: Junta de Freguesia de Esmoriz.

Figura 32- 1907. Na imagem está retratado um dia de festa no Bairro piscatório de Esmoriz .

Fonte: Joana Gaspar de Freitas, https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Praia-de-banhos-Esmoriz-1907-Fotografia-publicada-em-wwwprof2000pt_fig2_200707352

Figura 33- Fundação palafita do Palheiro Amarelo.

Fonte: Autora

Figura 34- Planta com a identificação de diferentes dispositivos.

Fonte: Autora

Figura 35- Palheiro A.

Fonte: Autora

Figura 36- Palheiro B.

Fonte: Autora

Figura 37- Palheiro C.

Fonte: Autora

Figura 38- Palheiro D.

Fonte: Autora

Figura 39- Palheiro E.

Fonte: Autora

Figura 40- Palheiro F.

Fonte: Autora

Figura 41- Palheiro G.

Fonte: Autora

Figura 42- Pormenor do Palheiro G.

Fonte: Autora

Figura 43- Palheiro H

Fonte: Autora

Figura 44- Pormenor do Palheiro H

Fonte: Autora

Figura 45- Pormenor do Palheiro I.

Fonte: Autora

Figura 46- Pormenor do Palheiro I.

Fonte- Autora

Figura 47- Palheiro I

Fonte- Autora

Figura 48- Palheiro J.

Fonte- Autora

Figura 49- Palheiro J.

Fonte- Autora

Figura 50- Pormenor do Palheiro J

Fonte- Autora

Figura 51- Pormenor do Palheiro J.

Fonte- Autora

Figura 52- Palheiro K.

Fonte- Autora

Figura 53- Pormenor do Palheiro K.

Fonte- Autora

Figura 54- Palheiro L.

Fonte- Autora

Figura 55- Palheiro M.

Fonte- Autora

Figura 56- Palheiro N.

Fonte- Autora

Figura 57- Pormenor do Palheiro N.

Fonte- Autora

Figura 58- Pormenor do Palheiro O.

Fonte- Autora

Figura 59- Palheiro O.

Fonte- Autora

Palheiro 60- Pormenor do Palheiro O.

Fonte- Autora

Palheiro 61- Pormenor do Palheiro O.

Fonte- Autora

Figura 62- Palheiro O.

Fonte- Autora

Figura 63- Sala de Estar do Palheiro O.

Fonte- Autora

Figura 64- Cozinha do Plaheiro O.

Fonte- Autora

Figura 65- Conjunto habitacional da Boa Esperança.

Fonte- Autora

Figura 66- Armazém 1.

Fonte- Autora

Figura 67- Palheiro P.

Fonte- Autora

Figura 68- Piso 2 do Armazém 2.

Fonte- Autora

Figura 69- Armazém 2.

Fonte- Autora

Figura 70- Armazém 3.

Fonte- Autora

Figura 71- Armazém 4.

Fonte- Autora

Figura 72- Barco da Arte Xávega de Esmoriz.

Fonte- Autora

Figura 73- Elementos de pesca.

Fonte- Autora

Figura 74- Capela da Praia.

Fonte- Autora

Figura 75- Elementos de pesca.

Fonte- Autora

Figura 76- Piso 1 do Armazém 2.

Fonte- Autora

Figura 77- Armazém 5.

Fonte- Autora

Figura 78- Piso 1 do Armazém 2.

Fonte- Autora

Figura 79- Piso 1 do Armazém 2.

Fonte- Autora

Figura 80- Tratores utilizados na pesca

Fonte- Autora

Figura 81- Distribuição de peixe no Bairro.

Fonte- Autora

Figura 82- Senhora a amanhar o peixe.

Fonte: Autora

Figura 83- Tanoaria.

Fonte- José Fangueiro https://www.facebook.com/photo/?fbid=729026870523323&set=pb.100067187906744.-2207520000

Figura 84- Arte Xávega.

Fonte: - https://jf-esmoriz.pt/patrimonio/etnografico/

Figura 85- Arte Xávega.

Fonte. - https://jf-esmoriz.pt/patrimonio/etnografico/

Figura 86- Um pescador a explicar como funciona a pesca.

Fonte- Isabella Borges, Trabalho de campo na unidade curricular, Atelier Integrado.

Figura 87- Casa de um pescador no Bairro Piscatório de Esmoriz.

Fonte- Autora

Figura 88- Pescadores a dividirem as espécies de peixe acabado de pescar, em caixas de pesca, para posteriormente venderem.

Fonte- Pescador Telmo

Figura 89- Pescadores a embarcarem prontos para irem para o mar, praticar a Arte Xávega.

Fonte- Pescador Telmo

Figura 90- Parte exterior de um Armazém piscatório

Fonte- Pescador Telmo

Figura 91- Pescadores a consertarem o baarco da Arte Xávega.

Fonte- Pescador Telmo

Figura 92- Pescadores a retirarem a rede do mar.

Fonte- Pescador Telmo

Figura 93- Varina (mulher responsável por vender o peixe) a ajudar a separar o peixe.

Fonte- Pescador Telmo

Figura 94- Pescadores a preparar a chegada do barco e das redes, colocando varas para o barco deslizar melhor a sair do mar, e o trator para ajudar a puxar as redes com o peixe.
Fonte- Pescador Telmo

Figura 95- Grupo de pescadores com varas e rede xavalar (rede que é utilizada para a Arte Xávega).
Fonte- Pescador Telmo

Figura 96- Conjunto de fotos que o pescador Telmo me disponibilizou para contar a história da Arte Xávega em imagens.
Fonte- Pescador Telmo

Figura 97- Panorâmica do espaço de intervenção.
Fonte- Autora

Figura 98- Esquema de estratégia de projeto.
Fonte- Autora

Figura 99- Esquema 2 da estratégia de projeto.
Fonte- Autora, https://jf-esmoriz.pt/patrimonio/etnografico/ figura do pescador com 2 bois na praia
https://cusquicesdeesmoriz.blogspot.com/2016/09/7-fotos-antigas-sobre-os-palheiros-de.html figura homem com os bois em preto e branco

Figura 100- Esquema da grelha e de diferentes tipos de implantação.
Fonte- Autora

Figura 101- Planta de Cobertura.
Fonte- Autora

Figura 102- Planta Esquemática Piso 1.
Fonte- Autora

Figura 103- Planta Esquemática Piso 2.

Fonte- Autora

Figura 104- Alçado AA'.

Fonte- Autora

Figura 105- Planta Esquemática Piso 3.

Fonte- Autora

Figura 106- Alçado BB'.

Fonte- Autora

Figura 107- Planta Piso 1.

Fonte- Autora

Figura 108- Planta Piso 2.

Fonte- Autora

Figura 109- Planta Piso 3.

Fonte- Autora

Figura 110- Corte- Alçado AA'

Fonte- Autora

Figura 111- Corte- Alçado BB'

Fonte- Autora

Figura 112- Corte- Alçado CC'

Fonte- Autora

Figura 113- Corte- Alçado DD'

Fonte- Autora

Figura 114- Alçado EE'

Fonte- Autora

Figura 115- Alçado FF'

Fonte- Autora

Figura 116- Alçado GG'

Fonte- Autora

Figura 117- Alçado HH'

Fonte- Autora

Figura 118- Corte-Alçado AA' com pormenores construtivos

Fonte- Autora

Figura 119- Pormenores construtivos.

Fonte- Autora

Figura 120- Corte AA' perspetivado com materialidade.

Fonte- Autora

Figura 121- Telha Lusa.

Fonte- https://www.pimacon.com/produto/Constru%C3%A7%C3%A3o/Coberturas/Telha-Cer%C3%A2mica/telha-lusa-torreense-vermelha-hidrofugada-

Figura 122- Tábuas de madeira pinho pintadas em branco.

Fonte- https://pt.dreamstime.com/textura-em-placas-de-madeira-pinheiro-pintada-com-cor-branca-linhas-verticais-para-utiliza%C3%A7%C3%A3o-como-pano-fundo-pranchas-parede-image211260212

Figura 123- Soalho de madeira pinho.

Fonte- - https://www.sierolam.com/pt-pt/soalhos-e-revestimentos-madeira/soalhos/

Figura 124- Estrutura base

Fonte- Autora

Figura 125- Axonometria do pormenor-tipo da parede do Cote AA'

Fonte- Autora

Figura 126- Isometria do conjunto de equipamentos

Fonte- Autora

Figura 127- Vista do conjunto dos Equipamentos

Fonte- Autora

Figura 128- Vista do conjunto dos Equipamentos

Fonte- Autora

11-Anexo I

Entrevista 1 (Realizada no Âmbito da Unidade Curricular Atelier Integrado, em grupo, com Isabella Borges e Isabela Coutinho)

Sr Fernando

Guida: Nos somos 3 estudantes da universidade do Minho e nos estamos a fazer uma tese sobre os bairros piscatórios, sobre a cultura piscatória, ainda usufrui do conhecimento da pesca.

Sr.Fernando: Ali em espinho é a arte xávega,só tem uma embarcação, é arte xávega, trabalha-se com o trator, 2 ou 3, 1 para puxar as redes de cada lado e depois o outro para puxar o barco para cima, são 3 tratores. Nós aqui, nesta zona, tínhamos mas agora só há 1 que é o fonseca que trabalha ali no fim de campismo de Cortegaça, mas agora de inverno está fechado, agora quem está a aproveitar somos nós, nós temos a coisa das ameijoeiras, que é a pé mas eu até não tenho aqui mas (prossegue para mostrar as boias dentro do carro) Venha cá ver isto, eu ando legal, tá a ver portanto nós temos pomos as redes isto aqui é para eu, se quiser tirar uma foto pode tirar (foto da licença) é para eu andar no meio do pinhal(minuto 2), isto é a licença para lançar as redes, e nós nestas redes nas pontas de cá da ponta, que eu até ando com uma fotocópia da licença, nas pontas de cá temos que ter estas boias amarradas à rede, com um número que a licença apresenta, que é para quando a fiscalização da polícia marítima vier ou a guarda fiscal chegar lá e identificam, e eles por esta identificação eles vão ao telemóvel está lá tudo registado na capitania do douro tanto no douro como no de Aveiro, pronto e é isto.

Nós ao fim de semana, ao sábado e domingo, não podemos por, por isso é que tiramos as boias, mas há quem se sujeite a deixar as redes sem boias, tá a perceber mas quer deixar la as redes esta sujeito a chegarem lá e limpar tudo mas ao menos que limpe enquanto não estamos la juntos que é para saber que não são nossas, se nos vir lá nós apanhamos uma multa ficámos sem redes e ainda apanhamos uma multa, eu como proprietário, sei que não posso ter nem ao sábado nem ao domingo.

Isa Coutinho: O senhor já trabalha há muito tempo?

Sr. Fernando: Eu já, já estou reformado, só tenho uma embarcação, já trabalho há mais de 35 anos nisto.

Isa Coutinho: E notou alguma mudança drástica entre o início, como funcionava

Sr. Fernando: Sim no início a gente tínhamos que andar mais legais tínhamos que tirar uma certidão física a ver se podíamos trabalhar ou não e tínhamos que estar matriculados na arte xávega, pelo menos 3 anos, para ter direito à licença, tanto é que não é dos seus tempos mas nós íamos sempre ou para aveiro, assim para o comício ou íamos assim já fui até ao algarve, mas a gente íamos de excursão e quando íamos para lá a gente recebia um cheque com coisa para a gente comer, e chegamos a ir à figueira da foz, chegamos a ir a vários locais e depois nós assim com a gente do sindicato tivemos direito mas nem todos tiveram direito, só os que estavam agregados a arte xávega, era o meu caso, agora reformei me, estou reformado e tenho sempre a licença na mesma, nem é preciso mais nenhum papel da arte

xávega nem nada que a minha contabilista tem lá tudo o que é necessário e ela chega lá e traz? Mas isto aqui é assim, esta licença é emitida em junho, ela mete a papelada em junho para a direção geral dos recursos naturais marítimos do RE, e depois la para o dia 11 de cada ano é que vem a outra licença que é conforme eu já tenho outra que é para 2026 já tenho ai a licença já paguei e já está ai pronta até já veio para mim mas primeiro temos que pagar depois é que vem a licença e é isso

Isa Borges: E o sr acha que a licença contribuiu para a atividade piscatória ou dificultou?

Sr Fernandes: Não, eu descontei e também andei a trabalhar noutras empresas mas a maior parte foi na arte xávega, na pesca, mas os patrões antigamente não faziam descontos ficavam com o dinheiro para eles, nos fazíamos os descontos, mas eles é que ficavam com o dinheiro.

Isa Coutinho: Acha que o bairro ainda tem esta cultura da pesca?

Sr. Fernando: O bairro qual bairro? O piscatório? Há poucos, há so prai uns 5 ou 6, há aqui um que é da, que percence à camera é o vitor caxeira ele era vereador daqui esse sabe explicar melhor, ele tem uma garagem verde virada ao mar se vocês forem ai por cima.

Este aqui(aponta para um rapaz) não tem licença e trbalha todo o ano e nós temos um período de parar, nos do dia 30 de abril ate ao dia 1 de outubro encerra de depois só a partir do dia 1 de outubro continuamos novamente mas também 1 dia ou outro ia la

Guida: Se tivesse a possibilidade de, o estado dar uma infraestrutura aqui ao bairro para ajudar, pode ser em termos comunitários, ou até mesmo na pesca, o que seria a sua ideia?

Sr. Fernando: Oh o estado não dá nada.

Guida: Mas se tivesse possibilidade, assim hipoteticamente

Sr. Fernando: Ah eu agradecia, que era bom ao menos dava ajuda para alguma coisa.

Isa Coutinho: E acha para que, para habitação, infraestrutura piscatória?

Sr. Fernando: Infraestrutura Piscatória porque as vezes roubam me as redes, outras rasgam, muitas vão com o chumbo, redes roubadas com o chumbo é o que custa mais, é 5 euros cada quilo e cada rede leva sempre 4 quilos ou 3, e já nos faz falta para nós, e ainda depois temos a perda da corda para o chumbo e para o fio, depois a gente pede a uns colegas nossos que trabalham na cortiça ou isto ou aquilo e eles dão bocados de cortiça, e eu tinha lá uma maquinazinha e eu corto à medida paralela, corto à medida e depois eu corto, olhe ainda na semana passada fiz um um golpe com o x-ato e o sangue não estancava, a fazer as boias, mas já fiz prai uma 12 já estão lá feitas, agora é só pintar e meter, até tenho ali uma rede se vocês passarem depois por aqui por baixo a 292 está la uma rede estendida, se quiserem podem tirar uma foto se a minha mulher disser alguma coisa digam que falaram com o sr. Fernando.

Entrevista 2 (Realizada no Âmbito da Unidade Curricular Atelier Integrado, em grupo, com Isabella Borges e Isabela Coutinho)

Guida: Olá, Boa tarde, estamos a fazer um trabalho para a nossa tese e gostaríamos de saber o sr tem algum conhecimento sobre os bairros piscatórios

Sr. N sei: Olhe os bairros piscatórios, o caminho mais certo é ir lá, eles é que saíram daqui eu vou lhe dizer é ali, dantes eram uns barracos e eles mudaram para um bairrozinho ali e só eles é que podem dizer eu nunca vivi em bairros, felizmente, vocês está a ver aquele coisinho de madeira, va abaixo 50 metros e encontra o bairro.

Guida: O sr. Não tinha nenhum contacto com a pesca?

Sr. N sei: Tenho tenho, sou pescador, ainda ontem tirei a rede do mar

Guida: Então a atividade aqui ainda continua?

Sr. N sei: Quer se dizer, dantes haviam umas empresas, haviam 12 ou 13 que viviam só da pesca, porque não haviam estas grandes superfícies, não haviam continentes, isto há 40 anos ou mais e eu até tinha uma empresa destas e ainda há 2 anos queimei o barco estava parado há muitos anos e nós só vivíamos disto porque a pesca dava, não havia exportações, tive depois muitos anos na suiça, os suiços não importam, só consomem o que têm lá dentro, os labradores são os homens mais ricos da suiça, nos aqui dava para viver tudo que nos pescamos era consumido cá em Portugal, eu trabalhava ai dia e noite, tínhamos ai os camiões do algarve a carregar para distribuir, hoje há só uma empresa e é subsidiada pela camara e ainda há 2 meses atras veio um lance grande de biqueirão? Que é o peixe mais caro, tive que o por ao mar que ninguém o quis, e nos vamos ali, eu por acaso, a minha mulher tem ali um negócio, está reformada mas continua na atividade mas é só porcaria que ela traz, eu vou-lhe ser franco, quem diz a verdade não merece castigo.

Isa Coutinho: Mas ainda acha que é possível viver da pesca?

Sr. N sei: Não, não, a pesca acabou, eu por acaso fui para o estrangeiro , e o meus camaradas (os pescadores) os que eu pude levar botei os todos e alguns aindam estão la(no estrangeiro) pronto já estou reformado la, já tinha reforma daqui já dá para viver.

Guida: Se tivesse possibilidade de criar uma infraestrutura, quer seja a nível piscatório ou mesmo habitação, o que a comunidade precisa para revitalizar?

Sr.N sei: A comunidade, a comunidade, você vai ali ao bairro, é filhos a viver com as mães é noras é tudo ali ao monte, é como os ciganos. Onde é que há habitação? E o preço das habitações? Onde nos com o ordenado mínimo, conseguimos pagar uma renda? Eu por acaso tenho ai 2 netas vieram há 2 meses da suiça também andam na universidade tiveram de ir embora mas graças a deus já tem as casinhas deles a mae já preparou uma casinha elas são 2 já tem outra casa, pronto mas já não se consegue viver.

Guida:Mas então não seria tao relacionado com a pesca mas com a habitação?
Sr. N sei: Ora bem, a pesca é a pesca, mas a habitação é o problema mais complicado, há pessoas que se você visse, fosse ali, vocês vão lá, até bota pena é mae é nora tudo ali junto até como já lhe disse como os ciganos. Voces vao la e ai é que veem a realidade.

Entrevista 2 (Realizada no Âmbito da Unidade Curricular Atelier Integrado, em grupo, com Isabella Borges e Isabela Coutinho)

Sr. Velhinha
Guida: Boa tarde, mora cá? Nos somos 3 estudantes na universidade do minho e estamos a estudar esta zona e queríamos saber se tinha alguma relação com a pesca?
Sr. Velhina: Olhe eu não sei dizer nada, não ser ler não sei escrever.
Guida: Mas coisas da sua vida, que tenha vivido no passado...
Sr. Velhinha: Tenho vivido muito mal, olhe a minha casa ali, chove como na rua, tenho uma marquise se as senhoras fossem ver como ela está ficavam admiradas, eles não deixam ajeitar porque ela foi feita sem licença antes não era preciso, feita a maneira clandestina, dantes fazia se muitas casa assim, eles agora quer que a gente ajeite a casa mas com a licença, mas a gente não tem, nem para comer tem quanto mais para fazer licenças, não dá não sei explicar.

Entrevista 3 (Realizada no Âmbito da Unidade Curricular Atelier Integrado, em grupo, com Isabella Borges e Isabela Coutinho)

Guida - Olá, boa tarde (boa tarde), nós somos 3 estudantes da Universidade do Minho e estamos a fazer um trabalho para a nossa tese final e gostaríamos de saber se vocês têm alguma relação com a atividade piscatória.

Senhora 1 - Olha já fiz muitas vezes isto mas agora já nem me lembro; a gente já no tempo passado viveu ali por muitos anos, era palheiros... já fiz tantas entrevistas, e agora já nem me lembro... A minha prima sabe falar melhor, que ela é pescadora; mas agora tá doente... Olha lá (pergunta para a prima), já não me lembro do tempo da nossa pesca, elas querem uma entrevista sobre a atividade piscatória. Eles já acabaram com tudo.

Senhora 2 (prima)- Já até fiz uma entrevista para o jornal...

Guida - se puder partilhar um bocado então a sua história conosco...

Eu - então, ainda trabalham de alguma forma com a pesca, mesmo que por laser?

Senhora 2 - não, estou doente, mas...

Senhora 1- mas é assim: nós aqui agora só temos 1 barco, em Esmoriz acabaram com quase tudo. Porque é assim, os donos do barco também pararam, alguns morreram; trabalhei por muitos anos no ?arranjo? ali, mas muita gente que conhecia já morreu e os filhos agora não querem nada disso. Só quem tem um barco é lá os filhos do... lá no Furadouro, mas aqui em Esmoriz não temos quase nada.

Eu - uma pena, mas vocês então acham que esta realocação para o novo bairro foi boa ou não muito?

Senhora 1 - Foi bom.

Senhora 2 - É, foi muito bom, porque nós lá vivíamos nuns barraquinhos e não tínhamos assim as condições que temos aqui, é verdade; a gente andava sempre a se proteger, o mar vinha a bater, caía nos telhados, a gente andava ali... prontos, então não tínhamos as condições que temos aqui. Mas, para lhe ser sincera, eu preferia o meu cantinho ali...

Senhora 1 - estávamos habituados ali, foram muitos anos...

Senhora 2 - Ainda de manhã ela na água do mar a surfar e eu ia lá aos montes de areia: bora comer!!

Senhora 1 - (risos) sim, aquelas zonas que tínhamos por ali fora...

Eu - e o que é que sentem mais falta desta relação com o mar?

Senhora 2 - eu sinto mais falta é do meu cantinho, mesmo. Eu punha a roupa a secar e tava a ver o mar...

Senhora 1- tínhamos cordas lá nos montes, e víamos o mar, a ?canaleta/canalha? a tomar banho... tempos que vão e não voltam, custa muito - criar os nosso filhos, lavar a mão lá...

Senhora 2 - havia mais humildade, mais camaradagem...

Senhora 1 - sim, mais amor, acho que as pessoas agora... eu vou vos dizer: as tecnologias são precisas, mas às vezes nem tanto...

Eu - e sobre esta questão da comunidade, vocês acham que é possível criar alguma estrutura que reforce a conexão das pessoas como antes? Algo feito para toda a comunidade?

Senhora 2 - Não, querida, não há como... já não é como antigamente a mentalidade das pessoas. O tempo dos nossos pais, que a minha mãe cozinhava à minha tia, às outras pessoas, à ?Lume?...

Senhora 1 - ai meu Deus, queria ver as minhas filhas a aquecer a comida...

Senhora 2 - Tínhamos aquele café, o café "Borra"...

Senhora 1 - tempos que vão e não voltam, temos muitas saudades disso

Senhora 2 - era muito bom o tempo dos nossos pais...

Senhora 1 - meu pai fez aquela casinha, aquela ali de azulejo, com tanto sacrifício para nos criar... e sabes o que nós fazíamos: íamos viver para um palheiro naquela zona, que ele fez, alugava isto com água e luz, e nós íamos viver os 3 meses de verão a candeeiros, à velas de antigamente!! E andávamos a pedir às senhoras que alugavam as casinhas pão, fruta, ai estes tempos...

Senhora 2 - E naquela época não tínhamos televisão, a única televisão que havia era num Tacho que havia ali, e a gente ia lá ver a televisão e a mulher tava-nos sempre a esculachar (risos) ou íamos ver a minha tia.

Senhoras 1 - É, a minha mãe foi a primeira de nós a ter televisão

Senhora 2 - e a minha tia não nos deixava sentar no sofá! Era no chão...

Senhora 1 - Pois era no chão, e a minha mãe foi a primeira a comprar uma televisão, na Philips, e nós, quando dava Fátima, íamos todos para lá, para a sala, assistir (risos)

Senhora 2 - Porque isto não é nada do que é agora, isto agora mudou muito. Tínhamos lá o Campismo, que era ali, depois outras coisas lá (...)

Senhora 1 - mas acho que éramos mais felizes...

Senhora 2 - não há tanta humildade, não há aquelas amizades que a gente notava que eram amizades, agora não... agora é uma falsidade de todo tamanho, porque é assim: quanto mais têm, mais querem, depois também só pensam neles e há muito egoísmo.

Eu - É assim, nós somos estudantes de arquitetura, e o nosso objetivo era esse, tentar encontrar alguma forma de reviver ou de contribuir para este senso de comunidade que os pescadores tinham, ou maior solidariedade e autonomia entre as pessoas que agora está a se perder... por isso, vocês acham que algum projeto de habitação ou infraestruturas poderia de alguma forma ajudar? Alguma estrutura comunitária para as pessoas que precisam mais ou assim, para os pescadores que ainda trabalham nisso?

Senhora 1 - Pois, pois, isto era preciso, nós agora temos um centro ali que ajuda com alimentos, para as pessoas que mais necessitam...

Eu - E se fosse mais habitação, acham que valia a pena?

Senhora 1 - Olha fizeram estas, mas era para fazerem aqui mais 30. Eram 60, estas aqui são 30. Mas nunca mais ouviu-se nada sobre isto...

Eu - e se fosse possível fazer, acham que valia a pena?

Senhora 2 - sim, sim

Senhora 1 - então, estão tantos casais, jovens que não conseguem pagar uma renda, que para eles isto...

Senhora 2 - Sim eles iam ter que pagar a renda, mas era menos...

Eu - e iam preferir o pessoal que já é daqui ou podia ser qualquer pessoa?

Senhoras (ambas) - não, não, não, pessoas de fora acho que não

Senhora 1- foi muito mal feito. Há pessoas aqui a viver que não é daqui, que não é barreiro, não era pescador, era de paramos, outros daqui, outros só lá de cima...isso já não acho justo, devia ser da zona

Senhora 2 - a comunidade piscatória precisa mais, nós nascemos aqui e vamos morrer aqui, se Deus quiser não é, e há muitas necessidades nas pessoas piscatórias... e muitos dos governantes não vêem isto, não vêem mesmo! E se os nossos filhos, graças a Deus, estão todos encaminhados, nós...

Senhora 1 - pá não há trabalho, olha, trabalhamos 4 meses no verão, agora está parado... Do que é que eu vou viver? Pagar aluguel...

Eu - pois... mas então a vossa relação com o mar ainda é de proximidade ou já não?

Senhora 2 - sim,sim, a gente gosta, mas custa muito ir ali ver o mar, no sítio onde eu vivia, fico muito triste, ver que foi tudo abaixo...

Senhora 1 - Nós para caminhar até lá tínhamos que levar quase meia hora para tomar banho, uiiii... era lá nas bainhas

Senhora 2 - pessoal passava muita fome, necessidade, não tinha tempo de fazer outras coisas, mas éramos mais felizes

Senhora 1 - Meu pai trabalhou em Matosinhos até os 55 anos.

Senhora 2 - o pouco que havia para comer, nós dividíamos...

Senhora 1 - nós ajudávamos uns aos outros!! Tu tinhas um bocadinho de dinheiro e era: "olha vai lá buscar o frango e fazemos um tacho de massa", que dava para duas famílias, e agora não...

Senhora 2 - Nós íamos fazer sopa e dávamos para todos, havia aquela cumplicidade, camaradagem. Agora estes jovens tá tudo estragado, tá tudo... eles agora já nem sabem o que é passar fome, o que é mesmo passar mal...

Senhora 1 - e agora já nem querem sopa! Nós comemos, mas eles é pizza, é hamburguer (risos), é batata frita...

Senhora 2 - Eles já nem querem peixe!!

(...) (Conversas paralelas com outros vizinhos)

Senhora 1 - olha esta aqui, o marido traz peixe de Matosinhos, queremos umas sardinhas e ela ainda vende-nos! Vende as sardinhas para nós assarmos, vai vender aqui à porta... é a única que ainda faz isto, apesar do marido já estar reformado e tudo. Vende mais baratinho, nós vamos lá e compramos!

Eu - e é o trabalho principal?

Senhora 2 - sim, é o trabalho principal dele

Eu - e como é que vocês vêem o futuro desta comunidade?

Senhora 2 - Acho que só vai piorar... acho que não vai melhorar, só se houver uma grande reviravolta! Isto é a mentalidade de cada um, nem todos pensamos da mesma maneira; ainda há aquela mentalidade de: se vier um carro a parar na porta, pensam "olha quem será que é, é a "manta"?, estas porcarias... mas é o que eu digo, nós quando éramos pequenitos não tínhamos fatos de banho nem nada para tomar banho, era cuecas e toalhas, mas éramos tão felizes...

Senhora 1 - para nós, as toalhas eram a areia quentinha...

Senhora 2 - meu avô tinha lá barcos e isto, então nós íamos pedir às senhoras um bocadinho de pão e ela levava (risos nostálgicos) a gente era feliz, dividíamos e tudo

Senhora 1 - sabe o que é que eles ganhavam na Barrinha? Que dava muito dinheiro? As enguias.. olha, as rolhas que dei como menina, às calcadelas,(...) e às vezes elas escorregaram na água (risos), temos saudades... ai, meu pai à fisga... os ?rebacos? que eram tão bons...

Senhora 2 - meus pais era assim, não tinham muito que nos dar a comer, mas o que tinham sabia-nos pela vida!! Agora não... eu acho que os filhos agora é: nem respeitam os pais nem nada, não há respeito! É só andar aí nas redes sociais e não sei o quê...

Senhora 1 - uma criança de 2 anos nos telemóveis sabe mexer melhor que eu, que tenho 59 anos!!

Senhora 2 - mas depois na escola, não aprendem nada...

(chega a filha da senhora 1) (...) - conversas paralelas

Senhora 1 - mas como antigamente, nunca mais, acho que tempos vão e não voltam...

Eu - mas então acham que há algum ensinamento vosso, relacionado com esta comunidade da pesca, que possam nos dar? Que nós não temos ou já perdemos? Sobre a comunidade ou sobre a forma como era o trabalho?

Senhora 2 - sim, sim, a gente tem saudades é disso, a gente queria é isso, isso fazia-nos felizes, a gente ia buscar um bocado de peixe ou ia à loja, chegamos a puxar à mão a corda da pesca...

Senhora 1 - botávamos o barco ao mar, lançávamos a rede, chegou a haver os ?"bojos/boijos"? que chamava, e depois começou os tratores, depois ??raladores/lavradores??, a gente só a escolher os peixes da praia nos balneários... apanhava-se carapaus, fanecas, sardinhas...

Senhora 2 - a minha mãe, por exemplo, digo a minha mãe mas havia muitas como ela por aqui, ia com uma bacia ou como fosse, punha-se em cima a pé e traziam batatas, traziam cebolas e isto, para nós comermos, e depois havia esta troca...

Eu - então tinham muita autonomia?

Senhora 2 - sim,sim, com certeza, era bom, muito bom, agora... eu gosto da minha casa, tenho melhores condições e tudo, mas sinto aquele vazio... as pessoas já não saem à rua, um vazio ali... eu tenho um filho que mora ali, fez agora 32, ele tinha um gatinho já há anos com a companheira, o gato morreu e ele veio, a chorar os dois, e foi enterrar aonde nós vivíamos; ele disse "oh mãe, meu povo tinha que ir para lá..." mesmo a eles custa não viver lá, porque também foram criados lá...

Senhora 1 - Eu ainda tenho uma bacia que lavava as minhas filhas, há 37 anos por aí; eu agora tenho a mais velha com 43 e esta com 40, eu lavava-as e aquecia água a lume, enchia a bacia e lavava com uma caneca

Filha - Depois quando éramos grandes tinhamos que por primeiro a cabeça depois só o corpo (risos)

Senhora 2 - mas foi uma infância feliz...

Eu - e ainda têm contacto com o pessoal daqui?

Senhora 2 - sim,sim, toda a gente aqui fala com toda a gente, mas é diferente... é um convívio totalmente diferente;

Filha - sim é um convívio totalmente diferente, as pessoas aqui estão a isolar-se muito, fechar-se muito, ali não, tava sempre gente cá fora, nós miúdos brincávamos cá fora até às 10 da noite... nós agora não, agora os miúdos é outras infâncias; eu tenho um filho que já tem 17 anos mas ele ainda jogou muito a bola aqui e tudo, agora também tem outras atividades que levam muitas horas não é, mas o meu brincou aqui muito, ali naquele pinhal, mas agora não é igual.

Senhora 2 - juntávamos todos ali nos montes de areia...

Filha- nós iamos todos tomar banho nos tanques depois marcamos de ficar só até as 7h da noite, mas às vezes ficávamos até as 8h e elas com a vassoura a espera para nos dar (risos), eu com a filha da minha madrinha pa levamos tantas pancadas (risos)

Senhora 1 - eu joguei o pinhão, eu joguei a sameira, joguei ao elástico, nós jogávamos a tudo... o mar batia, as pessoas iam para a praia e perdeu-se muito ouro, antigamente, nas barracas...

Senhora 2 - mas agora nem sabem o que é isso! Às vezes eu digo aos meus filhos, olha eu já joguei aquilo, olha, antigamente tínhamos aquilo, e eles "Que isso?" Era a macaca, os elásticos, as escondidinhas...

Filha - Não valorizam tanto agora

(conversas paralelas) (...)

Filha - As dunas... os barris aqueles grandes azuis, nós descíamos por lá baixo, nós no empurrão (risos), mas olha não ficávamos doentes nem nada! Agora qualquer coisa já fica doente...

Senhora 1 - não havia maldade, brincava raparigas com rapazes, não havia maldade! Íamos todos para a "barriola", íamos todos tomar banho na barrinha...

Senhora 2 - e eu nunca disse uma asneira para os meus pais! Agora os filhos é: Dizem lá coisas, ques isto?! Eu não tenho razão de queixa dos meus, até há um que é assim um bocado mais destravado mas é como ele é, mas mesmo ele é assim: "oh mãe, foi assim - posso dizer a palavra?" e eu "pode"...

Filha - Eu tenho 40 anos e não digo... só se ela me ouvir a discutir com alguém

(...) (mais conversas sobre filhos)

Senhora 1 - mas prontos agora não é mais assim, não há barcos, já ninguém quer ficar com isto... havia muitos barcos, barcos à mão!

Filha - Nós íamos lá e trazíamos peixe e tudo para casa, agora eles não vão lá, porque vêem tudo comprado, até as cavalas e tudo, agora só temos em Matosinhos e Espinho

Senhora 2 - vocês são mais evoluídos, têm curso disso e daquilo, mas nós não tínhamos nada... mas eu tenho muitas saudades da minha barraquinha

Senhora 1 - se alguém nos fizesse caldo já não passávamos fome

Senhora 2 - a nossa família era mais humilde, mais unida, não tínhamos (algo) íamos no dia seguinte comer à casa da tia, do amigo, e era assim...

Eu - não acha mesmo que há alguma forma de reverter esta situação? Criar algum centro para reviver as memórias antigas ou permitir mercados para os pescadores que ainda trabalham na região?

Senhora 2 - ah sim, isto sim, se houvesse era bom...

Guida - juntava-se todos e os mais novos aprendiam com vocês

Senhora 1 - olha, sim, eu vivi muito esse tempo

Senhora 2 - o Campinho, ter aqui, era bom, para as pessoas conhecerem...
Filha - o problema é que as pessoas deixam morrer as tradições - e depois não há ajudas para estas tradições continuarem...
Senhora 1 - é assim, há coisas que não são necessárias que o governo faz, e há outras que são necessárias e ele não faz aqui, não gastam dinheiro nessas coisas...
Senhora 2 - aquela casa que está ali, tem lá tratores e tudo, que o senhor era arranjador de arte chávena, e ele tinha a campanha, mas também parou..., botaram tudo abaixo mas ele ainda tem lá as coisas. É estas coisas, é tudo um bocado nosso, mexe com a gente...
Eu - Obrigada pelo depoimento, vamos tentar ao máximo considerar a vossa opinião e, mesmo no âmbito académico, vamos tentar fazer com que essa tradição e cultura se mantenham, é o nosso objetivo.
Todas - Obrigada nós! Bom trabalho para vocês!

Entrevista 3

MARGARIDA: Como é que funciona, e como é que o espaço de um armazém deve ser?

SR. VITOR: Ora bem, isto do armazém, é que eu estou a tentar arranjar um armazém para o telmo também o armazém.

SR. TELMO: Boa tarde.

SR. VITOR: Olha ali uma cadeirinha.

SR. VITOR: Ora, aqui a menina, olha para aqui.

SR. VITOR: Ora, portanto, a menina está a perguntar. Os armazéns, qual é a melhor maneira de aprechos para a pesca? Como é os armazéns, não é, como deveriam de ser feitos? Como haviam de ser feito e essas coisas todas.

MARGARIDA: Sim, sim.

SR. VITOR: Primeiro de tudo, acho que a parte mais fundamental, mesmo que seja preciso, era os quartos de banho, que isso é a gente... nos armazéis

SR. TELMO: E depois... Isso é indispensável, não é? Claro.

Sr Vitor: E depois, já estou em relação à... Às artes de pesca, tudo depende de cada arte, cada pesca, há várias, temos esta aqui, temos outros turmalhos que é covarco, mas é... como é que chama o quê? Essa arte, como é que chama? Temos arte-xávega e para ter essa, não é artesanal?

SR. TELMO: É pesca artesanal.

SR. VITOR: E depois tem arte-xávega, todas elas são diferentes, mesmo no material.Por exemplo, a Arte xávega já requer tratores.

SR. TELMO: Tratores, no mínimo quatro, que dá a lei.

SR. VITOR: Cordas grossas, redes que não têm nada a ver com estas, que a gente chama-lhe uma rede de fio daquela rose e nylon. Portanto, são materiais diferentes de umas de cada outra.

Margarida: Ou seja, o espaço vai variar de acordo com o tipo de que cada arte necessita é isso?

SR VITOR: Exatamente, com o tipo de arte.

MARGARIDA: Por exemplo, aqui em Esmoriz, qual é a arte que predomina mais? É a Arte Xávega, também tem arte de desportiva, e pesca artesanal?

SR. TELMO: Neste momento, neste momento, para dizer a verdade, a Arte Xávega está um bocadinho parada.

SR. TELMO: A única que se tem é um barco.

SR. VITOR: Sabes que ele tem uma Arte Xávega? Aquele barco é dele.

MARGARIDA: Ah, é aquele barco é seu, Sr Telmo.

SR. TELMO: É, é, é, é. E tem o barquinho, com estrumalhos da pesca artesanal

SR. VITOR: Ele tem as três artes, ele tem todas as três, eu só tenho esta, já tive uma que era artesanal, já vendi o barco, porque tenho só por esta, mas neste caso o armazém, neste caso para ele, para ele e para o Nando, não tem a mesma coisa, já que era as três artes, portanto os armazéns tem que ser maiores e divididos. Para cada arte, uma divisória.

MARGARIDA: Por exemplo, este espaço, deveria ser o dobro para a Arte Xávega?

Sr.Vitor: Muito mais! Maiores.

SR. VITOR: Infelizmente, por não ter armazém, não está a trabalhar.

SR. TELMO: O trator ele está a trabalhar, mas está completamente podre, por não ter armazém para guardar-lo.

SR. VITOR: E na um bocado estava a dizer amanhã.

SR. TELMO: E agora é assim, o meu filho já queria comprar outro, mas é que eu vou comprar o trator, para acontecer o que aconteceu hoje, para apodrecer, não fala o tempo.

SR. VITOR: Eu amanhâ vou conversar com Salvador.

SR. VITOR: Eu amanhã vou lá falar, por causa dos armazéns.

SR. TELMO: O apoio já é há muito ano.

SR. TELMO: Não há nada, não estejas a falar isto.

SR. VITOR: Ouve, ouve, ouve.

SR. TELMO: O apoio já é há muito ano.

SR. TELMO: A nossa Câmara é que nunca quis saber apresentar os projetos.

SR. TELMO: Também vinha para aqui.

...

MARGARIDA: Pois, eu queria agora perceber como é que vocês organizam um espaço e que tipo de espaço vocês precisam para perceber, para corresponder às vossas necessidades.

SR. TELMO: Para as nossas necessidades, vocês conhecem muito bem os armazéns que existem na Praia da Torreira.

MARGARIDA: Da Torreira?

SR. VITOR: Sim.

SR. VITOR: Já foi lá?

SR. VITOR: Por acaso já lá estive, já trabalhei naquelas companhias, conheço bem aquilo.

SR. VITOR: E nós até estávamos a pensar fazer igual, igual não, parecido.

SR. VITOR: E então estávamos com a ideia de fazer daqui.

SR. VITOR: O lugar de um ali dava dois.

SR. VITOR: Dava dois, exatamente.

SR. TELMO: Mas é assim, repara bem, supomos que eu e outros, coloca os quatro tratores no armazém. A parte de baixo fica praticamente logo cheia.

SR. TELMO: A parte de cima é para guardar apetrejos.

SR. VITOR: Sim, eu concordo com isso, mas neste momento ele não está a precisar de nada disso.

SR. TELMO: Eu conheço ox armazéns da torreira.

SR. VITOR: Trabalhei lá há nove anos.

SR. VITOR: E então, eles cabiam muito bem, os quatro, uns bons quartos de banho, atenção. Boas casas de banho, boa cozinha. Boa cozinha, dependente, mas tinha uma boa cozinha.

MARGARIDA: Então, cada armazém teria de ter uma kitchenette , ou era cozinha comunitária?

SR. TELMO: Não, não, para nós aqui, para nós aqui, as casas de banho, era essencial.

SR. VITOR: Para nós aqui, as casas de banho. Nós trabalhamos aqui à beira da nossa casa.

SR. TELMO: Então, para almoçarem, almoçam lá.

SR. TELMO: Como vou ao mar à tarde, está a perceber?

SR. TELMO: E tem que criar para nós aquilo que precisávamos.

SR. TELMO: Nós queríamos casas de banho e espaço para guardar material.

SR. VITOR: E esse espaço que já dava para guardar o material da Redes, por exemplo, que é que era enorme.

SR. TELMO: Já dava para multa arrecadação. Mas a cozinha está fora do armazenamento.

SR. VITOR: Não, não, não, está dentro. Ele é que faz a marquise.

SR. VITOR: Onde tem os frigorifos e tudo é onde está a cozinha. Os armários e tudo.

SR. TELMO: E a ideia é a marquise que ele fez, que era aquele coelho de terreiro que ele vinha para lavar.

SR. VITOR: Onde está a cozinha, onde tem os frigóricos e tudo. E onde a gente come e aproveitámos e fazemos o fogo, que a por causa disso não dá o cheiro e faço ao ar livre, mas vamos a uma coisa, aquilo é enorme, o armazém é enorme, eu não comprei os metros, mas é comprimento, sim, não, mas é grande.

SR. TELMO: Sim, é o que deve estar.

SR. VITOR: Aquilo é grande.

SR. VITOR: Nunca me deu para medir, mas sei que aquilo é grande.

SR. VITOR: E tem de largura... A largura até para L18.

SR. TELMO: Para L18 é grande.

SR. TELMO: Isto eu vou meter o olho só, só vou meter o olho.

SR. TELMO: Tem para L18 de comprimento por L18.

...

SR. VITOR: Ora bem, é isso que agora acabámos de falar, os apretechos, o que os armazéns precisam. E é um bocadinho também SR. VITOR: Está duas coisas arrumadas numa coisa só. Estás a entender? Por isso é que eu digo, não era conveniente fazer... Em altura, mas incompreendente. Comprido, estás a perceber? Estás a perceber o que eu quero dizer?

SR. TELMO: O cumprimento que eu tenho, mete o trator e não mete mais nada. Se for mais cumprido, já mete o trator e o outro lado.

SR. VITOR: Mete as duas coisas. É uma das coisas muito importantes. É porque eles têm em pouco espaço...

MARGARIDA: Tem que ter uma altura...

SR. TELMO: Mas só no piso. O pé direito tem que ter algum suficiente para colocar trator com cabine.

SR. TELMO: O meu não tem cabine, mas puramente não sei, posso ir. Mas o sr da torreira já tem com cabine. Aqui o Fernando já tem com cabine. Tem que ter altura para poder meter o trator lá depois com a cabine.

SR. VITOR: Nesta altura, caramba.

SR. TELMO: Não sei.

Dá?

Dá.

SR. TELMO: Qual é a altura de lei para um caminhão, por exemplo. É o qual o cabine tem. Isso vai

SR. VITOR: Está duas coisas arrumadas numa coisa só. Estás a entender? Por isso é que eu digo, não era conveniente fazer... Em altura, mas incompreendente. Comprido, estás a perceber? Estás a perceber o que eu quero dizer?

SR. TELMO: O cumprimento que eu tenho, mete o trator e não mete mais nada. Se for mais cumprido, já mete o trator e o outro lado.

SR. VITOR: Mete as duas coisas. É uma das coisas muito importantes. É porque eles têm em pouco espaço...

MARGARIDA: Tem que ter uma altura...

SR. TELMO: Mas só no piso. O pé direito tem que ter algum suficiente para colocar trator com cabine.

SR. TELMO: O meu não tem cabine, mas puramente não sei, posso ir. Mas o sr da torreira já tem com cabine. Aqui o Fernando já tem com cabine. Tem que ter altura para poder meter o trator lá depois com a cabine.

SR. VITOR: Nesta altura, caramba.

SR. TELMO: Não sei.

Dá?

Dá.

SR. TELMO: Qual é a altura de lei para um caminhão, por exemplo. É o qual o cabine tem. Isso vai depender de caminhão para caminhão, mas... A altura máxima que se pode utilizar é andar na via pública. São 4 metros, não é? 4 metros. É mais ou menos isso, é 4 metros.

MARGARIDA: Mas se houvesse, por exemplo, eu fiz um esquema, não vai ser assim, mas... Poderia então... Poderia ser então uma entrada assim mais comprida?

SR. VITOR: Sim.

MARGARIDA: para abrir e depois eu estaria... Ou um completo assim, abria tu.

SR. TELMO: Aqui à beira-mar é muita coisa. É muita coisa? É, à beira-mar depende da qualidade do material que se meta nos portões, não é?

SR. VITOR: Mas era conveniente, o que ela quer dizer que é melhor dois do que um.

MARGARIDA: É só um. Tem que ser dois?

SR. VITOR: Dois é melhor. Para estacionar, por exemplo, vai logo a direita. Se as máquinas estão a fazer manobras para ali, para lá, por exemplo, é conforme. Se o quatro é o dois e depois o dois, estás a entender o que quero dizer?

MARGARIDA: Sim, mas neste caso é só um, um armazém. Isto aqui é um. E eu estava a pensar, só uma... Um portão, não. Dois portões?

SR. TELMO: Uma entrada. É porque imagina, depois aqui vai ter o pilar e depois... Sim, pode. Um pilar até à parede. Tem que ter a medida... Outro pilar com outra parede, ou um portão.

MARGARIDA: E na parte de cima, eu estava a pensar ter um... Depois aqui seria outro centro cultural que eu tinha falado e... Teria aqui uma zona de café de estar pronto.

SR.TELMO Isto é... Mais moderno.

MARGARIDA: Sim.E depois aqui seria a continuidade dos armazéns.E os armazéns poderiam ser construídos conforme as necessidades. Ou seja, poderia ser... Agora só precisamos de dois armazéns. Fazemos dois armazéns, e depois funcionaria de acordo com um módulo, ou seja, temos aqui uma grelha, e eu, para a pesca artesanal, faria, pronto, se calhar é preciso mais pequenino, fazemos mais pequenino, e depois, ah, na pesca da arte de xávega, eu preciso de uma coisa maior, então fazia alguma coisa deste género, e jogávamos, tentávamos jogar com cada necessidade do armazém.

MARGARIDA: Depois, à parte de cima, seria mais... Como o senhor tinha-me dito fazer redes?

MARGARIDA: Mas assim, desta tipologia, assim, que tem que ser comprido, mas primeiro andar, mas deste... É uma coisa baixa, não precisa ser mutual.

SR. VITOR: O de lá tem quase tanto de altura, não, o de cima é mais baixo um bocadinho. É mais baixo um bocadinho.

SR. TELMO: É um bocadinho, mas é espaçoso, mas é alto. E aproveitar o telhado de 2 águas, para dar altura.

SR. TELMO: Rapaz, eu peguei aqui, aproveitar telhados de 2 águas.

SR. VITOR: Por isso aproveitar o telhado de 2 águas para darem altura para poderem trabalhar à portada.

MARGARIDA: A minha ideia era ter a vista, ter a vista para o mar. O que eu vou fazer no terreno que eu arranjei? E então eu tentei subir, que era para ter a perceção do mar, das casas. E claro que depois tem que pensar melhor numa cobertura, depois vocês podem sentar aqui a fazer as redes.

SR. VITOR: O de lá é assim.

SR.TELMO: O de lá é assim?

MARGARIDA: É. Pronto. Posso então... Como o seu armazém é desta tipologia... Sim, de uma água só. Eu tentei primeiramente fazer esse esquema.

SR. TELMO: Não, mas o armazém fica mais bonito com as duas águas.

MARGARIDA: Porque as duas águas?

SR. TELMO: É de tradição.

MARGARIDA: Sim, é de tradição, exatamente.

MARGARIDA: Como a maior parte dos armazéns eram assim em uma água, eu tentei fazer do género. Há uma da antiga dos palheiros, vamos imaginar, os palheiros aqui na costa eram todos duas águas.

SR. VITOR: Praticamente não eram todos, mas eram quase todos.

MARGARIDA: Antigamente os palheiros também recebiam para o armazém?

SR. VITOR: Sim, os barcos eram guardados na parte debaixo dos palheiros, a uma era para quando o mar galgasse e não passasse, e aproveitavam, não era, aproveitavam para fazer o barco lá para baixo, de modo antigo.

SR. VITOR: Agora, os armazéns da parte de cima, pronto, é só para arranjar, para levar material lá para cima.

MARGARIDA: Tem que ser para arranjar, para redes. Estava aqui a pensar, estou aqui e quero ir até tomar um café e não tenho aqui cafés muito perto. Eu até criava aqui uma área que vocês disseram que gostava muito de ter um espaço para convívio. Poderia ter aqui esse espaço e aqui à frente também dá para fazer as redes e assim. Isto depois era tudo conectar também com o ''centro cultural'', que também já está a avançar. E agora também queria perceber que o formato é que preferiam.

...

MARGARIDA: Mas este armazém é só para pesca artesanal?

SR. VITOR: É só para pesca artesanal. Também tem o tal coisinho que eu estava a dizer, para tomarmos um cafezinho... A gente vai beber um copito.

MARGARIDA: Dá jeito, dá assim de jeito.

SR. VITOR: Pronto, é só para ver se estou... Portanto, isso acho que tem a ver com os armazéns. Às vezes, o pessoal vem para guardar material, algo que eles queiram comer, ou caramba, um frigoríficozinho.

ISABELA COUTINHO: Claro.

SR. VITOR: Pessoas que traguem de comer de lá, pronto, para guardar, coisas frescas.

ISABELA COUTINHO: Claro, sim.

SR. VITOR: Chegam para o armazém, que não é só... A gente pensa só que o armazém, é só para a rede e para o barco.

MARGARIDA: Também tem que ter a parte do convívio.

SR. VITOR: O convívio, o convívio.

SR. TELMO: E de vez em quando fazemos uma festazinha também.

MARGARIDA: Hoje eu estava a pensar nesta parte se era o mercado, o centro cultural. Na parte de baixo seria um polivalente, mas também dava para ser mercado, se quisessem eventualmente vender alguma coisa, trocas, como já fizeram antigamente?

SR. VITOR: Hoje é um bocado difícil isso, para vender, aquelas coisas.

SR.TELMO: Não é difícil.

SR.TELMO: Acontece em outros sítios.

SR. VITOR: Sim, mas não é isso. Eles agora andam muito em cima. Agora a fiscalização anda muito em cima. Aliás, antes de 3 anos nós vendíamos o peixe na praia e não tínhamos problema. Hoje só temos uma certa quantia, uma quantidade de vender. Vai-se matando as tradições. Por isso é que quando eles não... É mesmo matando a nossa tradição. Nós queríamos. Era bom que a gente vendesse No nosso armazém. Era sinal que as pessoas vinham... Era bom. Era um ponto de encontro. Era bom. E eu, sabe, eu continuo a vender. Olha, mas... E é onde eu vende?

SR.TELMO: Ele vende a mim e eu vende o bolo.

MARGARIDA: Mas aquilo que depois era, depois podiam arrumar, era um espaço polivalente para fazer, pronto, os jogos tradicionais...

MARGARIDA: E até também já ouvi dizer alguns part-times das mulheres que faziam crochê. Seria algo relacionado com isso, mas depois teria uma oficina, também uma parte para trabalhos, pais pequenos.

SR. VITOR: Na parte de cima?

SR.TELMO: Estava a falar na parte de cima?

MARGARIDA: Sim, na parte de cima.

SR. VITOR: A parte de baixo seria um espaço... Eu acho que era a parte de cima... Ou para as exposições.

MARGARIDA: Este espaço seria para exposições e assim, e depois seria tudo envidraçado, mais ou menos, que era também para chamar o pessoal. Eu acho que se fizer uma fachada transparente, dá para perceber também o que é que se passa lá dentro.

SR. VITOR: E não só, e não só, porque torna-se mais airoso.

SR. TELMO: E a gente pegar em coisinhas antigas que a gente ainda tem, que eu ainda tenho algumas, e a gente faz isso.

MARGARIDA: E pronto, e depois aqui seria um espaço também para trabalhar nisso, do armazém?

SR. VITOR: Da parte da vitrine até concordo, sabe, porque dá mais claridade.

MARGARIDA: Sim, sim, e eu também nos armazéns também estou a pensar fazer isso. Muita gente tem a percepção de que os armazéns têm que ser uma coisa fechada, que, claro, eu acho que não é... As pessoas trabalham lá, têm que ter luminosidade natural ao máximo, e eu também estou a tentar transmitir isso no armazém que estou a fazer agora.

SR. TELMO: Vocês já têm mais ou menos uma ideia do que a gente quer. Não é o que a gente quer, é o que a gente precisa.

MARGARIDA: Estou aqui porque se fosse uma coisa que eu quisesse, eu fazia e não nos dizia nada.

SR.TELMO: Exatamente.

SR.TELMO: Agora, o qual?

MARGARIDA: Qual?

SR.TELMO: Local.

MARGARIDA: O local, poderia ser vários locais, mas eu estaria a pensar perto do bairro da Esperança.

SR.TELMO: Tem lá um armazém. Tem lá um bom larguinho, tem lá um bom espaço para se poder fazer armazéns, mas o grande problema está agora aqui.

SR. TELMO: Para a gente ir, tracores,...

SR. VITOR: Temos de passar estradas. O problema está aí. O problema é que o mar está a galgar como muita frequência. E é um investimento muito grande para estar em risco.

SR. VITOR: Estarem a fazer armazéns, precisamente, investirem tanto dinheiro para... Sim, isto é uma questão.

MARGARIDA: Por isso mesmo é que eu escolhi aquele sítio. Tem lá a memória local, o bairro da Esperança, que também são os pescadores que viviam lá.

MARGARIDA: Eu acho que fazia totalmente sentido aquele sítio para... Eu também sou doido.

SR. TELMO: É uma boa zona para se poder fazer isso, é isso.

MARGARIDA: Porque o mar de repente... Sim, mas eles iam estar à face da estrada, não iam estar no meio.

SR.TELMO: Exatamente.

SR. TELMO: Mas o grande problema é ver as condições que a gente tem para vir com os tratores, com o barco... Então, tudo que seja da estrada do... Como é que se chama?

...

SR. TELMO: E o melhor sinto é onde elas estão a falar.

SR. TELMO: Mas depois é perceber, condições para a gente também poder passar para os tratores, não é?

SR. TELMO: Só fazer e depois a gente vê que os tratores só param, encostam, não posso andar assim enquanto andar na estrada.

SR. TELMO: Não.

SR.VITOR: Olha, há tudo problemas. É o mar a vir, é a... Não, mas o que ele está a dizer, isso há solução por isso. Agora, o que não há solução é a natureza, o mar já não pode mais ter natureza. Vir a a estragar aquilo que se está a fazer. Isso é que é o grande problema. Pensa mais no mar e na APA, que a APA é das piores coisas que... Nem é bom falar.

SR. TELMO: Só não se faz aquilo que não se pode e aquilo que não se quer.

...

MARGARIDA: O projeto que eu estou a desenvolver respeita a topografia do terreno, porque ele vai ser em estrutura palafita, ou seja, não há contacto direto com o solo, porque o terrente está ligeiramente abaixo do nível da estrada.

MARGARIDA: E então, para compensar, fazemos uma estrutura elevada, Depois teria aqui a estrutura e depois teria aqui os armazéns, o centro cultural, tudo.

SR. TELMO: Cuidado que eles fizeram isso e aquilo... Foi para baixo...

SR. VITOR: Foi, mas também porque eles também não fizeram as coisas e condições.

MARGARIDA: Pois, há que também... Se fizer uma coisa e condições aquilo não acontece assim.

SR. VITOR: Eles botaram um passadiço tudo em madeira, sabendo que a madeira pudesse com facilidade... Claro, tem que ter o tratamento adequado.

SR. VITOR: Para ficar mais tempo.

MARGARIDA: Sim, mais tempo.

SR. VITOR: Nós temos aqui madeiras aí de passadiços, alguns que têm tratados de maltratados, que aguentaram muitos anos.

SR. VITOR: Há estacas aí, que eles dizem de parabéns, duraram muitos anos.

SR. VITOR: É, e o tratamento que leva.

MARGARIDA: E o tratamento que leva.

SR. TELMO: Eu sou alerta só por causa disso.

SR. VITOR: A ideia foi boa, só que eles não souberam fazer as coisas e condições.

SR. VITOR: É o caso que eu estou a dizer o que tu estás a pensar.

SR. VITOR: A ideia é boa, mas é preciso saber fazer as coisas.

ISABELA COUTINHO: Sim, sim.

ISABELA COUTINHO: Não é verdade?

MARGARIDA: Sim, sim.

MARGARIDA: Totalmente de acordo.

MARGARIDA: Claro.

MARGARIDA: E depois no Centro Cultural também estava a pensar o que é que seria, Vocês queria um espaço para as tradições que vocês têm?

SR. VITOR: Isso era bom. Era um espaço para uma tradição, um estilo de museu, não é?

MARGARIDA: Sim, a parte de cima seria mais exposição, mas a parte de baixo também.

SR. TELMO: É muito agradável para fazer isso.

MARGARIDA: Eu também pensei em conectar tudo no passadíssimo, algumas partes até de vista, sempre para o pátio. Por ser também usar muito o sistema de pátio aqui, nas casas. Já me deu aqui uma referência importante, os armazéns da Torreira.

SR. VITOR: Os armazéns, para mim, devem ser... Isto é uma opinião minha. Eu já fui a Mira, não os vi de lá, mas eu acho que não deve haver armazéns na Torreira. Mas também é um investimento muito grande.

SR. TELMO: Os de Mira, os... Também são grandes. Não tem nada a ver. São grandes, não são tão altos.

...

SR. VITOR: Nós ali não levávamos os peixes para dentro do armazém. E eu o morto a já levava, quando era peixe, quantidade de lanços grandes. E nós tínhamos o tratamento do peixe na praia, diferente, que era com os vidros de água grande, de mil litros, nós botávamos o peixe lá dentro e o peixe ficava bom. O outro, como não tinha igual, levava o peixe para dentro do armazém, para a sombra. E aquilo parece que não, o peixe dava um cheiro aos armazéns pequenos.

SR. VITOR: E depois o peixe também deixa gordura, deixa aquele... Enfim, havia de ter outro tratamento.

SR. TELMO: É isso, é isso. Eu, como não tinha nada disso, guardava dentro do armazém o peixe, para a gente apartar e para separar o peixe, para separar o grande, o pequeno, a gente separa o peixe, não é? Eu fazia isso dentro do armazém, para o peixe estar à soma e para a gente estar ali também à soma, para estar a trabalhar à vontade. No final do dia, chegava lá e não sentia cheiro. Mas a minha mulher, que gastava de três ou quatro garrafões de lixivia...Tem que ter boa ventilação também.

SR. TELMO: Não vinha embora sem lavar tudo, tudo, tudo, tudo. Quem anda na vida da pesca. A minha mulher não tem coragem de ver o barco entrar para o mar e a sair. Ela saia para a praia mesmo quando a rede estava a chegar à praia.

SR. VITOR: Não tem coragem de ver o barco ir para o mar. A sogra dela colocava-se atrás da minha tia, atrás das dunas aos gritos. Enquanto o barco entrava para o mar, não tem coragem para ver.
SR. TELMO: Ah, outra coisa que o Vitor sabe que é verdade.Os armazéns que tem na Torreira, há um espaço entre um e outro armazém, esse espaço, para eles poderem lavar os tratores, para não lavar os tratores dentro do armazém, para lavar naquele espaço.
SR. TELMO: Para guardar o barco e para lavar os tratores...
SR. VITOR: Mas é bom ficar um espaço... Vem com areia, vem com areia, vem com areia e a gente tem que lavar.
SR. TELMO: E eles a quatro tinham aquele espaço para poder guardar o barco de inverno, não é? Porque no inverno os barcos são, parece, lá guardados. E para lavar as máquinas, nós eles estão a trabalhar, para não entrar com areia para os armazéns.
...
SR. VITOR: E assim, à entrada do armazém, isto aqui está tudo cimentado.
SR. VITOR: As máquinas ao entrar aqui, lavadinhas, deixá-las correr e depois guardá-las.
...
MARGARIDA: Então vocês preferem ter espaço à frente do armazém?
SR. VITOR: Sim. Porque assim eles vêm, ele passa-se e vai lá o direitinho, deixar escoar a água. Isso é muito bom, isso é muito bom.
MARGARIDA: Tem muitas coisas que... Ok, deve ser um espaço também para comer, talvez?
SR. VITOR: Sim, sim, por exemplo, onde nós estávamos, é o que eu estava agora a dizer, eu trabalhei lá uns anitos. E como a gente era as companhias, era o pessoal, era de Esmoriz, era de Cortegaça, era de Furadouro, era da Amorosa, era tudo.E depois, uns para ali, uns para lá, e ele gostava, também vamos ser sinceros, ele também gostava de fazer isso. Estava a gente toda ali a comer, às vezes até eu vinha mais cedo da praia, estava a fazer comer, adiantar, era para depois à tarde a gente comer ali, à tarde íamos para o mar. Não é só a questão do convívio. É conveniente para quem leva essa vida. Vamos todos ao mesmo tempo, chegamos todos ao mesmo tempo. Às vezes, falta fulano que ainda não veio, ou que eu disse alguma coisa, agora espera aí. Por exemplo, o homem do mar. Falta o homem do mar para o barco ir ao mar. E o barco não vem enquanto aquele homem não chegar. E assim tudo, todos, é tudo... Isto é muito importante do armazém.
SR. VITOR: Isto é muito importante.
MARGARIDA: Aí a Casa de banho deve ter chuveiro?
SR. VITOR: Lá tinha tudo.

SR. TELMO: Tinha dois ou três cabines de cada lado, tanto para os homens como para os mulheres.

SR. VITOR: Sim, sim. E tinha cabides, cada um tinha o seu cabide.

ISABELA COUTINHO: Ah, ok. Para guardar a roupa.

SR. VITOR: Lá dentro do quarto de banho. Eu tinha o meu, não tinha para todos, mas tínhamos.

SR. TELMO: E tínhamos a... Não, os armazéns da torreia são muito, muito, muito, muito perfeitos.

SR. VITOR: O cabide, por exemplo, eu levava sempre umas calças suplentes, para quando molhasse. As botas, a roupa do aliado, para quando estivesse a chover. Não, por acaso, até estava bem organizada. Muito bem organizada, muito bem. São coisas muito importantes. A gente está-se a basear nos armazéns da Torreira porque acho que são os melhores armazéns, não tinhas dúvidas disso.

SR. VITOR: Pois é, se é isso que eles vão agora, tu, dos armazéns.

...

SR. VITOR: Pronto. Já levas o que é preciso.

MARGARIDA: É isso, pronto. Muito obrigada.

SR. TELMO: É o melhor armazém que conheço do país. Dentro daquilo... É o melhor.

...

Sim.

Obrigado.

Entrevista 4

...

SRA. BEM LERIAS: Os juncos e os juncos também eram da barrinha. Nós fazíamos um junco mais ou menos. Tinha um metro, um metro e qualquer coisa. E ficava de cheio de minhocas. Depois a gente enfiava as minhocas ficavam ali assim, todas agarradinhas por dentro. E depois tínhamos que fazer assim, olha, ele fazia assim umas rosquinhas e enrolava.O que acontece? Metia dois ou três lá dentro do galricho, na parte interior, porque é que eu tenho. Quando eles colocavam aquilo na barrinha assim, esticada, ele ficava assim, na horizontal, sabes com os pauzinhos, os pauzinhos tinham umas boinhas que era para eles saberem onde estavam os galrichos. Imagina que ele tinha por exemplo 20 ou 30 galrichos naquela zona, ou outro dia ia buscá-los, de manhãzinha cedo. As enguias entravam para apanhar as minhocas que estavam lá dentro e depois já não conseguiam sair, então aquilo ficava sem enguias e era assim que eles apanhavam. Não tinha uma rede principal, pois tinha a rede mais pequena, que era a dos miúdos, para apanhar... Não, é mesmo só a rede de apanhar a enguia, é só aquela coisinha, só o galricho. Depois havia outra coisa que eles chamavam outro nome, não sei se era Vitorão, que era um galricho gigante. Eles, em certas zonas, que eram as zonas de criação, punham esse galricho gigante. Mas isso aí não era tão usual, era só de vez em quando. O mais normal era usarem os galrichos. Essa coisa que estás a falar grande, eu sei que eles usam muito no Rio Douro, mas aqui usavam, mas é só assim muito esporádico. Acho que eles só faziam só para brincadeira e só para misturar. Eu acho que sim, eles faziam e às vezes punham na parede e aquilo dava muito trabalho a fazer e depois era giro. Depois já quase nem tinha o coragem de estar a usar aquilo, porque aquilo ficava muito bonito, é tipo uma abordagem. O meu pai chegou a oferecer algo, mas aquilo era muito giro.

(Bem Lerias explica a planta da própria casa)

SRA. BEM LERIAS: Esta zona que eu pus a dourado aqui, porque depois ia pôr a marcador, mas não gostei.

SRA. BEM LERIAS: Era a zona principal onde praticamente se usava, porque ficava aqui nesta parte da casa, em baixo, e apanhava mais sol e abrigava um bocadinho mais do vento.

SRA. BEM LERIAS: O que é que acontece?

SRA. BEM LERIAS: As pessoas usavam muito esta zona aqui no chão.

SRA. BEM LERIAS: Depois do almoço, aquilo que depois era te contar e não te contei.

SRA. BEM LERIAS: Era muito usual, por exemplo, acabávamos de almoçar e depois, por exemplo, a minha avó, a minha mãe, os mais velhos.

SRA. BEM LERIAS: O meu tio também tinha um tio que vinha muito para aqui.
SRA. BEM LERIAS: sentavam-se muito nesta zona aqui, aqui principal, depois vinham comer a fruta, ouvíamos a rádio, estás a ver como não havia a televisão, era o rádio, e ouvíamos muito a voz dos ridículos, até podes apontar mesmo que os antigos diziam isso, sei lá como a tua avó, se verem a voz, toda a gente conhecia isso, eu acho que Portugal inteiro ouvia aquilo, a voz dos ridículos, podes mesmo apontar, que eu acho que é um pormenor a notar engraçado, porque toda a gente ouvia aquilo, o pessoal acabava de almoçar, e vinham-se para aqui comer uma maçã ou uma laranja, qualquer coisa, pronto.
SRA. BEM LERIAS: E ficávamos a ouvir um bocadinho essa parte da rádio, porque quase ninguém tinha televisão.
SRA. BEM LERIAS: E era um programa muito conhecido na altura, porque era engraçado.

SRA. BEM LERIAS: Eu, lembra-me perfeitamente dessa situação, acabar de almoçar e vinhamos para aqui, ficávamos a ouvir o rádio.
SRA. BEM LERIAS: E era giro, toda a gente se ria e punha toda a gente divertida.
SRA. BEM LERIAS: Era um bocado crítica do Portugal, de uma forma bonita, não havia maldade, era tudo muito puro.
...
SRA. BEM LERIAS: Eu sempre desenho a desde miúda, eu tirei o curso de cerâmica e tive o desenho no Soares do Reis Pois, estava a ver as canetas E tem um ateliê também É muito difícil, para quem já é artista
SRA. BEM LERIAS: Eu pus aqui uma coisinha com risco até aqui porque era a corda de pôr a roupa a secar naquela altura e hoje em dia também temos que pôr a roupa a secar, mas a minha mãe tinha duas cordas.
SRA. BEM LERIAS: Tinha aqui e depois tinha aqui na frente.
SRA. BEM LERIAS: Depois, entretanto, começámos a crescer e tal, já não precisamos de tanta corda, esta aqui desistiu e só ficou esta.
SRA. BEM LERIAS: De qualquer maneira eu fiquei com o registro porque era assim,
SRA. BEM LERIAS: quatro filhos e a lavar a roupa à mão, que vocês estão a imaginar.
SRA. BEM LERIAS: E depois, naquela altura, também íamos lavar a roupa ao rio.
SRA. BEM LERIAS: Não sei se vocês tinham essa informação, mas lavávamos a roupa no rio.

SRA. BEM LERIAS: Ela falava-me, não, a minha mãe lavava e eu ficava a olhar.

SRA. BEM LERIAS: Brincava e ficava a brincar com o meu irmão.

SRA. BEM LERIAS: Vocês tinham que ir para esta rua toda, se vocês um dia andarem de carro, ou apanharem uber aqui, peçam o mesmo por aí.

SRA. BEM LERIAS: Vocês se fizerem esta rua toda até lá ao fundo, acaba o campismo.

SRA. BEM LERIAS: Tem outra rua de Pinhal, depois ainda continua mais lá para o fundo.

SRA. BEM LERIAS: É lá ao fundo, tem o rio.

SRA. BEM LERIAS: E nós íamos lá levar a roupa ao rio, mas não era só a minha mãe, era a roupa ao rio.

SRA. BEM LERIAS: Eu não sei qual é o sítio que tinha as pedras, agora vocês não conseguem ver, mas eu não sei o sítio das pedras, que eles agora tiraram as pedras.

SRA. BEM LERIAS: tinha lá umas pedras gigantes há quantas décadas e décadas que aquilo já devia lá estar porque estavam muito comigo e já devia ser de geração para geração toda a gente ir lá lavar a roupa ao rio, percebes?

SRA. BEM LERIAS: Viam antes a ver os tanques e assim.

SRA. BEM LERIAS: Por causa é engraçado, eu não saí o local porque antigamente, em frente a essa zona de lavar a roupa tinha a fábrica de papel.

SRA. BEM LERIAS: Já não existe, mas era uma fábrica forte aqui na altura porque havia pouca coisa.

SRA. BEM LERIAS: Ora bem, tem um que era estudar a roupa, dois que era a zona principal, que as pessoas sentavam lá para comer e assim, para conversar.

SRA. BEM LERIAS: E depois também faziam uns tais sacos.

SRA. BEM LERIAS: Lembras-te daqueles sacos que faziam à mão?

MARGARIDA: Sim, eu lembro.

SRA. BEM LERIAS: A atividade, além da pesca aqui, uma grande atividade que tinham as mulheres e até filhos.

SRA. BEM LERIAS: Eram os mais velhos, porque eu nunca fiz nada disso.

SRA. BEM LERIAS: eles faziam uns sacos assim, prendiam com o dedo do pé, o dedo grande e depois tinham assim o fio vinha até aqui, depois faziam um começo, faziam uma rodinha e a rodinha à volta tinha um monte de coisinhas e depois iam fazendo a malha a partir disso e o saco abria aqui e abria lá embaixo

MARGARIDA: Mas imagina, fechavam ali, não é?

SRA. BEM LERIAS: Davam um nó e ficava fechado, pois o saco fazia assim e depois punham as coisas lá para dentro, porque aquilo era para transporte de mercaderias, na altura, nos barcos, sabes?
SRA. BEM LERIAS: Estás a ver aquelas redes que era de lavar para fazer as camas de rede, para ir para o Pinhal, para a gente se deitar?
SRA. BEM LERIAS: Depois tinha aqui uns pauzinhos, nunca viste isso?
SRA. BEM LERIAS: Aquelas camas de rede.
SRA. BEM LERIAS: para levar para o apunhal, para ir para os piquenicos, assim, eles amarrava-se de um lado, depois amarrava-se de outro.
SRA. BEM LERIAS: Estás a ver, aquela rede que eles tinham era de fio, de corte.
SRA. BEM LERIAS: Estes sacos eram desse género, só que era saco.
SRA. BEM LERIAS: Em vez de fazer uma cama de rede, era saco de rede, mas tinha vários tamanhos, desde tamanhos pequenos, tamanhos muito grandes mesmo.
SRA. BEM LERIAS: E depois eles ganhavam a quantidade, por exemplo, imagina que a senhora me encomenda de 50 sacos dos pequenos, 100 sacos dos grandes, assim do género.
SRA. BEM LERIAS: e cada família ficava com um X número de encomendas e depois tinha de fazer aquilo.
SRA. BEM LERIAS: Entregar naquele dia, depois venha aí um homenzinho com uma carreira e levava.
SRA. BEM LERIAS: sacos de toda a gente e pagavam os presentes.
SRA. BEM LERIAS: Era a atividade extra que as mulheres tinham para ganhar mais alguma coisa.
SRA. BEM LERIAS: Era uma atividade que as pessoas tinham.
MARGARIDA: Para além dessa atividade, tinha outras atividades?
MARGARIDA: Tinha alguns jogos tradicionais?
SRA. BEM LERIAS: Eu esqueci muito de dizer, não, depois eu lembrei-me, mas eu posso ir buscar fotos.
SRA. BEM LERIAS: Uma coisa que elas também faziam, mas não era para vender.
SRA. BEM LERIAS: Era mesmo, faziam, era crochê e as meias de lá.
ISABELA: O que a gente fazia?
SRA. BEM LERIAS: A minha mãe era ótima a fazer meias leis.
SRA. BEM LERIAS: Tem ali umas poucas.
SRA. BEM LERIAS: E posso te mostrar que tuias uma foto.
SRA. BEM LERIAS: Que é para registrar, não é?

SRA. BEM LERIAS: Claro.

SRA. BEM LERIAS: Dá mesmo gosto de ver, porque não é uma coisa que já muita gente não sabe.

SRA. BEM LERIAS: Eu não consegui.

ISABELA: Eu tentei aprender.

MARAGRIDA: Eu faço tricô.

SRA. BEM LERIAS: Olha, eu tentei aprender, mas até ficava mal.

SRA. BEM LERIAS: Eu não consigo.

SRA. BEM LERIAS: Eu tentei.

SRA. BEM LERIAS: Lembra-me que a última vez eu tentei aqui sentada com a minha mãe.

SRA. BEM LERIAS: Uma altura que eu fiquei de baixa há uns três meses.

SRA. BEM LERIAS: E depois disse, eu vou aproveitar já que estou parada.

SRA. BEM LERIAS: Eu vou comprar lã.

SRA. BEM LERIAS: Eu vou ver se aprendo a fazer isso.

SRA. BEM LERIAS: Ou se vai morrer um dia e eu não sei fazer nada disso.

SRA. BEM LERIAS: Eu não consigo.

SRA. BEM LERIAS: Então, afrontei-me aqui e fiz buscar lãs de espinho e tal.

SRA. BEM LERIAS: Ah, eu vou fazer cascola, meias não, o que é que deve ser ser para fazer a mesma coisa?

SRA. BEM LERIAS: Eu ficava mal disposta, eu começava, eu não consigo, depois tentei mais outros, não consigo.

SRA. BEM LERIAS: Não consigo, esquece.

ISABELA: A MargARIDA ainda sabe fazer, mas eu também é a mesma coisa, eu tentei fazer, eu não sei.

MARGARIDA: No início é difícil, mas depois é automático.

SRA. BEM LERIAS: Não, fico mesmo.

SRA. BEM LERIAS: E eu olhava para aqui, oh mãe, que fixe.

SRA. BEM LERIAS: E ela fez-me na mesma, eu tenho os ali.

SRA. BEM LERIAS: E depois vocês tiram fotos porque elas faziam todas isto.

SRA. BEM LERIAS: E então era assim neste espaço aqui.

SRA. BEM LERIAS: E às vezes juntavam-se, por exemplo, com as vizinhas, percebes?

SRA. BEM LERIAS: Elas vinham e sentavam-se e faziam o crochê e as meias lá.

SRA. BEM LERIAS: E barretes também, mas a minha mãe nunca fez muito barretes.

SRA. BEM LERIAS: Mas o pessoal aqui também fazia o barretes lá.

SRA. BEM LERIAS: Olha bem, o que é que tenho aqui mais?

SRA. BEM LERIAS: Dois, três, o três é o tanque.

SRA. BEM LERIAS: Pronto, esta é a zona de roupa, estás a ver?

SRA. BEM LERIAS: Zona de roupa e fiz aqui o coisinho.

SRA. BEM LERIAS: O 4, como é que eu tenho o 4?

SRA. BEM LERIAS: Está aqui.

SRA. BEM LERIAS: Ah, o 4 é a banca porque é assim, como ela trazia muito peixe e a gente usava muito peixe.

SRA. BEM LERIAS: Ainda bem que eu crescia e comia muito peixinho.

SRA. BEM LERIAS: Amanhava aqui o peixe e lavava aqui para não estar a sujar a cozinha, sabes?

SRA. BEM LERIAS: Então eu pus aqui o 4 porque é a banca que teve sempre aqui banca.

SRA. BEM LERIAS: Depois tenho o 5.

SRA. BEM LERIAS: O 5 é a zona de cortar a lenha porque toda a gente tinha fone de lenha aqui na altura.

SRA. BEM LERIAS: Tinha um forno de gás mas também tinha um forno de lenha.

SRA. BEM LERIAS: A comida tem outro sabor.

SRA. BEM LERIAS: Não, mas quase toda a gente tinha.

SRA. BEM LERIAS: Mesmo que não tivesse forno de lenha, tinha uma lareirinha e cozinhava.

SRA. BEM LERIAS: Eu lembro-me de ficar em casas.

SRA. BEM LERIAS: E as pessoas tinham uma lareira daquelas normais.

SRA. BEM LERIAS: Só mesmo uma fogueira e uns coisinhos de ferro em cima.

SRA. BEM LERIAS: E cozinhavam ali.

ISABELA: Curioso.

SRA. BEM LERIAS: Às vezes a minha mãe, por exemplo, se chegava tarde a casa e já não tinha tempo para fazer as brasas, nós íamos lá buscar porque elas todos os dias cozinhavam, nem que todos os dias tinham brasas, a gente ia lá buscar as brasas.

SRA. BEM LERIAS: As vizinhas iam buscar, porque elas tinham, é isso que eu estou a dizer.

SRA. BEM LERIAS: Esse pessoal que não tinha fogão e só cozinhavam nas lareiras, tinham sempre o lume ligado.

SRA.BEM LERIAS: E nós iamos buscar as brasas quentes para começar logo.

SRA. BEM LERIAS: Assar depois, assim não tínhamos que fazer tudo do início, percebes?

SRA. BEM LERIAS: De vez em quando isso acontecia.

SRA. BEM LERIAS: Então tem aqui a zona 5, que é este que eu diria aqui, ao lado do portão.

SRA. BEM LERIAS: Aqui na zona 11, aqui e aqui, era onde é que nós cortávamos a lenha, porque eu ia à lenha com meus irmãos e com a minha mãe.

SRA. BEM LERIAS: Mas eu e a minha mãe e meus irmãos íamos.

SRA. BEM LERIAS: Um bocado fui às pinhas.

SRA. BEM LERIAS: Então, nós íamos às pinhas e íamos à lenha e cortávamos.

SRA. BEM LERIAS: Havia liberdade de ir buscar.

SRA. BEM LERIAS: Não podemos cortar pinheiros.

SRA. BEM LERIAS: Naquela altura, toda a gente ia à lenha e cortava pinheiros.

SRA. BEM LERIAS: Nós, no fundo, limpávamos um bocadinho e ajudávamos a limpar a nossa floresta.

SRA. BEM LERIAS: Mas só íamos aqui pertinho.

SRA. BEM LERIAS: Então, serrávamos a lenha, eu já não tenho um cavalete, mas aí a pessoa que ainda tem, o cavalete tem aquelas coisas de madeira,tu sabes que é um cavalete, toda a gente tinha um cavalete.

MARGARIDA: É uma coisa deste género, não é?

SRA. BEM LERIAS: O nosso já não era assim muito usado, agora nós compramos a lenha, sabe?

SRA. BEM LERIAS: Sim, é isso de madeira.

SRA. BEM LERIAS: Nós que já compramos a lenha praticamente já cortada, já não temos necessidade, o nosso morreu.

SRA. BEM LERIAS: Estava todo podre ali.

SRA. BEM LERIAS: Mas, assim, o cavalete ficava aqui e eu é lavava a roupa, a lenha, como era o meu irmão mais velho, normalmente eram sempre os irmãos.

SRA. BEM LERIAS: E a minha mãe ajudávamos a ir buscar espinhas, espinhas e lenha, esta zona aqui, e aqui porque nós tínhamos que pôr as espinhas a secar, e muitas vezes a lenha também depois cortada também ficava aqui a secar.

SRA. BEM LERIAS: Às vezes também punhamos aqui nesta zona, que é a fossa, que é aquele cantinho ali, não tem ali nada.

SRA. BEM LERIAS: Eu pus aqui fossa porque era mesmo fossa antigamente, sabes?

SRA. BEM LERIAS: Agora já vai para o saneamento.

Ok.

SRA. BEM LERIAS: Ora bem, oito, oito, pus aqui a zona oito porque o meu pai, quando tinha tratores, os tratores ficavam guardados no armazém, mas às vezes para lavar e para fazer manutenção, e ele estacionava aqui para fazer a lavagem do trator e fazer manutenção, então eu também coloquei aqui como oito, aparece também numa fotografia.

SRA. BEM LERIAS: Ele está a assar frangos aqui com a minha mãe e com o meu irmão, por acaso foi mesmo aqui na porta.

SRA. BEM LERIAS: E não estava aqui porque estava aqui o trator, então eu levei aqui para a rua mesmo.

SRA. BEM LERIAS: E ainda aparece aqui um bocadinho do trator nessa foto, por isso ele muitas vezes estacionava aqui o trator e fazia manutenção neste trator.

SRA. BEM LERIAS: Ora bem, o que é que tem aqui mais?

SRA. BEM LERIAS: O 6, o meu pai usava aqui para fazer as redes e pus aqui manutenção nas redes e fazia mesmo os galrichos e fazia...

SRA. BEM LERIAS: Tudo que fosse material ligado à pesca, ferramentas para pesca.

SRA. BEM LERIAS: Quando eu digo ferramentas, é tudo, por exemplo, eu comprava as boias, depois tinha que fazer aquelas cordas, amarrar, fazer aqueles nozes esquisitos.

SRA. BEM LERIAS: Tinha que ir buscar, por exemplo, eu não, mas era mais os meus dois irmãos e o meu pai.

SRA. BEM LERIAS: Eles iam buscar...

SRA. BEM LERIAS: Eucalipto.

SRA. BEM LERIAS: Mas para fazer os bordões.

SRA. BEM LERIAS: Não sei se sabem o que é um bordão.

SRA. BEM LERIAS: Quando vocês entrarem na praia e virem os barcos e vêm aqueles paus gigantes.

SRA. BEM LERIAS: Tem uns paus muito grandes na frente do barco e atrás porque o barco não fica assentado na areia.

SRA. BEM LERIAS: Nunca.

SRA. BEM LERIAS: Para vocês se depararem, o barco fica assentado em cima dos bordões e dos rolos.

SRA. BEM LERIAS: Os rolos, por exemplo, imagina, o barco está assim, não é?

SRA. BEM LERIAS: Assim.

SRA. BEM LERIAS: Aqui tem uns rolos, por exemplo, três ou quatro rolos grossos, que são umas coisas assim enormes, que são, não sei se também é de eucalipto ou de pinheiro, porque esta diga também não se preocupa nisso.

SRA. BEM LERIAS: e tem assim uns furinhos com fio que é para eles puxarem, para segurarem os rolos.

SRA. BEM LERIAS: O barco nunca pode assentar em cima da areia porque acaba para apodrecer.

SRA. BEM LERIAS: Eles metem esses rolos e depois metem os bordões que são os tais eucaliptos direitinhos de 3 metros, 4 metros, alguns até conseguem atingir os 5 metros, ficam lá, para fazer a fileirinha assim de paus.

SRA. BEM LERIAS: para o barco depois assentar, para depois quando eles quiserem mover o barco, o barco move naqueles chamados Bordões.

SRA. BEM LERIAS: Mas depois também usam os verdões nas próprias redes, quando a rede está a chegar para o mar, eles espetam assim o bordão na areia.

SRA. BEM LERIAS: E fazem assim, têm que estar a segurar e a rede passa por aqui para a rede não arrastar pela areia.

SRA. BEM LERIAS: Se a rede arrastar na areia vai pegar na areia, vai ficar pesada, vai ficar suja e depois pesa muito mais para puxar.

SRA. BEM LERIAS: Então eles levantam a rede com o bordão.

SRA. BEM LERIAS: Este bordão já é mais pequeno, há até 2 metros de comprimento da altura e seguram e a rede vai

SRA. BEM LERIAS: vai fluindo por esse bordão assim, percebes?

SRA. BEM LERIAS: Normalmente ficam os dois homens, por exemplo, dois ou três homens aqui, dois ou três homens daquele lado, e quando a ria da manga já começa a chegar, eles já começam a espetar com o bordão para a manga ir fluindo por esse bordão até chegar o saco.

SRA. BEM LERIAS: Quando chegar o saco, quer dizer que chegou o peixe, sabes?

SRA. BEM LERIAS: Mas eles vão levantando para não puxar tanto.

SRA. BEM LERIAS: Se aquilo vai arrastar, imagina, estás a puxar a ria.

SRA. BEM LERIAS: Estás a puxar a corda, não é?

SRA. BEM LERIAS: A seguir a corda vem a rede.

SRA. BEM LERIAS: Se não tiveres o bordão para levantar.

SRA. BEM LERIAS: Isto é muito importante que há pessoas que às vezes não sabem o que é. Sim.

SRA. BEM LERIAS: E eles levantam essa parte com o tal bordão, que é assim um eucalipto direitinho, sabes?

SPEAKER_02: Prai de dois metros.

SRA. BEM LERIAS: e vai puxando assim e a rede não vai arrastando pelo chão.
SRA. BEM LERIAS: Havia sítios que faziam isso e depois ficavam todos partidos, todos cansados, claro.
SRA. BEM LERIAS: Eu lembro que o meu irmão chegou-me a contar isso, que uma vez foi para a torreira para uma companhia e era só pessoa que não percebia muita pesca, não meteu-se a fazer isso.
SRA. BEM LERIAS: Então depois chegava o fim do dia e a minha irmã disse, então vocês arrastam a rede até ao fim, puxam a rede até ao fim pelo chão, e depois vocês ficam carregadas de areia.
SRA. BEM LERIAS: Depois tens de pousar outra vez, tens de limpar tudo, as cordas têm de estar todas arrumadinhas, a rede tem de estar toda limpinha, para começar tudo de novo.
SRA. BEM LERIAS: E isso provocava mais trabalho e dava mais cansaço.
SRA. BEM LERIAS: Quando a minha irmã chegou lá, eles explicam, olha, vocês têm de levantar a rede assim assim, quando a manga chegar.
SRA. BEM LERIAS: porque temos que ter experiência e às vezes são coisinhas pequenas então eles tinham que buscar esses bordões e ficavam aqui a secar também eles tinham que tirar a casca e tinha que ficar aquele solo a secar e fazer a manutenção desse material todo então fica aqui esta área número 6.
SRA. BEM LERIAS: Depois eu acho que vocês conseguem ler, eu não tenho que começar, mas eu tenho que ler material, ferramentas para a pesca, manutenção de ferramentas da pesca, bordões, varas, boias, etc.
SRA. BEM LERIAS: O que me lembrava, porque eu não percebo muito que pesca estou e não sei o nome das coisas.
ISABELA: E estes anexos foram feitos depois da casa?
SRA. BEM LERIAS: Depois da casa.
SRA. BEM LERIAS: Primeiro foi a casa.
SRA. BEM LERIAS: Ok.
SRA. BEM LERIAS: Sim.
SRA. BEM LERIAS: E depois é que o tempo é que começou a fazer esta parte toda e depois foi a última parte.
SRA. BEM LERIAS: começou a ser necessário porque a família também era grande e depois nos anos 80 a minha mãe começou, a minha mãe quase toda a gente, foi mesmo naquela década de 80, depois na década de 90 já acabou, já pararam um bocadinho com isso, porque as pessoas já começaram a ir para outros sítios, mas aqui era muito

SRA. BEM LERIAS: Vinha muita gente para aqui passar férias e criam casas para alugares.

SRA. BEM LERIAS: Então, nós, por exemplo, na altura do verão, nós vinhamos para aqui.

SRA. BEM LERIAS: O desenho dos anexos agora está diferente, mas antes tínhamos três quartos, sabes?

SRA. BEM LERIAS: Agora tínhamos aqui uma casa de banho, viramos a casa de banho aqui deste lado e depois fazíamos, por exemplo, um quarto, dois quartos, três quartos e depois tínhamos a cozinha.

SRA. BEM LERIAS: Antigamente era diferente.

SRA. BEM LERIAS: E a minha mãe alugava só no mês de Julho e no mês de Agosto a casa.

SRA. BEM LERIAS: Então o verão todo era só pesca.

SRA. BEM LERIAS: A casa era só para dormir e comer.

SRA. BEM LERIAS: E aqui usavam a casa para alugar no mês de Julho e Agosto.

SRA. BEM LERIAS: Normalmente tinha sempre as mesmas pessoas.

ISABELA: Este patio sempre foi coberto ou também não?

SRA. BEM LERIAS: Não, ao princípio não era, mas depois que eu me lembro, o tempo mais coberto, se calhar que descoberto.

SRA. BEM LERIAS: No princípio teve uns anos de descoberto, só mais tarde que a minha mãe começou a cobrir no inverno para a roupa ou para tratar de coisas da pesca, imagina.

SRA. BEM LERIAS: Eu pus aqui o 9, que era onde é que a gente fazia o tal minhoqueiro dos galrichos, para fazer as minhocas que eu coloco lá dentro.

SRA. BEM LERIAS: Eu digo minhoqueiro porque é o nome que usavam para fazer o galricho.

SRA. BEM LERIAS: Nós normalmente, não sei porquê, não me pergunto, mas fazíamos sempre aqui nesta área.

SRA. BEM LERIAS: Deve ser por causa da sombrinha, porque as minhocas também não podem apanhar muito sol.

SRA. BEM LERIAS: Se fizéssemos aqui, elas ficavam mortas logo no instantinho.

SRA. BEM LERIAS: É um bocado pela lógica.

SRA. BEM LERIAS: Como aqui faz mais sombra, fazíamos aqui e normalmente fazíamos lá de manhãzinha cedo ou ao final do dia.

SRA. BEM LERIAS: E quando chovia fazemos aqui nesta zona, aqui também.

SRA. BEM LERIAS: Não sei se era para ele guardar aqui também o material, ficava mais perto.

SRA. BEM LERIAS: Se calhar deve ter também a ver com isso, no sítio que ele guardava as coisas, que era aqui nesta zona.

SRA. BEM LERIAS: Depois eu pus aqui o 9 que me necessitou.

SRA. BEM LERIAS: Preparação do isco para galricho.

SRA. BEM LERIAS: Eu escrevi assim com a minha letra, assim, um bocadinho mal.

SPEAKER_02: Preparação do isco para galricho.

SRA. BEM LERIAS: Pesca de enguias na barrinha.

SRA. BEM LERIAS: Na barrinha.

SRA. BEM LERIAS: Pronto.

SRA. BEM LERIAS: Número 10.

SRA. BEM LERIAS: Ah, 10 é a mesa.

SRA. BEM LERIAS: Pronto.

SRA. BEM LERIAS: É a mesa para os convívios.

SRA. BEM LERIAS: O 11 é a lenha.

SRA. BEM LERIAS: Dois, lugar de colocação de ferramentas, já duas é aqui.

SRA. BEM LERIAS: Aqui é uma bielazinha, a gente chama as bielazinhas, quase toda a gente tem uma bielazinha.

SRA. BEM LERIAS: Onde é que guarda as coisas para esconder, portanto, mais suja, por exemplo, tudo que fosse enchadas, as coisas para tratar do quintal.

SRA. BEM LERIAS: E o ponhamos aqui, e caixotes e coisitas que não prestava para nada.

SRA. BEM LERIAS: Não se usava assim muito.

SPEAKER_02: Ponhamos aqui nesta zona aqui.

SRA. BEM LERIAS: O resto, estas bolinhas aqui talvez são vasos, estás a ver?

SRA. BEM LERIAS: Estas bolinhas, estas bolinhas, ela tem vasos por toda casa toda.

SRA. BEM LERIAS: E tem aqui também vasos, esta zona é só plantas, porque a minha mãe era assim, plantas.

SRA. BEM LERIAS: Aqui era o quintal, já tive que ir às couves, acho que escrevi, tinha aqui, quintal, couves, portuguesa, tomate, alface, salsa e hortelã.

MARGARIDA: Mas em termos de agricultura, no inverno, ficavam aqui ou iam para outro sítio, tinham um campo perto, um terreno?

SRA. BEM LERIAS: Não, tinha terrenos.

SRA. BEM LERIAS: E o que eles faziam era, por exemplo,

SRA. BEM LERIAS: Imagina, alguém tinha terrenos cultivos e precisava de ajuda, precisava de mão de obra, vinham aqui e levavam umas pessoas e pagavam à hora ou ao dia, percebes?

SRA. BEM LERIAS: Não era à semana nem ao mês, era à hora ou ao dia porque são pequenas práticas que eles iam ajudar e depois ajudavam também muito na construção, por exemplo, o pessoal de inverno, meu pai e outros pescadores dedicavam-se à barrinha, é certo.

SRA. BEM LERIAS: Mas muitos que não tinham condições para se dedicar a barrinha porque era preciso barcos, era preciso redes e essas coisas não tinham o mesmo material.

SRA. BEM LERIAS: Nem toda a gente tinha esse material, nem toda a gente sabia também, não é?

SRA. BEM LERIAS: Era só uma porçãozinha de alunos que faziam isto.

SRA. BEM LERIAS: Então os outros dedicavam-se mais, era à agricultura e era à construção civil.

SRA. BEM LERIAS: assim de grosso, mas que eu me lembro que as outras pessoas faziam.

SRA. BEM LERIAS: Era muita construção.

ISABELA: E havia aquela relação de poder comprar às vezes legumes com alguém ou também carne?

SRA. BEM LERIAS: Sim, eles faziam muito, lá está, a troca também.

SRA. BEM LERIAS: Coisas de pesca com carne.

SRA. BEM LERIAS: Havia um sítio específico que eles faziam essas trocas?

SRA. BEM LERIAS: Agora é assim, em termos de que eles compravam, por exemplo.

SRA. BEM LERIAS: Imagina, tinhas lá um campo com milho, com couves, com hortaliças que nós aqui não produzíamos.

SRA. BEM LERIAS: Eles compravam, eles iam lá acima e compravam.

SRA. BEM LERIAS: E um dos sítios específicos que se fazia a compra e venda desses tais produtos era na praça.

SRA. BEM LERIAS: Praça é para o lado da igreja lá em Esmeriz, lá em cima.

SRA. BEM LERIAS: Se fostes para a igreja, aqui por trás, esta zona, aqui é tudo praça.

SRA. BEM LERIAS: Aqui é praça.

SRA. BEM LERIAS: É um mercado.

SRA. BEM LERIAS: Todos os sábados de manhã eles iam aqui.

SRA. BEM LERIAS: E havia, claro, a venda de peixe, havia a venda também dos legumes, da carne, portanto, quem tinha carne também vendia lá a carne, percebes?

SRA. BEM LERIAS: Já não era aqui troca, era mesmo compra e venda de tudo que as pessoas produziam aqui na zona.

SRA. BEM LERIAS: Mas era mesmo só daqui da zona.

SRA. BEM LERIAS: Era aqui chamar uma praça, era sempre no sábado de manhã aqui.

SRA. BEM LERIAS: mesmo ao lado da Igreja Matriz.

SRA. BEM LERIAS: Agora, nos outros locais, por exemplo, eu sei que em Aveiro era às quintas-feiras de manhã, terça de manhã.

SRA. BEM LERIAS: Portanto, havia sempre dias diferentes, porque eram para as pessoas poderem fazer vários mercados, mas era quem só se dedicava a isso.

SRA. BEM LERIAS: depois já no meu tempo já vinham aqui compradores buscar, por exemplo, no tempo da minha avó, eles iam levar, cada comprador comprava o peixe, por exemplo, eram só as varinas que vinham buscar o peixe para depois ir vender, imagina, já não tinham uma ou duas varinas, já devia ter umas 30 ou 40 varinas, já vinham buscar o peixe e havia também homens que vendiam, que eles tinham aquelas coisas, já não era canastra, não sei se vocês já chegaram a ver algum desenho, alguma fotografia, e por acaso não cheguei a ver isso.

SRA. BEM LERIAS: Já não era do meu tempo.

SRA. BEM LERIAS: Eles tinham um bordãozinho e tinham uma cestinha aqui na frente e uma cestinha atrás.

SRA. BEM LERIAS: E eles também levavam o peixe e vendiam, também eram vendedores de peixe, não eram só as varinas, mas já não era do meu tempo.

SRA. BEM LERIAS: Por exemplo, as varinas compravam o peixe, carregavam, por exemplo, uma ou duas canastras e iam mesmo vender até.

SRA. BEM LERIAS: Por exemplo, a minha avó vendia a pé.

SRA. BEM LERIAS: Toda a vida vendia a pé.

SRA. BEM LERIAS: Por exemplo, ela ia, já tinha clientela fixa lá para cima.

SRA. BEM LERIAS: Já conhecia as pessoas, as pessoas já encomendavam.

SRA. BEM LERIAS: Se apanhar, por exemplo, roubalos, traz-me dois ou três roubalos.

SRA. BEM LERIAS: Ela já sabia as encomendas que tinha.

SRA. BEM LERIAS: E levava.

SRA. BEM LERIAS: E quando não tinha comendo, levava na mesma e vendia.

SRA. BEM LERIAS: E depois vinha carregada de fruta e de legumes e de coisas.

SRA. BEM LERIAS: Fruta que às vezes a gente nem conseguia comprar, mas ela trazia porque eles ofereciam.

SRA. BEM LERIAS: Ela conhecia muita gente, é normal.

SRA. BEM LERIAS: Quem na rua, todos os dias a vender peixe acaba de conhecer toda a gente.

SRA. BEM LERIAS: E ela vinha sempre carregadinha.

SRA. BEM LERIAS: Levava, ia carregada de peixe para lá e depois vinha carregada de fruta para cá.
SPEAKER_02: Era giro.
SRA. BEM LERIAS: Depois que aqui começou a ter mais barcos, já ficam mais industrializados, já começou a ter os trator, já não era à mão.
SRA. BEM LERIAS: Em vez de dar um lance ou dois, já dava um três ou quatro.
SRA. BEM LERIAS: que tinha mais capacidade de fazer mais pesca.
SRA. BEM LERIAS: E aí já vinham carrinhas aqui buscar.
SRA. BEM LERIAS: E esses carrinhas depois já iam para Aveiro ou iam para Matozinhos, percebes?
SRA. BEM LERIAS: Mas eles já não compraram só o meu pai, por exemplo, compraram quatro ou cinco pescadores, tudo o que eles vendiam, percebes?
SRA. BEM LERIAS: Mas mesmo assim havia sempre um ninhinho de algumas varinas que eles vendiam sempre.
SRA. BEM LERIAS: Enquanto havia a pesca, havia sempre varinas.
SRA. BEM LERIAS: Havia sempre para as duas situações.
SRA. BEM LERIAS: Portanto, estou aqui espinho e não consegues ver varinas, não consegues.
SRA. BEM LERIAS: Aqui já, acho que já morreu.
SRA. BEM LERIAS: Acho que a última morreu há três ou quatro anos.
SRA. BEM LERIAS: Não, mas é, é pena.
SRA. BEM LERIAS: Vocês não é bem qualquer coisinha, mas... Ainda bem que não viemos um pouco depois.
SRA. BEM LERIAS: É pena que sabes porquê?
SRA. BEM LERIAS: Porque há coisas que também eram más porque era duro o trabalho, mas havia coisas boas, sabe?
SRA. BEM LERIAS: Mas pronto, é tudo, é assim.
SRA. BEM LERIAS: É como acaba, é como as correios e outras coisas.
SPEAKER_02: Eu sei.
SRA. BEM LERIAS: Comprar o bilhete no comboio, antes tínhamos a bilheteira, agora vocês nem sabem o que é, se calhar, o que é isso.
SRA. BEM LERIAS: E eu ainda me lembro de comprar o bilhete no homenzinho.
SRA. BEM LERIAS: Não tinha mais bilhetezinhos, ainda tenho alguns quando eu ia para o porto.
SRA. BEM LERIAS: Porque ia para a Soares e apanhava aquelas bilhetinhas, sabes?
SRA. BEM LERIAS: Sim.

SRA. BEM LERIAS: Agora é tudo na máquina.

SRA. BEM LERIAS: É tudo muito diferente.

SRA. BEM LERIAS: Vocês agora têm uma geração que já não veem aquilo que eu... Coisas boas, mas outras coisas que já não são tanto.

SRA. BEM LERIAS: Olha, dúvidas aqui em relação a alguma coisa.

ISABELA: Acho que só tenho uma última dúvida.

ISABELA: Qual seria o local da casa que acho que usava mais?

SRA. BEM LERIAS: Cozinha.

SRA. BEM LERIAS: Cozinha, sabe o quê?

SRA. BEM LERIAS: Eu tinha o fogão de lenha, tínhamos que tomar conta do fogão.

SRA. BEM LERIAS: Olha, ai de nós, ai de nós, muito mais que a conta do fogão.

SRA. BEM LERIAS: Não vou responsabilizar de quem ficava.

SRA. BEM LERIAS: Eu acho que uma vez até fiquei com trauma.

SRA. BEM LERIAS: Porque a de manhã, por exemplo, eles iam todos pescar.

SRA. BEM LERIAS: E a minha mãe, eles depois tinham que vender aquilo.

SRA. BEM LERIAS: Põe-se a lota, estás a ver?

SRA. BEM LERIAS: Nós tínhamos uma lota aqui.

SRA. BEM LERIAS: Já viste?

SRA. BEM LERIAS: Não é que ficava a lota, a antiga.

SRA. BEM LERIAS: Ana, ia lá a rua que tu estavas a ver.

SPEAKER_01: No fundo, não é que não tem lá qualquer coisita.

SRA. BEM LERIAS: Ia lá a lota.

SRA. BEM LERIAS: Mas antes era maiorzinha, agora fazia uma coisinha minúscula, antes era maior.

SRA. BEM LERIAS: Os pescadores entram lá a vender.

SRA. BEM LERIAS: A minha mãe vendia, por exemplo, um pouco de peixe.

SRA. BEM LERIAS: Os pescadores do meu pai apanhavam.

SRA. BEM LERIAS: Então ela que era a responsável da venda, até ela ficava na lota.

SRA. BEM LERIAS: E depois vinha aqui, tipo, às oito e meia, assim.

SRA. BEM LERIAS: Porque eles iam muito de madrugada, assim.

SRA. BEM LERIAS: Eles iam, tipo, três, quatro da manhã.

SRA. BEM LERIAS: E ela vinha para tomar um pequeno almoço, ou às vezes para levar para lá para o meu pai, quando o meu pai vinha só levar o peixe, levava o pequeno almoço assim rapidamente, ou levava para a praia e depois tomava.

SRA. BEM LERIAS: E eu tinha que ficar responsável por fazer um pequeno almoço, então eu tinha que levantar.

SRA. BEM LERIAS: Eu tinha que tomar conta de leite para não virar, porque o leite era daquile, tinha que ser fervido.

SRA. BEM LERIAS: Tinha que ser fervido e senão era fresco, então tínhamos que ferver.

SRA. BEM LERIAS: E eu tinha que ter aquela responsabilidade de não virar o leite.

SRA. BEM LERIAS: Tinha sempre aquele medo de manhã, porque a responsabilidade era minha.

SRA. BEM LERIAS: Depois tínhamos que fazer o café em pó, não era chegar e já está instantâneo.

SRA. BEM LERIAS: Eu tinha que tomar conta e depois tinha que estar sempre lá a mexer, a mexer.

SRA. BEM LERIAS: Era uma responsabilidade de manhã, era comigo, um pequeno irmão.

SPEAKER_02: E esta, a cozinha?

SPEAKER_02: Ah, tem duas cozinhas.

SRA. BEM LERIAS: Tem duas, mas nós usávamos mais esta porque, assim, eu vou-vos explicar.

SRA. BEM LERIAS: A minha mãe, por exemplo, alugava no verão, não é?

SRA. BEM LERIAS: Mas mesmo assim nós não usávamos esta cozinha, mas esta cozinha para já é pequenininha demais.

SRA. BEM LERIAS: Depois tinha o fogão de gás e nós usávamos sempre o fogão de lenha.

SRA. BEM LERIAS: Nós íamos à lenha, tínhamos sempre muita lenha.

SRA. BEM LERIAS: Então, como tínhamos aqui o fogão de lenha, e ela também ficava mais quentinha,

SRA. BEM LERIAS: Nós usávamos sempre mais esta cozinha.

SRA. BEM LERIAS: Nós, praticamente, nunca usávamos esta cozinha.

SRA. BEM LERIAS: Esta cozinha foi só usada, praticamente, pelas pessoas no mês de julho e no mês de agosto que ela alugava.

SRA. BEM LERIAS: Porque nós não usávamos, nós usávamos sempre esta cozinha aqui.

SRA. BEM LERIAS: Mesmo no resto do ano todo.

SRA. BEM LERIAS: Mesmo que fôssemos dormir aqui, nós usávamos esta cozinha aqui.

SRA. BEM LERIAS: Nunca me esqueci, eu posso contar, que eu ficava sempre até às 500 a ver televisão, mas tínhamos a televisão aqui.

SRA. BEM LERIAS: E eu ficava com o meu irmão mais velho, um bocadinho e tal.

SRA. BEM LERIAS: A minha irmã não ligava muito.

...

SRA. BEM LERIAS: Eu fiquei cheia de medo do resto da noite.

SRA. BEM LERIAS: Só para mostrar assim uma... Daquela altura os filmes eram só domingo à tarde.

SRA. BEM LERIAS: Era um domingo à tarde, e era à quarta-feira à noite, e era à sexta-feira à noite, só naqueles dinhas é que dava assim as filmes.

SRA. BEM LERIAS: À domingo à tarde eram filmes familiares que qualquer pessoa podia ver, mas, por exemplo, certos filmes eram tipo à quarta à noite ou à sexta à noite, ou sábado à noite, depois já não havia mais nada.

SRA. BEM LERIAS: Agora pronto, a gente é Netflix e tal.

SRA. BEM LERIAS: Mas é como eu te digo, a realidade mudou completamente.

SRA. BEM LERIAS: Mas eu ficava sozinha a ver.

SRA. BEM LERIAS: Engraçado.

SRA. BEM LERIAS: E uma das coisas que eles viam sempre, e era religiosa, eu detestava.

SRA. BEM LERIAS: Vinha sempre por causa do tema jornal, tinha sempre o tema jornal e tinha que estar caladinho.

SRA. BEM LERIAS: Naquele tempo era assim, não era só meus pais, era de toda a gente.

SRA. BEM LERIAS: Era de toda a gente, a gente ia a jantar, podíamos estar caladinhas.

SRA. BEM LERIAS: Estava aqui, mas pronto, imaginei, ainda existe um bocadinho isso.

SRA. BEM LERIAS: Agora já, cada vez mais as pessoas paravam e viam as novelas, mas também nunca ouviu muito isso.

SRA. BEM LERIAS: E também nunca se ligou muito aqui.

SRA. BEM LERIAS: Mas antigamente ligavam muito a televisão e as novelas, mas ficavam assim todos um bocadinho.

SRA. BEM LERIAS: É que mudou bastante, é o que eu te digo.

SRA. BEM LERIAS: Em termos de cultura, das atividades, sempre havia muita atividade aqui assim familiar e nós brincávamos aqui também muito no pátio.

SRA. BEM LERIAS: não se vê, agora as crianças ficam a ficar com o telemóvel, com o computador também já não se vê a criança já não tem tantos passos para brincar não tem isso lá nós não temos nada nós também brincavamos, nós não tínhamos nada nós tínhamos a rua, nós brincavamos na rua assim há alguns jogos, estás a ver esta rua aqui nós brincavamos todos, os meninos todos daqui viemos todos aqui para esta zona a brincar imagina, agora tens a descampar, antes tinhas aqui o campismo tinhas este passeio aqui que está ali a vermelho tinhas mais um bocadinho

SRA. BEM LERIAS: Aquelas florezinhas todas estão ali.

SRA. BEM LERIAS: Era um carreirinho de florezinhas.

SRA. BEM LERIAS: Depois a seguir tinhas um muro.

SRA. BEM LERIAS: Tu não tinhas nada disto.

SPEAKER_02: Era logo um muro que tinhas o campismo.

SRA. BEM LERIAS: Nessa fotografia, acho que aparece... Nessa coisa, no registro do terreno aparece isso.

SRA. BEM LERIAS: Eu vou-te buscar no instantinho.

SRA. BEM LERIAS: Tu tens as fotografias, estou preciso.

SRA. BEM LERIAS: Tens o registro logo ali do campismo.

MARGARIDA: Eu tinha uma outra pergunta que era se tinha algum jogo específico?

SRA. BEM LERIAS: Sim, a macaca era às escondidas, nós tínhamos as corridas.

SRA. BEM LERIAS: Como é que tem aquele prédio ali grande?

SRA. BEM LERIAS: Estás a ver?

SRA. BEM LERIAS: Aquela prédio amarelo ali.

SRA. BEM LERIAS: Amarelo, sei.

SRA. BEM LERIAS: Antes de se construir, naquele prédio nós chamávamos a Mata Pequena.

SRA. BEM LERIAS: Nós chamávamos mesmo a Mata Pequena, porque era uma matinha.

SRA. BEM LERIAS: Uma matinha, porque só tinha a meia dúzia de ervinhas, umas árvores, e tinha um carvalho no meio, assim.

SRA. BEM LERIAS: E então tinha um carvalho jeitoso, nós chamávamos a gaio, ambalhue-se, mas nós chamávamos a gaio, de outras vezes os termos que a gente usava, que era uma corda,

SRA. BEM LERIAS: E depois tínhamos um bocado de madeira e nós andávamos lá todas as pessoas a brincar.

SRA. BEM LERIAS: Tínhamos um bocado de areia, aquilo tinha areia, nós brincávamos lá à vontade, porque aquilo tinha umas dunazinhas.

SRA. BEM LERIAS: E os meus iam todos, não é que nós brincávamos para a mata, estávamos ali todos na brincadeira.

SRA. BEM LERIAS: E quando não estávamos na mata, caralho, naquela zona ali, era muito giro, era uma matinha pequenininha.

SRA. BEM LERIAS: Era o nosso campo de brincadeiras, não tínhamos nada.

SRA. BEM LERIAS: Sim.

SRA. BEM LERIAS: E quando não estávamos aí, estávamos aqui em frente, brincávamos aqui todos, aqui na zona do rotundo, porquê?

SRA. BEM LERIAS: Porque era a zona central, tínhamos aqui a rotunda e ficávamos mais aqui.

SRA. BEM LERIAS: Brincávamos, era jogar futebol, às vezes roubávamos os... Quando as nossas mães, toda a gente tinha coubes, então, volta e meia, eles arrancavam as coubes, não sei, para depois se tornar a plantar, não percebo.

SRA. BEM LERIAS: Sim.

SRA. BEM LERIAS: E tinha aqueles caulzinhos grandes das coubes.

SRA. BEM LERIAS: E aquilo fazia assim, estás a ver?

SRA. BEM LERIAS: Porque as coubes não nascem assim, não nascem assim.

SRA. BEM LERIAS: E a parte de raiz faz aquele caulo.

SRA. BEM LERIAS: Então eles parecia uma moca.

SRA. BEM LERIAS: E nós íamos jogar, fazíamos, naquela altura era muito patins e linha, fazíamos, não era patins e linha, Hockey patins.

SRA. BEM LERIAS: Tinha uma bolinha e depois andava.

SRA. BEM LERIAS: Nós não tínhamos patins, mas tínhamos as mocas que eram das coubes.

SRA. BEM LERIAS: Mas era mesmo piada, era mesmo para rir, porque os miúdos não tinham nada.

SRA. BEM LERIAS: Então, quando a gente via eles a deitar no lixo as coisas das coisas, a gente ia lá a buscar, e andávamos no meio da rua, brincavamos com uma bolinha, e faz de conta que era de jogar ao compatismo, mas era de rir mesmo, porque eram os miúdos todos, rapaz, rapaz, não tínhamos brinquedos, vocês vão falar, na minha cabeça, não tínhamos brinquedos.

SRA. BEM LERIAS: Brincávamos com o que havia na rua, jogávamos ao futebol, era giro, depois vinha um carro,

SRA. BEM LERIAS: De vez em quando, lá aparecia um carro, estás a ver?

SRA. BEM LERIAS: De vez em quando aparecia um carro.

SRA. BEM LERIAS: Então, quando havia um carro ao longe, alguém dizia, olha o carro!

SRA. BEM LERIAS: E a gente afastava-se, achava o carro passar, todos pagavam outra vez e continuávamos como se não, mas nada.

ISABELA: Ah, é por isso que jogavam muito na rua também.

SRA. BEM LERIAS: Na rua, porque não havia carros.

SRA. BEM LERIAS: Só os ricos, mesmo ricos, é que tinham carros.

SRA. BEM LERIAS: Sim, mas... Então, como havia poucos ricos, havia poucos... A rua era para as pessoas a andar à vontade.

SRA. BEM LERIAS: Era a macaca e tinha um jogo muito engraçado também, porque lá está, agora já não se pode jogar, era isso.

SRA. BEM LERIAS: Também tinha a malha, mas a malha era mais para os homens.

MARGARIDA: E as pessoas mais velhas tinham alguns jogos, para além da malha, o peão também?

SRA. BEM LERIAS: Sim, sim.

SRA. BEM LERIAS: Por exemplo, esse tipo de jogos, eles já brincavam mais na zona do Tasco.

SRA. BEM LERIAS: Estás a perceber?

SRA. BEM LERIAS: Ok.

SRA. BEM LERIAS: Antes da Lota, ter lá uma casinha, primeiro andar pequenininha.

SRA. BEM LERIAS: É mesmo a única que tem lá, logo a seguir à Lota, para o lado de cá.

SRA. BEM LERIAS: E o de antes de lá era o Tasco.

SRA. BEM LERIAS: Era muito giro, porque aquilo era terra batida mesmo.

SRA. BEM LERIAS: Antigamente não tinha chão.

SRA. BEM LERIAS: O chão era terra mesmo batida.

SRA. BEM LERIAS: E era muito giro, porque eu nunca me esqueci.

SRA. BEM LERIAS: Eu ia lá buscar o pão, nós tínhamos que ir lá buscar o pão.

SRA. BEM LERIAS: E ela também vendia, com os barris, o copo, aqueles copos de vinho, os homenzinhos estavam lá.

SRA. BEM LERIAS: Mas eu achava giro o ambiente, porque tu entravas, deste lado tinhas um balcão e aquele cheiro de vinho tinto junto com a lixívia, porque ela estava sempre para a lexívia limpar o balcão.

SRA. BEM LERIAS: O balcão era aquela pedra-mármora branquinha.

SRA. BEM LERIAS: Logo na entrada tinha assim o pão.

SRA. BEM LERIAS: tapado com um vidrozinho, depois ela tirava o pão para o saquinho e a gente trazia o saquinho de pão.

SRA. BEM LERIAS: Era a tia Matilde.

SRA. BEM LERIAS: Não quero me esquecer, ela tinha uns olhos azuis muito lindos e era viúva.

SRA. BEM LERIAS: Era viúva porque o marido dela tinha morrido também no mar.

SRA. BEM LERIAS: Já vi muito isso.

SRA. BEM LERIAS: Quando eu era miúda, agora já nem tanto.

SRA. BEM LERIAS: Mas naquele tempo ainda havia muitas viúvas de pessoas, porque havia muitos... Era perigoso.

SRA. BEM LERIAS: O mar era muito perigoso.

SRA. BEM LERIAS: E ela ficou lá com o tasquinho e a filha dela ficava na cozinha a fritar as coisas e coisas que elas vendiam de comida.

SRA. BEM LERIAS: E depois deste lado, tinha umas quatro mesas grandes, estavam sempre cheias, os arrumazinhos estavam sempre lá, quando não estavam na pesca, estavam sempre lá enfiados, a jogar as cartas.

SRA. BEM LERIAS: E jogavam, e depois tinham aquelas coisinhas com as bolinhas, não sei se vocês já viram.

SPEAKER_02: Eu nunca me esqueci.

SRA. BEM LERIAS: Estás a ver o papel mata-morrão que eles usavam para embrulhar tudo.

SRA. BEM LERIAS: Antigamente era o papel mata-morrão.

SRA. BEM LERIAS: Então o que é que eles faziam?

SRA. BEM LERIAS: Eu também fui pegar uma coisa mais fininha.

SPEAKER_01: Tenho aqui uma se quiser.

SRA. BEM LERIAS: Era muito engraçada porque eles tinham.

SRA. BEM LERIAS: e depois iam jogando às cartas e depois faziam assim, por exemplo, não sei, eu não faço ideia porquê.

SRA. BEM LERIAS: Eu acho que ainda fazem isso hoje em dia.

SRA. BEM LERIAS: Depois punham bolinhas, percebes?

SRA. BEM LERIAS: Conforme tu ias ganhando.

SRA. BEM LERIAS: Quem tivesse mais bolinhas ganhava aquilo.

SRA. BEM LERIAS: Então eu entrava e via montes de papéis de matamorrom

SRA. BEM LERIAS: Tracinhos com um monte de bolinhas, assim, não precisava daquilo, aquilo para mim era chinês, mas era muito engraçado, não estás a perceber?

SRA. BEM LERIAS: Em todas as mesas lá estavam eles a jogar aquilo e tinham um monte de papeizinhos e ficava um responsável para apontar quem é que depois ganhava, pois quem perdia tinha que pagar os copos, porque deve ter sido isso, então eles estavam nem com aquela coisa, mas é para depois beber, sabes?

SRA. BEM LERIAS: Então eles estavam sempre lá todas enfiadas no tasquinho da Tia Matilde, aquele é mesmo pequenininho.

SRA. BEM LERIAS: Mas se conseguias imaginar aquilo, tinhas que entrar na portinha e depois é tudo em terra batida, aquilo nem chão tinha.

SRA. BEM LERIAS: Mas era muito limpinha, mesmo muito limpinha.

SRA. BEM LERIAS: Nós íamos lá buscar o pão.

SRA. BEM LERIAS: Depois só tinha essa lojinha e mais outra mais à frente.

SRA. BEM LERIAS: E isso aí não existe.

SRA. BEM LERIAS: Se quiseres ir lá hoje, não existe essa de tasquinho.

SRA. BEM LERIAS: Agora já está diferente, não está tão de tasco.

SRA. BEM LERIAS: Mas, por exemplo, essa senhora que é Tim Matilde, ficou sempre a Tia Matilde, porque ela era a dona do tasco.

SRA. BEM LERIAS: Ela imagina, naquela altura, nós, para tomar, por exemplo, uma injeção, tínhamos que ir à farmácia ou ao posto médico, ou na farmácia.

SRA. BEM LERIAS: A senhora da farmácia era horrível.

SRA. BEM LERIAS: Doía tanto, sério, porque aquelas agulhas eram mesmo aquelas grossas.

SRA. BEM LERIAS: Imagina que ela ainda aqui ficava doente e precisava tomar uma injeção e não podia ir lá acima.

SRA. BEM LERIAS: Essa senhora, ela tinha formação, não sei, ela ensinou, ela tinha formação disso, ela tinha aquelas coisinhas que tinham fogão e as agulhas e fervia mesmo no fogão, então ela trazia e nunca me esquece, mesmo no nosso fogão a ferver as agulhas para depois mudar a...

SRA. BEM LERIAS: A penicilina, estás a ver?

SRA. BEM LERIAS: Penicilina.

SRA. BEM LERIAS: Com agulhas grossas.

SRA. BEM LERIAS: Era uma maravilha.

SRA. BEM LERIAS: Eu fugia pela casa toda, depois a minha mãe agarrava-me e ela lá me dava.

SRA. BEM LERIAS: Mas ela vinha aqui muitas vezes e fazia isso a toda a gente.

SRA. BEM LERIAS: E era sempre a mesma agulha, porque ela farabia mesmo na casa das pessoas ali, acabadinha de farbear.

SRA. BEM LERIAS: uma daquelas direções de vidro.

SRA. BEM LERIAS: Aquelas sorinhas de vidro.

SRA. BEM LERIAS: E é tudo ali, à beira da lota, por exemplo, esses jogos.

SRA. BEM LERIAS: Os homens ficavam mais nessa zona.

SRA. BEM LERIAS: Também era a terra abatida, o chão da rua, percebes?

SRA. BEM LERIAS: Tinha que ser em barro.

SRA. BEM LERIAS: Não dá para jogar nestas coisas.

SRA. BEM LERIAS: Eles jogavam mais nesse sítio, à beira da lote, à beira desse tasco.

SRA. BEM LERIAS: Tudo que fosse dos homens era mais para essa altura.

SRA. BEM LERIAS: Eu queria era as crianças neste sítio.

SRA. BEM LERIAS: Percebeste?

SRA. BEM LERIAS: Tem-se uma lógica.

SRA. BEM LERIAS: Não é por acaso que eles iam para ali.

SRA. BEM LERIAS: Estava ali um tasco.

SPEAKER_02: É diferente.

...

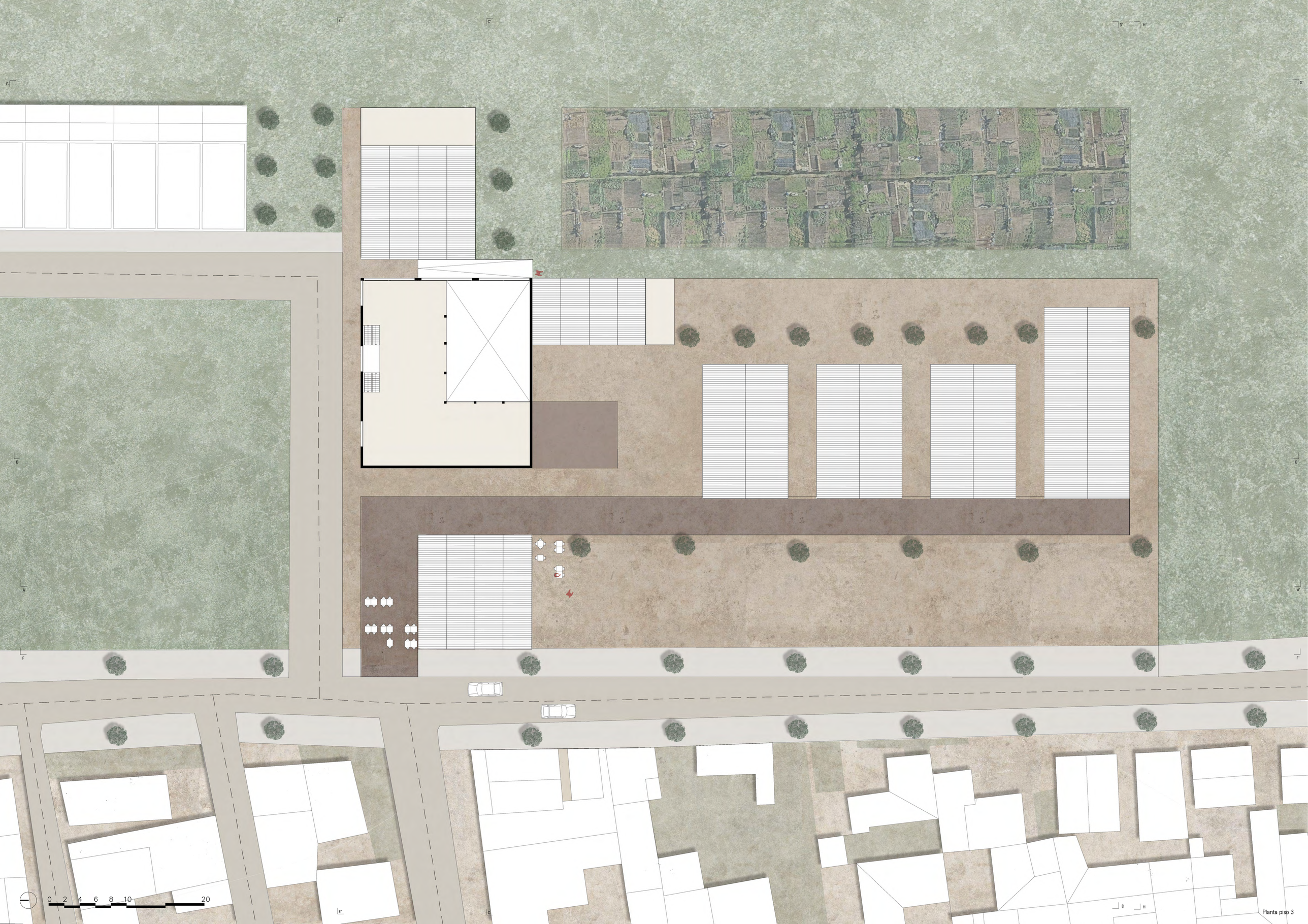
11-Anexo II



Planta piso 1

0 2 4 6 8 10 20

Planta piso 2



Planta piso 3



Corte-Alçado AA'



Corte-Alçado BB'



Corte-Alçado CC'



Corte-Alçado DD'



Alçado EE'



Alçado FF'



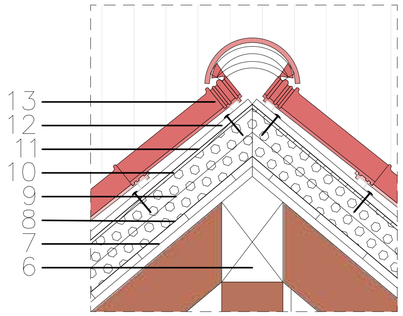
Alçado GG'

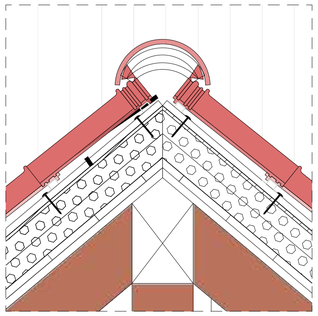


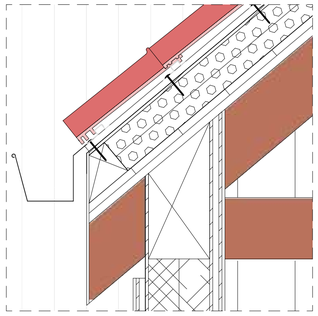
Alçado HH'

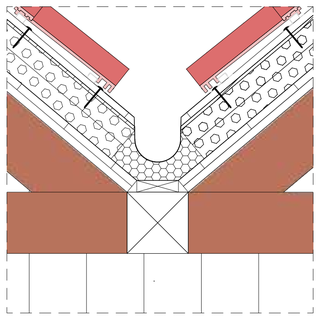
Lengenda dos Pormenores

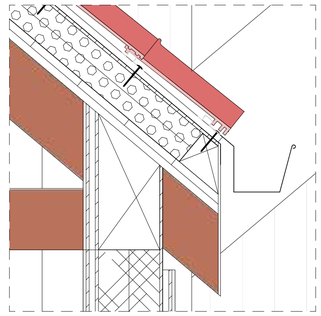
1- Revestimento em tábuas de madeira (2 cm)
2- Caixa de ar criada através de apoios para sistema de pavimento flutuante (4,5 cm)
3- Membrana betuminosa impermeável (0,4 cm)
4- Duplo tabuado cruzado em madeira (2,5 + 2,5 cm)
5- Estrutura em madeira timber frame (20 cm)
6- Estrutura em madeira timber frame (20 cm)
7- Duplo tabuado cruzado em madeira (2,5 + 2,5 cm)
8- Barreira de vapor em polietileno (0,03 cm)
9- Dupla camada de isolamento térmico em painéis de cortiça com juntas desencontradas (6 + 6 cm)
10- Painel OSB (1 cm)
11- Membrana betuminosa impermeável (0,4 cm)
12- Sistema subtelha ONDULINE (2,2 cm)
13- Revestimento em telha portuguesa fixada através de ripa metálica (10,6 cm)
14- Estrutura em madeira timber frame (20 cm)
15- Duplo tabuado cruzado em madeira (2,5 + 2,5 cm)
16- Caixa técnica para instalações criada através de barrotes de madeira (5,5 cm)
17- Tabuado em madeira (2,5 cm)
18- Manta isolante em cortiça e borracha (0,2 cm)
19- Revestimento em soalho de madeira (2 cm)
20- Revestimento em tábuas de madeira pintadas de branco (1 cm)
21- Painel OSB (1 cm)
22- Isolamento acústico em painéis de lã de rocha (16 cm)
23- Painel OSB (1 cm)
24- Revestimento em tábuas de madeira pintadas de branco (1 cm)
25- Revestimento em parquet (2 cm)
26- Manta isolante em cortiça e borracha (0,2 cm)
27- Tabuado em madeira (2,5 cm)
28- Caixa técnica para instalações criada através de barrotes de madeira (5,5 cm)
29- Barreira de vapor em polietileno (0,03 cm)
30- Duplo tabuado cruzado em madeira (2,5 + 2,5 cm)
31- Dupla camada de isolamento térmico em painéis de fibra de madeira (10 + 10 cm)
32- Membrana impermeável respirável em polipropileno compósito (0,09 cm)
33- Fecho através de painel OSB (2,5 cm)
34- Estrutura em madeira timber frame (20 cm)
35- Revestimento em tábuas de madeira pintadas de branco (1 cm)
36- Painel OSB (1 cm)
37- Caixa de ar criada através de barrotes de madeira (2 cm)
38- Painel OSB (1 cm)
39- Dupla camada de isolamento em painéis de fibra de madeira (10 + 10 cm)
40- Estrutura em madeira timber frame (20 cm)
41- Painel OSB (1 cm)
42- Barreira de vapor em polietileno (0,03 cm)
43- Caixa de ar ventilada criada através de barrotes de madeira (2 cm)
44- Painel OSB (1 cm)
45- Revestimento em tábuas de madeira (1 cm)

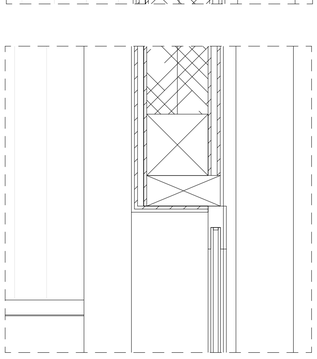


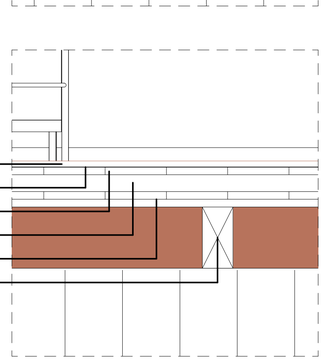


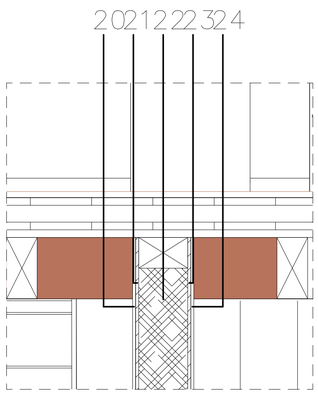


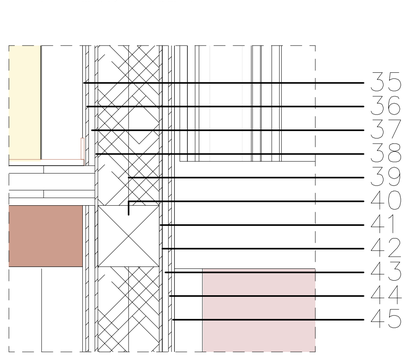


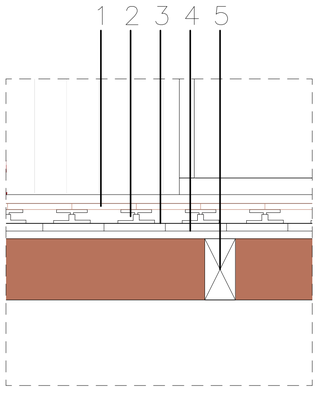


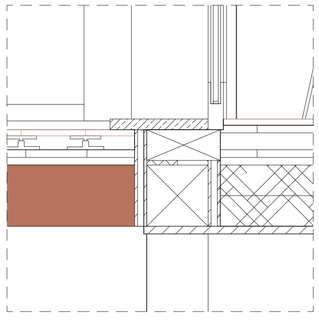


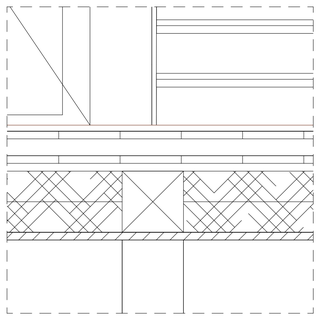


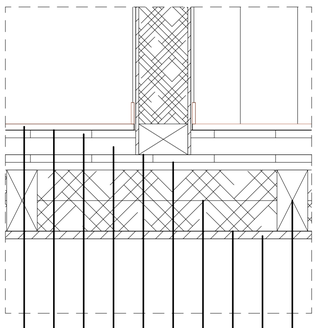


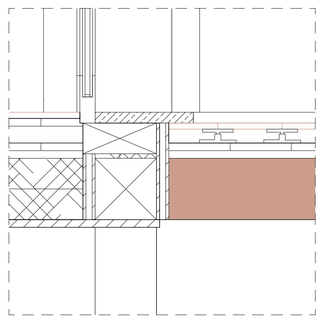


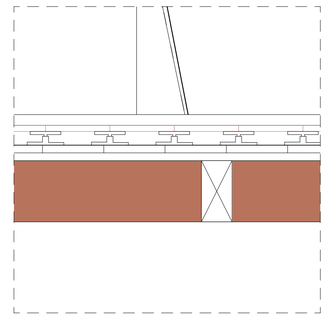












0 0.1 0.2 0.3 0.4 0.5 1